

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO – UPE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS

ROGÉRIO DE ANDRADE SOUSA

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CHÃO DA ESCOLA: UMA
PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL -
ANOS INICIAIS

NAZARÉ DA MATA-PE

2021

ROGÉRIO DE ANDRADE SOUSA

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CHÃO DA ESCOLA: UMA
PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL -
ANOS INICIAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS - da Universidade de Pernambuco – UPE – *Campus* Mata Norte, como requisito para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Rossana Ramos Henz

Nazaré da Mata-PE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte
Biblioteca Mons. Petronilo Pedrosa, Nazaré da Mata – PE, Brasil

S725v Sousa, Rogerio de Andrade
 A variação linguística no chão da escola: uma proposta didática
 para o ensino fundamental – anos iniciais / Rogerio de Andrade Sousa. –
 Nazaré da Mata : [s.n], 2021.
 155 p. : il.

 Orientadora: Rossana Ramos Henz

 Dissertação (Mestrado) – Universidade de Pernambuco, Campus
 Mata Norte, Mestrado Profissional em Letras, Nazaré da Mata, 2021.

 1. Preconceito Linguístico. 2. Variação Linguística. 3. Educação
 Linguística. 4. Proposta Didática. I. Henz, Rossana Ramos (orient.). II.
 Título.

CDD 410.7

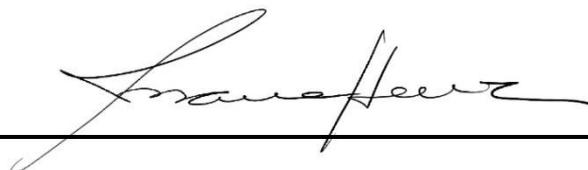
ROGERIO DE ANDRADE SOUSA

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CHÃO DA ESCOLA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS

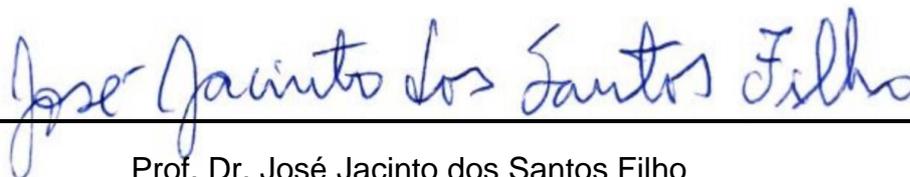
Trabalho de conclusão de curso para a obtenção do título de mestre apresentado à Universidade de Pernambuco (UPE) - *Campus Mata Norte*.

Data de aprovação: 17/ 05/2021

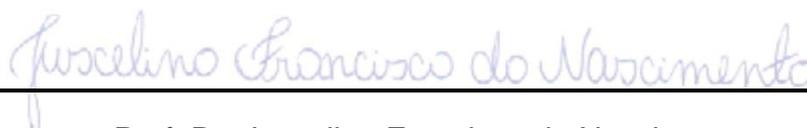
Banca Examinadora



Prof.ª. Dra. Rossana Ramos Henz
Universidade de Pernambuco(UPE)
(Orientadora)



Prof. Dr. José Jacinto dos Santos Filho
Universidade de Pernambuco(UPE)
(Examinador interno)



Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
(Examinador externo)

Nazaré da Mata-PE

2021

Aos meus amados e queridos pais: Iroiton Gomes de Sousa e Aíde Maria de Andrade Sousa, meus maiores mestres e MEUS MAIORES AMORES. O mundo pode desacreditar em mim; mas eles nunca. E a minha querida e amada orientadora Prof^a Dra. Rossana Ramos Henz. A quem nunca esquecerei do que fez por mim. Se cheguei até aqui foi porque fui RESGATADO por ela. Meu exemplo de professora.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por absolutamente tudo que me tem proporcionado.

Aos meus pais pelo amor incondicional. Não consigo medir o tamanho do amor de vocês por mim.

A minha orientadora, Profa. Dr^a Rossana Ramos Henz que me salvou no momento mais difícil do curso. Tenho uma gratidão imensurável por tudo que fez por mim, pela forma profissional e gentil que me conduziu e ter se tornado uma inspiração para mim em diversos sentidos.

A todos os professores do curso do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS –pela UPE - Campus Mata Norte .

À CAPES por apoiar a muitos alunos ao prosseguir na ampliação da vida acadêmica.

Ao meu grande amigo e irmão de alma Genilson Oliveira Costa Silva pelo socorro e colaboração sempre com extrema paciência quando eu não a tinha mais.

Aos meus queridos companheiros de curso, a quem conheci e passei a admirar com muito carinho.

Aos amigos mais próximos que sempre me motivaram e nunca deixaram de dizer que acreditavam em mim.

À EREM Creusa de Freitas Cavalcanti pelo apoio na realização durante todo o curso.

Aos queridos alunos que, sem perceber, me motivavam o tempo todo a melhorar cada vez mais.

Enfim, a cada um que de alguma forma me incentivou, me ajudou, exercitou sua paciência, e me fez alvo de sua bondade e carinho. Sou muito grato a todos.

“Os portugueses não são os “donos da língua”[...]Os donos da língua, de qualquer língua, são os seus falantes nativos, aqueles que a aprendem no convívio com a mãe...com o povo do qual fazem parte”.

(BAGNO, 2020, p.25).

RESUMO

Nosso trabalho tem como ponto de partida, as dificuldades enfrentadas pelos professores de língua portuguesa com vistas ao ensino das variações linguísticas. A partir desse problema, iniciamos um trabalho de pesquisa com o objetivo de refletir sobre a língua, seus usos, adequações/inadequações e os motivos geradores do nosso problema. E encontramos nos postulados de teóricos como Stella Maris Bortoni-Ricardo (2005; 2019) e Marcos Bagno (2003; 2020) dentre outros, a base científica que garantiu uma compreensão mais ampla sobre o assunto e respostas para muitos questionamentos. Em função do caráter da nossa pesquisa, a metodologia adotada é de base qualitativa bibliográfica. E como resultado final desse trabalho, apresentamos um manual com propostas didáticas voltadas para o ensino das variações linguísticas no ensino fundamental nos anos iniciais. Foram consideradas durante a elaboração das atividades as teorias estudadas a fim de garantir que cada proposta seja comprometida com um ensino livre de preconceitos ou valores sociais que prestigiam uma variante em detrimento das demais e, assim, oportunizem um conhecimento somado ao respeito para com todas as formas de uso da língua.

Palavras-chave: Preconceito Linguístico. Variação Linguística. Educação Linguística. Proposta Didática. Ensino.

ABSTRACT

Our work has as a starting point, the difficulties faced by teachers of Portuguese language with a view to teaching linguistic variations. Based on this problem, we started a research work with the objective of reflecting on the language, its uses, adaptations / inadequacies and the reasons that generated our problem. And we find in the postulates of theorists like Stella Maris Bortoni-Ricardo (2005; 2019) and Marcos Bagno (2003; 2020) among others, the scientific basis that guaranteed a broader understanding on the subject and answers to many questions. Due to the character of our research, the methodology adopted is based on a qualitative bibliographic basis. And as a final result of this work, we present a manual with didactic proposals aimed at teaching linguistic variations in elementary school in the early years. During the elaboration of the activities, the theories studied were considered in order to ensure that each proposal is committed to a teaching free of prejudice or social values that honor one variant to the detriment of the others and, thus, provide a knowledge added to the respect for all people. ways of using the language.

Keywords: Linguistic Prejudice. Linguistic Variation. Language Education. Didactic Proposal. Teaching.

SUMÁRIO

1-	INTRODUÇÃO	11
2-	FUNDAMENTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA	17
2.1-	Vertentes Da Sociolinguística	21
2.1.1-	Sociolinguística Variacionista	21
2.1.2-	Sociolinguística Interacional	24
2.1.3-	Sociolinguística Educacional	25
2.2-	Preconceito Linguístico	28
2.3-	A Educação Linguística	36
2.4-	A Formação do Professor do Ensino Fundamental - Anos Iniciais - e a Variação Linguística	44
3-	PERCURSO METODOLÓGICO	50
3.1	Elaboração de um Manual Didático	52
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
4-	REFERÊNCIAS	59
	APÊNDICES	
1-	MANUAL DE PROPOSTAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUISTICA: UM PLANEJAMENTO NECESSÁRIO	
2-	DOCUMENTO DE DEFINIÇÃO DO PROFLETRAS	

1- INTRODUÇÃO

O mundo está sendo assolado por uma pandemia gerada pela propagação do novo coronavírus SARS-CoV-2, que é responsável por provocar doenças respiratórias e de fácil contaminação entre as pessoas, o que nos impede de manter contato físico uns com os outros. Por essa razão, o PROFLETRAS, programa de mestrado profissional, foi obrigado a adaptar-se a esta realidade e alterou algumas de suas configurações. Assim, nosso trabalho, que tinha como propósito inicial a aplicação de um projeto de intervenção pedagógica, foi alterado. E, agora modificado, evidencia um Manual de Propostas Didáticas de aplicação teórico/prática para o ensino da língua portuguesa no tocante às variações linguísticas, o que configura como produto dessa pesquisa.

Uma vez explicada a mudança sofrida e necessária em nosso trabalho, passamos a expor as motivações que nos conduziram a escolha do tema, as bases científicas que garantem sustentação aos nossos estudos, como se deram as atividades em todo o percurso da pesquisa e por fim, nossa contribuição, ao mesmo tempo para a ciência e para a educação.

O embrião do nosso trabalho nasceu a partir de observações que temos feito ao longo de nossa experiência profissional. E como não poderia ser diferente, diversos questionamentos surgiram a partir dessas experiências escolares compartilhadas com professores. Um desses questionamentos deu origem a nossa atual pesquisa: Como trabalhar a Variação Linguística na escola e contribuir para que as pessoas entendam o papel de cada falante e de cada variante na sociedade? Nesse intento, procuramos investigar, a partir dos estudos da variação linguística, na perspectiva de Bagno (2015), como se dá o conceito de “certo” e “errado” na fala e na escrita. Também estudamos o papel da escola/professor no tocante a esse assunto, à luz da Sociolinguística.

A partir desse trabalho investigativo, objetivamos principalmente a elaboração de uma proposta metodológica (manual) com vistas ao ensino de língua na perspectiva da variação linguística. E para completar nosso escopo

buscamos refletir sobre as variações e compreender a necessidade de adequação no uso da língua em diferentes contextos a fim de evitar e combater a visão sobre uma única forma “correta” de usar a língua dada a sua heterogeneidade.

Justamente por estarmos atentos a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre esse tema, tratamos de expressar isso desde o título até as considerações finais. A metáfora “no chão da escola” apresentada no título desse trabalho nos remete à realidade enfrentada pela escola no dia a dia de suas atividades pedagógicas e que precisa, portanto, respeitar a pluralidade dos contextos vividos e experimentados por alunos e professores.

E é justamente em meio a essa diversidade que a escola precisa desenvolver no seu contexto, ou seja, “sobre o seu chão”, uma prática de educação linguística que trate com respeito cada variação e possibilite a aprendizagem da adequação e inadequação sobre o uso das variantes linguísticas, pois, o que percebemos como prática social é o oposto, e que apesar de toda evolução alcançada pela humanidade em tantas áreas, a supervalorização de uma variante em detrimento das outras ainda persiste, e a escola, infelizmente, colabora para a conservação desse quadro. E, como professores, sentimos a necessidade de estudar com mais profundidade o assunto e encontrar ferramentas que possam ajudar a combater esse preconceito.

Por isso foi necessário estabelecer um planejamento para a composição desse trabalho, o qual foi organizado em capítulos. E assim tratamos, primeiramente, dos fundamentos da Sociolinguística e consideramos três de suas vertentes, por estabelecerem uma relação mais direta com nossa pesquisa: Sociolinguística Variacionista, Sociolinguística Interacional e Sociolinguística Educacional. Na sequência abordamos o Preconceito Linguístico; a Educação Linguística, e para encerrar o estudo das teorias discorremos sobre A Formação do Professor do Ensino Fundamental. Em seguida explicamos nosso percurso metodológico e finalmente apresentamos nosso produto final: um manual de propostas didáticas para o ensino das variações linguísticas no ensino fundamental dos anos iniciais.

Temos a consciência de que nosso tema já tem sido bastante estudado, entretanto, apesar dessa condição, sabemos também que seu universo está longe do esgotamento. Ao contrário disso, cada vez mais extensões de pesquisa são ampliadas e aperfeiçoadas. No entanto, a despeito de tantos estudos e trabalhos nessa área, o que mais nos chamou a atenção e despertou nossa inquietude foi a dificuldade enfrentada pelos educadores em transformar toda essa gama de conhecimento em prática dentro e fora da escola. E repetimos: o ensino de uma língua homogênea insiste em permanecer quase absoluta. Falamos “quase” porque a consciência da heterogeneidade linguística parece só existir e valer para os professores de língua portuguesa.

E acreditamos que, assim como em nossa escola, essa é a realidade de muitas outras espalhadas pelo Brasil e que tal situação é resultado da soma de dois fatores, a saber: o desconhecimento dos estudos da Sociolinguística e de uma herança histórica/mito linguístico (BAGNO, 2005), que afirma existir uma forma “correta” de usar a língua e tudo que foge dela é errado. Toda essa problemática justifica a necessidade do nosso trabalho, cujo objetivo é elaborar uma proposta teórico/prática na forma de Manual Didático com vistas ao ensino de língua na perspectiva da variação linguística, por meio da observação e análise das variantes utilizadas na fala e na escrita dos alunos do Ensino Fundamental nos anos iniciais.

É no espaço escolar que nosso trabalho começa e é fora dele que ganhará corpo pois, os alunos levarão o conhecimento adquirido para a vida. E, claro, é por meio da mediação do professor que isso se concretiza. Escolhemos o educador como público-alvo porque o seu trabalho reflete no aluno e, entendemos que, vislumbrando aquele, alcançaremos esse.

O respeito a todas as variantes inicia na base da educação escolar e é o educador quem está diretamente ligado ao aluno e atua no processo de formação do cidadão. Por isso, não é concebível que a escola/professor continue a tratar a língua em uma perspectiva de certo e errado. Desse modo, afirmamos a necessidade de que o indivíduo, em sua formação linguística, precisa ser provocado a refletir sobre a língua, a fim de entender a variação linguística e compreender que as pessoas têm diferentes formas de falar para expressar a

mesma ideia e que esse fenômeno só revela a complexidade humana e conseqüentemente linguística evidenciando, que não há a dicotomia entre certo e errado, mas sim adequação ou inadequação à situação comunicativa. É necessário que a educação evidencie as variantes linguísticas de nosso país que dentre tantas características, revelam a marca identitária de cada um de nós.

No que tange à relação estabelecida entre os estudos sociolinguísticos e o ensino da Língua Portuguesa em nossas escolas, Bortoni-Ricardo (2005) destaca que a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Nesse ponto fica evidente a relação direta entre o preparo teórico do professor e o planejamento específico das atividades para o êxito do processo da educação linguística. É responsabilidade da escola/professor desenvolver atividades que visem ao crescimento intelectual do aluno e isso implica um trabalho de reflexão de uso crítico-consciente da língua. Mas como fazer isso quando o próprio professor apresenta lacunas em sua visão linguística? Por isso, somamos a Bortoni-Ricardo (2005) uma reflexão de Antunes (2007) que afirma a necessidade de uma “reprogramação” intelectual para professores, pais e alunos a respeito da visão de certo e errado no uso da língua.

Para que essa reprogramação ocorra, é preciso um trabalho sério, denso e contínuo, pois se trata de uma reeducação linguística no sentido de combater uma herança que data do Brasil-Colônia e, portanto, não é algo simples nem rápido de se resolver. Mas, se não podemos alcançar o país, podemos alcançar nosso aluno que está conosco no dia a dia.

Destacamos que nosso trabalho de pesquisa se configura nos postulados da Sociolinguística Interacional e Educacional, pautado na correlação entre língua e sociedade, e apoiado em estudos de autores como Bortoni-Ricardo (2005; 2019), Bagno (2003; 2020) e outros para nossa fundamentação teórica.

Toda essa pesquisa nos deu condições de oferecer ao professor um apoio a partir da elaboração de um manual que poderá lhe servir de apoio enquanto material pedagógico para que possa, em sua sala de aula, trabalhar junto ao seu aluno, desenvolvendo uma consciência metalinguística apropriada sobre as variações e os seus usos, ou seja, o que é adequado e inadequado a partir das situações comunicativas.

E assim, nosso manual também propõe ir além do conhecimento teórico. Partimos do princípio de uma prática consciente que considera os fatores da adequação ou não para as várias formas de uso da língua. Essa necessidade de oportunizar ao aluno o conhecimento sobre as variações, o respeito devido a cada uma e o combate ao preconceito linguístico começando na base do sistema educacional é a nossa mais importante justificativa. Essa realidade precisa ser enfrentada. E nos permitindo usar metáforas, diríamos que a melhor forma é começar pela raiz, para que seus galhos e folhas cresçam e produzam frutos saudáveis.

Eis a relevância desse estudo. Não se trata apenas de um material de pesquisa bibliográfica e científica, mas de um trabalho com efeitos sociais benéficos a todos, sobretudo àqueles que são vítimas de um ensino cruel e injusto que exclui da criança oportunidades de um desenvolvimento consciente sobre o uso da língua. E a criança, por meio da contribuição do professor, cabe o direito de conhecer outras variantes e aprender a adequá-las a cada situação comunicativa a que venha participar.

A natureza desse trabalho promove o respeito e a equidade entre todas as formas de usar a língua. Acreditamos que mudanças efetivas ocorrerão na comunidade local, ainda que tímida no início, pois um problema, de dimensões nacionais e raízes coloniais não se resolve com apenas uma boa proposta. Seria muita pretensão pensar assim. No entanto, conforme já afirmamos, nossa comunidade escolar pode ser alcançada, começando pelo professor.

E para tal empenho, escolhemos o professor do ensino fundamental anos iniciais como nosso público-alvo. Trata-se do jogo de causa e efeito. Alcançando o professor, alcançaremos o aluno. Um professor consciente forma seu aluno e esse aluno levará para fora da escola o que aprendeu nela. Essa é a razão que nos fez escolher esse profissional. Partindo dessa lógica, quanto mais professores trabalharem nessa direção, maior alcance nosso trabalho atingirá.

E, embora a nossa tradição educacional se esforce em negar essa pluralidade natural da língua e não compreenda a igualdade que há entre todas as variantes, compete a nós, professores de língua portuguesa, enfrentarmos essa situação e difundirmos a ideia de que, como disse Bagno (2014), a variação

linguística veio para ficar como objeto e objetivo das novas propostas de educação em língua materna.

2- FUNDAMENTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

Que o homem é um ser social, disso não há dúvidas. Seu convívio em sociedade se dá em diversas instâncias: culturais, econômicas, geográficas, enfim, e em vários papéis sociais como, patrão & empregado, pai & filho, professor & aluno e são construídas dentro de um complexo movimento *continuum* que não para e no tempo no espaço e que faz da humanidade o que ela é: seres que sentem, pensam, agem e falam. E nos arriscamos afirmar que é na fala, na língua que todas essas e tantas outras relações se revelam e instauram seus propósitos e valores, pois na perspectiva bakhtiniana, a língua deve ser considerada atividade social que só existe onde houver possibilidade de interação social, um trabalho empreendido conjuntamente entre os falantes (BAKHTIN, 2010).

Desse modo, a língua extrapola o papel de um instrumento de comunicação e é elevada à condição de atividade social, cuja realidade é, gerada e transformada constantemente pelos atores envolvidos no ato comunicativo. Portanto, é principalmente através da língua que, a diversidade social se manifesta. Grupos nascem, se desenvolvem, se diferenciam e se estabelecem por meio da forma como usam essa língua.

Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2005) diz que a língua é, por excelência, uma instituição social. E por instituição entenda-se que apresenta estruturas que vigoram num povo e em condições específicas. Se entendermos que essas condições modificam a forma dos falantes usarem a língua, entendemos também que ela é heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e reconstrução (BAGNO, 2005).

E, assim, sua materialidade se dá na vida em sociedade. E é em sociedade que cada falante, como sujeito ativo, imprime na e pela língua suas marcas pessoais, geradas por um conjunto de fatores que se intrincam e modificam em alguma medida seus usuários na mesma medida que é modificada por eles. Língua e sociedade não estão apenas ligadas ou conectadas, preferimos afirmar que são dependentes entre si, dependentes a ponto de

termos dificuldade para imaginar a sobrevivência de uma sem a outra, indissociáveis. Desse modo nos apropriamos da Sociolinguística, cuja corrente teórica se debruça sobre a língua em uso real, que leva em consideração as relações sociais e culturais de produção para fundamentar nosso trabalho.

De acordo com Bagno, (2005, p.38), “O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente social. Língua e sociedade estão indissolivelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra”.

Mas nem sempre foi assim, nem sempre houve essa concepção. Para chegarmos a esse ponto, caminhos foram percorridos ao longo da história e estudiosos da língua se empenharam por entender esse objeto de estudo. E a fim de entendermos um pouco esse percurso, precisamos voltar na história dos estudos da língua.

A condição de Ciência que é dada à Linguística começa através dos estudos de Saussure, cuja corrente linguística avança para as gerações seguintes sob a denominação de estruturalismo, que analisa a língua separada de qualquer fator externo que possa atuar sobre ela que não seja ela mesma. Ou seja, de acordo com Saussure (1857-1913), essa ciência deve servir-se das relações puramente linguísticas sem considerar a ação de agentes que lhe são externos e que lhe influenciam. Desse modo, o único objeto merecedor de sua atenção e tempo é a língua dissociada “pura” e simplesmente e sem nenhum contexto, razão pela qual alguns autores afirmam o que se pode caracterizar como uma lacuna em seus estudos.

De acordo com Marra, D., & Milani, S. E. (2012), na obra de Antoine Meillet (1866-1963), discípulo de Saussure, em certa medida, vai na contramão dos estudos do seu professor, “enquanto contribuía com o jornal de Durkheim, *L'année sociologique* (1905-1906), mais ou menos na mesma época em que Saussure iniciava o CLG (1907- 1911) em Genebra, caracterizou linguagem como um fato social fazendo referência ao conceito estabelecido por Durkheim”.

Por exemplo, enquanto seu mestre separa a linguística interna¹ da externa², ele as une. Enquanto Saussure enxerga a abordagem sincrônica como distinta à diacrônica, Meillet as soma. Fica evidente que Meillet divergia de Saussure por considerar a língua como “fato social”.

Podemos afirmar que foi no início do século XX que essas e outras pesquisas contribuíram passo a passo para o que hoje conseguimos enxergar na relação entre língua e sociedade. O tempo é um agente da evolução e novas pesquisas se desenvolvem a partir das já existentes para consolidá-las ou apontar novos caminhos. Foi assim que, depois de quase meio século sob a ótica estruturalista, que novos horizontes despontaram nos estudos da linguagem X sociedade, logo depois sendo conhecida como Sociolinguística, cujo pressuposto parte da ideia de que a língua se caracteriza pela heterogeneidade e variabilidade. Foi justamente na década de 60 a partir dos postulados de Meillet que estudou a língua como fato social e a caracterizou como um fenômeno social de caráter ideológico, que o linguista americano William Labov passa a figurar como o grande incentivador e verdadeiro pai da Sociolinguística. Bezerra, (2011, p.08) faz a seguinte afirmação sobre Labov:

Foi Labov quem mais claramente lutou, a partir dos anos de 1960, pelo reconhecimento de uma forma de fazer linguística que não descuidasse dos fatores sociais que interferiam na produção da linguagem. [...] Foi graças aos estudos de Labov que o tema da variação linguística entrou na ordem do dia dos pesquisadores e, hoje, figura como um dos aspectos mais importantes recomendados pelos PCN para o ensino de língua portuguesa em nosso país.

Assim sendo, a grande contribuição de Labov para garantir à Sociolinguística a importância merecida como ciência que se dedica ao estudo da língua na sociedade efetivando assim um novo viés. De fato, seus esforços trouxeram mais luz à busca por compreender de forma mais clara e profunda o processo da variabilidade que envolve a língua nos mais diferentes contextos de

¹ Estuda a corporatura interna da língua a partir do sistema de regras que estabelecem seu funcionamento, como léxico e a gramática, por exemplo.

² Objetiva estudar os componentes externos às regras, ou seja, o uso que os falantes fazem da língua a depender de aspectos como economia, cultura e etc.

uso. Estudiosos brasileiros, como Bagno (2005, p. 12), partilham da mesma visão de Labov, e sobre isso evidencia a seguinte declaração:

Ora, como todo fato humano, e a respeito da abordagem iminente, a língua só existe em uso – e, portanto, na história. Cada uso da língua, cada uma de suas variações e até mesmo cada ato individual de fala, é, nesse sentido, um acontecimento, exatamente como aqueles outros que, por sua importância cultural, viram notícias ou se tornam marcos históricos.

E é justamente a partir dessa visão que desenvolvemos todo o nosso trabalho de pesquisa. Acreditamos que a Sociolinguística desempenha um papel importante no processo da educação linguística no universo escolar. Mas isso, trataremos mais à frente, agora, passando a abordar as vertentes que envolvem esse campo científico as quais nos ajudarão a consolidar nosso aporte teórico.

2.1- Vertentes Da Sociolinguística

Já entendemos que a Sociolinguística surgiu da interface entre duas áreas, a saber: Linguística e Sociologia que, isoladamente, não conseguiam explicar, por exemplo, o fenômeno das “adaptações” a que a língua sofria em dados contextos. Talvez porque esse não fosse seu objeto de estudo. Seja como for, a Sociolinguística surge com o objetivo de explicar fenômenos linguísticos a partir do seu uso na cultura/sociedade ainda não estudados e trazer luz a espaços opacos antes rejeitados por estudiosos.

Como toda ciência, a Sociolinguística apresenta algumas vertentes que ampliam e especificam ainda mais seu objeto de estudo, são elas: Sociolinguística Variacionista, Sociolinguística Interacional, Sociolinguística Educacional, Sociolinguística Histórica e Sociolinguística Qualitativa. Nesse trabalho abordaremos as três primeiras citadas, por estabelecerem uma relação mais forte com nossa pesquisa.

2.1.1- Sociolinguística Variacionista

O ponto central da Sociolinguística é a heterogeneidade e a variabilidade da língua. Nesse segundo ponto, encontramos em William Labov seu maior defensor e pesquisador, que elege essa vertente como seu principal objeto de estudo, no qual se empenha por compreender a língua a partir do papel de determinantes linguísticos atrelados a agentes sociais e culturais. Assim, podemos concordar que esta ciência de a (Mollica & Braga, 2012, p. 9-10):

(...) considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais.

A oposição à ideia de língua homogênea e autônoma fica evidente a partir dessa nova concepção, permitindo superar abordagens desenvolvidas pelo

estruturalismo que tratava a língua como um sistema invariável e homogêneo. Assim como o homem é variável e apresenta comportamentos múltiplos e sua personalidade nunca está concluída, ao contrário, está sempre num *continuum* espaço tempo, sempre a sofrer mudanças que são motivadas pelo contexto no ato de fala, assim também é a língua. Talvez possamos afirmar que ela é a primeira a sentir e sofrer, quase simultaneamente, todas as transformações que atingem o homem. A língua apresenta variações que vão depender desde o estado emocional, psicológico, cultural, econômico, situacional, entre outros. Enfim, são muitos os determinantes que fazem da língua um instrumento variável que é parte da natureza humana. Borin (2010, p. 27, 28), destaca que:

Como produto da atividade humana, as línguas submetem-se às contingências e vicissitudes da própria vida concreta dos homens, da história peculiar de cada sociedade humana. [...] e que os estudos empíricos da sociolinguística demonstram que a mudança não é apenas uma função do sistema linguístico, mas uma função de interação da estrutura interna da língua como o processo social que ela realiza.

Toda essa mudança, conforme os estudos apontam, se deve em grande parte as relações sócio-políticas e ideológicas que vigoram dentro da comunidade da qual fazem parte os falantes e que, trazem em sua personalidade os aspectos sociais que o envolvem.

Bagno (2005, p. 38), entre tantas contribuições no estudo das variações linguísticas, também colabora com nossa pesquisa apresentando sua visão sobre o tema:

O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade lingüística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissolivelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra. Para o sociolinguista, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada, assim como também outros estudiosos – sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais etc. – já se convenceram de que não dá para estudar a sociedade sem levar em conta as relações que os indivíduos e os grupos estabelecem entre si e por meio da linguagem.

Segundo o autor, a relação língua/sociedade é clara. É clara também a influência de uma sobre a outra, são inseparáveis. Dessa relação, surgem as

variações que podem se dar no plano morfológico, sintático, regional e/ou social que se transformam em objeto de estudo. Contamos com, pelo menos, cinco tipos de variação linguística: diacrônica, diatópica, diafásica, diastrática e diamésica. Para esta abordagem tivemos como referencial Bagno (2014).

- A variação diacrônica objetiva apontar as mudanças que ocorrem naturalmente no tempo e no espaço, ou seja, as transformações sofridas pela força do tempo e pela força do meio em que a língua é usada;
- A variação diafásica é o uso estilístico. Que muda de acordo com o grau de monitoramento que se dá no instante do comportamento verbal. Representa a mudança ocorrida entre momentos diferentes feitas pelo mesmo usuário. Derivado do grego *PHÁSIS*, que significa modo de falar;
- A variação diatópica, por sua vez, aborda as mudanças na língua em diferentes locais, como cidades, estados e até países que têm a mesma língua em uso no seu território;
- A variação diastrática foca seus esforços sobre os estudos das variações linguísticas encontradas nas diferentes camadas da sociedade e, permite uma associação a fatores que vão além da classe social ou poder aquisitivo, como o sexo e a idade do falante;
- A variação diamésica, centraliza seus estudos na diferença entre língua falada e escrita.

Por fim, a Sociolinguística Variacionista é uma ciência que oferece significativas contribuições para o avanço de outras áreas como a própria Sociologia, Antropologia, Psicologia e outras. Analisa a língua em uso a partir de seus contextos e entende que ela revela muito mais que aspectos discursivos, revela a marca identitária de um povo que se caracteriza por dividir um mesmo sistema jurídico e/ou um mesmo código linguístico; também revela as marcas de uma comunidade que se estabelece através do compartilhamento de valores, história comum, geografia local, aspectos culturais. Tudo isso a língua é capaz de revelar e, como se não bastassem todas essas competências no âmbito da coletividade, ainda lhe são inerentes competências no exercício da individualidade, pois ela também é capaz de revelar as marcas que fazem de

uma pessoa um ser único e exclusivo que, mesmo compartilhando valores e códigos coletivos, permite o reconhecimento de traços pessoais e particulares de cada usuário.

2.1.2- Sociolinguística Interacional

A Sociolinguística Interacional é a nossa segunda vertente. Ela adota como princípio básico as interações discursivas e a compreensão que são realizadas a partir das relações sociais entre os falantes. Em um estudo sobre esse ramo da Sociolinguística, Witkowski (2013, p. 90) afirma que,

O conceito de Sociolinguística Interacional ou Sociointeracionismo é apresentado pelo linguista americano Erving Goffman na década de 1970. Através dela, é proposto o estudo da língua na interação social, apresentando como fundamento noções da Psicologia social [...]. Como o próprio termo indica, Sociolinguística Interacional tem como princípio, para seus estudos e análises, as interações linguístico-sociais, as interpretações e inferências que são produzidas pelos interlocutores nos seus atos de comunicação e isso gera uma diversidade linguística que é objeto de estudo para essa ciência.

Essa diversidade linguística, a que o autor se refere como um recurso, é um instrumento que determina as escolhas que os falantes fazem num dado momento de conversação. Como esses momentos não se repetem, e por isso são únicos, as escolhas realizadas pelos interlocutores também são únicas. Desta forma, podemos afirmar que a Sociolinguística Interacional analisa a fala considerando, também, o contexto em que ela se deu.

Essas mesmas escolhas são realizadas com base nos conhecimentos e experiências que cada interlocutor tem e que considera a necessidade de variar o uso da fala de acordo com o momento de interação.

Nesse sentido Maldonado (2020, p.04) afirma que “a Sociolinguística Interacional estuda, investiga e analisa os atos discursivos orais ou escritos no cotidiano dos diferentes componentes sociais”. Tudo isso baseado nos estudos e afirmações feitas por Gumperz (2015, p. 9), para quem,

A Sociolinguística Interacional é uma abordagem da análise de discurso que tem sua origem na busca de métodos replicáveis de análise qualitativa que explicam nossa capacidade de interpretar o que os participantes pretendem transmitir na prática comunicativa cotidiana. É sabido que os conversadores sempre confiam no conhecimento que, além da gramática e do léxico, se faz ouvir.

Sendo assim, podemos então compreender essa vertente da Sociolinguística como a ciência que estuda a situação como o lugar de pesquisa para a compreensão das variações da língua. Ou seja, é o momento exato de uso da língua, o contexto que determina seu sentido, valor e revela a intenção dos usuários, bem como as atitudes linguísticas³ dos falantes.

2.1.3- Sociolinguística Educacional

Essa corrente da Sociolinguística se aplica ao estudo das variações e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem. Traz para o universo escolar, sobretudo para o ensino básico, os conhecimentos advindos dessa linha teórica que apresenta à criança como se dão as variações, a importância delas para a sociedade e, conseqüentemente, o respeito que cada uma precisa desenvolver sobre todas as formas de uso da língua apresentadas pelos falantes. Acreditamos que, definitivamente, as contribuições da Sociolinguística Educacional sobre a qualidade do ensino da Língua Portuguesa são irrefutáveis.

Para tal asseveração, pesquisas fundamentadas nessa área provam que é possível desenvolver práticas pedagógicas capazes de romper a ideia equivocada e difundida, de que alguns alunos não são capazes de usar a língua portuguesa com proficiência em face das variações por eles utilizadas. Pensamos ser essa a principal dificuldade dos estudantes em utilizar sua variante no meio escolar sobretudo, na sala de aula. E isso tem como causa o

³ É o julgamento que os falantes fazem dos usos da língua. Fonte: AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. 2008.

tratamento dado pelo professor a variante padrão em detrimento daquela que o aluno traz para o contexto escolar. E o espaço que deveria motivá-lo a falar livremente, oportunizar o seu desenvolvimento e sua competência comunicativa, tornando-o capaz de utilizar a língua para produzir textos orais e escritos em situações concretas de uso e, ao mesmo tempo, compreender as produções dos demais agentes no ato interlocutivo, passa a ser inibidor da livre expressão, e se transforma em um lugar de repressão e exclusão de quaisquer variantes que estejam em desacordo com a variante padrão. E isso é o oposto do que nos recomenda estudiosos da Sociolinguística.

É justamente nesse sentido que a Sociolinguística Educacional vem atuar. Suas perspectivas teóricas são direcionadas para a sala de aula, no sentido de contribuir para que o aluno compreenda que a língua varia em diferentes aspectos linguísticos (sociais, culturais...) e o respeito a essas variantes é uma possibilidade muito mais provável do que a ideia de certo e errado.

Esses estudos compreendem que a ação da escola se dá por meio do professor. Portanto, é fundamental que o educador esteja devidamente preparado, já que a visão de língua se faz enquanto instrumento social, patrimônio cultural etc., para que haja condições de desenvolver uma ação exitosa em sala de aula e alcançando seu aluno.

É a partir dessa tríplice relação professor-variação-aluno que Bortoni-Ricardo faz a seguinte consideração: “Os significados que alunos e professores atribuem à variação são múltiplos e precisam ser bem interpretados se quisermos desenvolver um estudo de sociolinguística educacional” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 133).

Trazer para o aluno a compreensão de que a legitimidade de cada variante e que todas têm seu momento adequado de uso, inclusive a variante de prestígio, é função da escola. E a Sociolinguística Educacional se apresenta com o propósito de contribuir para esse fim, aplicando na prática da sala de aula o que os estudos teóricos descobrem.

Por fim, entendemos que o aluno *precisa saber* adequar sua fala e escrita a cada situação comunicativa. Fazer uso do maior número possível de variantes

e acordá-las aos contextos situacionais experimentados no convívio social. Compreender que a língua se adapta a toda situação de interação é um conhecimento essencial e estratégico para o êxito das intenções que os usuários da língua pretendem atingir. E esse saber precisa ser compartilhado socialmente, e cabe à escola difundi-lo se quisermos melhorar o tratamento para as variantes que não são a padrão.

2.2- Preconceito Linguístico

Sobre o preconceito linguístico, exporemos um debate entre as forças conservadoras e forças inovadoras a respeito do uso da língua para fundamentarmos nossa visão científica. Apresentamos uma declaração realizada há algumas décadas para nossa análise introdutória feita por Almeida, (1994) *apud* Bagno (2005, p. 73):

Os delinqüentes da língua portuguesa fazem do princípio histórico “quem faz a língua é o povo” verdadeiro moto para justificar o desprezo de seu estudo, de sua gramática, de seu vocabulário, esquecidos de que a falta de escola é que ocasiona a transformação, a deterioração, o apodrecimento de um língua. Cozinheiras, babás, engraxates, trombadinhas, vagabundos, criminosos é que devem figurar, segundo esses derrotistas, como verdadeiros mestres de nossa sintaxe e legítimos defensores do nosso vocabulário.

Escolhemos propositadamente essa declaração do professor Napoleão Mendes de Almeida, a quem Bagno (2005) faz fortes críticas, porque queremos revelar como os estudos da variação linguística abrem nossa visão para entendermos o que é, onde, quando e como se instaura o preconceito linguístico. Por essa razão faremos uma brevíssima análise de como deveríamos ler a assertiva do professor. Vejamos:

É evidente que em sua fala há uma declaração explícita de rejeição a todas as formas de uso da língua portuguesa que não sigam o modelo no qual ele acredita ser o único merecedor do seu respeito. Quanto a isso não restam dúvidas. Todavia, para que “pensemos” em emitir quaisquer juízos de valor sobre sua declaração, antes precisamos considerar alguns fatores a fim de que não incorramos justamente naquilo que combatemos.

O primeiro passo é analisar o contexto temporal da fala. Nesse ponto, o professor Napoleão Mendes de Almeida nasceu em 1911, cresceu e foi educado, portanto, numa época cuja visão acerca de língua e do seu uso é completamente diferente da que temos atualmente. Um segundo ponto, mas não menos importante, e que não podemos deixar de considerar é o seu contexto sócio-cultural. Reconhecido como gramático, filólogo, professor de português e latim,

convivia e partilhava com outras pessoas o mesmo pensamento sobre a língua portuguesa, em que a ideia de “normal” e “correto” se dava segundo a educação que recebera na escola que apresentava a gramática como única fonte de regra e uso. E essa visão era corroborada em casa, na rua e em todos os círculos sociais dos quais participava. Portanto, rotulá-lo de preconceituoso nos soa um tanto injusto. Pois em tais circunstâncias pensar diferente dele seria pretensão.

Não queremos assim, dizer que concordamos com a fala do professor, e por incrível que pareça, tampouco afirmar que esteja errado. Precisamos compreender que, no tempo de sua divulgação, era o que a sociedade acreditava ser correto, inquestionável e imutável, com pouquíssimas exceções. Porém, novos estudos acerca do uso da língua nos fizeram enxergá-la sob uma nova perspectiva.

E hoje, compreendemos que o conceito de certo e errado no uso da nossa língua mudou, e deste modo, pensamos diferente de algumas décadas passadas. Mas, que garantia temos de que daqui a mais algumas décadas não descubramos novas teorias e novos estudos que redirecionem a visão de língua para algo completamente antagônico ao que enxergamos hoje? Sendo assim, depreendemos que é injusto usar a afirmativa do professor Napoleão Mendes de Almeida para provar contra ele a teoria do preconceito linguístico. Para que não caiamos na prática do preconceito, precisamos considerar além da fala, todo o contexto de sua aplicação. Pois na sede de combater essa prática tão cruel, podemos agir exatamente como agiram aqueles a quem acusamos; tomando para nós a ideia de que nossa verdade é absoluta e irrefutável.

Desse modo, ampliar nosso conceito sobre o tema deste capítulo é uma necessidade de primeira ordem. Começamos por explicar o que é o Preconceito Linguístico: onde, quando e como ele se instaura. Encontramos nos estudos de Beraldo (2013?, apud BAGNO, 2005?), **respostas objetivas às nossas perguntas:**

“preconceito linguístico é todo juízo de valor negativo (de reprovação, de repulsa ou mesmo de desrespeito) às variedades linguísticas de menor prestígio social. Normalmente, esse prejulgamento dirige-se às variantes mais informais e ligadas às classes sociais menos favorecidas, as quais, via de regra, têm menor acesso à educação formal ou têm acesso a um modelo educacional de qualidade deficitária”.

Ou seja, trata-se de uma atitude de rejeição da classe dominante sobre o uso que a classe social menos favorecida faz da língua. Estamos a falar de um mal, cujas raízes são mais fortes e mais densas do que se pode calcular. Podemos afirmar que, ao longo da história, o preconceito linguístico vem fazendo vítimas que atuam dos dois lados da moeda: de um lado, aquele que acredita, porque assim lhe foi ensinado pela sociedade, que está totalmente errado, que não sabe usar o português “correto” e, portanto, condenado ao status de incompetente linguisticamente; do outro, aquele que vai em direção oposta ao primeiro, e acredita ser o dono da razão, senhor da verdade com competência para julgar e condenar aqueles que não usam corretamente a língua portuguesa. Ambos são vítimas de uma visão deturpada sobre o uso da língua.

Bagno (2005) afirma que toda essa confusão sobre o uso ideal da língua é inerente ao ensino da gramática normativa, e o preconceito linguístico está ligado, em boa medida à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e *gramática normativa*. Ou seja, foi a partir da imposição da gramática normativa nas aulas de língua portuguesa, apresentada como a forma “correta” de usar a língua, que o preconceito linguístico ganhou forças e a posição de *status quo*.

Esse autor faz um interessante estudo sobre o preconceito linguístico no Brasil, com várias publicações que ganharam destaque no cenário nacional. Entre elas, destacamos *Preconceito Linguístico. O que é, como se faz*, obra que muito nos inspirou no estudo sobre o tema e nos serviu de base para este capítulo. Nessa obra, o autor faz um estudo a que chama de *A mitologia do preconceito linguístico* (2005), composto por oito pontos aos quais critica ferrenhamente por considerá-los cruciais para a perpetuação dessa forma de preconceito que age sobre as variações linguísticas em todo o território nacional. Na ordem de apresentação do livro, aqui estão eles:

Mito nº 1. *A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente*: Segundo o autor, este é o maior e o mais sério dos mitos por não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil. E como lutar para resolver esse problema, se sequer reconhecido ele é?

Mito nº 2. *Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem o português*: Nesse ponto o autor combate a ideia de que o brasileiro não usa bem a língua portuguesa. Mostrando dentre algumas coisas que usamos o nome *língua portuguesa* por conveniência histórica. De acordo com suas palavras (2005) “usamos esse nome justamente por comodidade...justamente por termos sido uma colônia de Portugal”. E que “do ponto de vista linguístico, a língua falada no Brasil já tem sua própria gramática... Razão pela qual alguns lingüistas preferem usar o termo *português brasileiro*”. Sendo assim, compreendemos que a língua falada aqui não é inferior nem superior, apenas desenvolveu ao longo do tempo características que fazem dela, um instrumento de ação social que carrega as características peculiares do seu povo, assim como deve ser.

Mito nº 3. *Português é muito difícil*. De acordo com Bagno, todo falante nativo de uma língua *sabe* essa língua. Saber uma língua no sentido científico do verbo *saber*, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas de funcionamento dela. [...] e se tanta gente continua a repetir que “português é difícil” é porque o ensino tradicional da língua no Brasil não leva em conta o uso *brasileiro* do português.

Mito nº 4. *As pessoas sem instrução falam tudo errado*. Este mito se baseia na crença de que só existe *uma única língua portuguesa* que seria ensinada na escola, mas também aponta para o preconceito social por trás do preconceito linguístico, pois essa “língua errada” é a língua usada pelas pessoas marginalizadas da sociedade que, por extensão, têm a sua variante também marginalizada.

Mito nº 5. *O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão*. Para o autor, trata-se de uma inverdade baseada no uso do pronome *tu*. “Por esse *arcaísmo*, por essa conservação de um único aspecto da linguagem literária, que coincide com a língua falada em Portugal ainda hoje é que perpetua o mito de que o Maranhão, mais especificamente sua capital São Luís é o lugar ‘onde melhor se fala o português’ no Brasil”.

Mito nº 6. *O certo é falar assim porque se escreve assim*. Este mito aponta para uma supervalorização da língua escrita combinada com o desprezo da

língua falada em que são reprovadas as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma.

Mito nº 7. *É preciso saber gramática para falar e escrever bem.* Neste penúltimo mito, o autor vem desmistificar a crença de que conhecer a gramática é sinônimo de desenvoltura e fluência na fala e na escrita. E para tal comprovação cita como exemplos, escritores que não dominam a gramática e, gramáticos que não são bons escritores.

Mito nº 8. *O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.* Bagno finaliza o bloco dos oito mitos argumentando no sentido de desmistificar a crença de que o domínio da norma culta é a chave que garantirá o sucesso na vida social, profissional e financeira do usuário. E como exemplo cita a realidade socioeconômica do professor de língua portuguesa.

Como se não bastasse abordar com tanta firmeza e investir com consistência argumentativa em toda a explanação sobre os oito mitos, Bagno faz uso de algumas metáforas muito bem engenhadas para explicar o que seria a língua e o que seria a gramática normativa, das quais destacamos a referência ao igapó⁴ e ao rio caudaloso. Enquanto o igapó, por sua condição de estagnação, representa a gramática normativa, a imagem de um rio caudaloso e em constante movimento de transformação é atribuída à língua que se renova incessantemente através da sua capacidade de variar pela força das circunstâncias, do tempo e do espaço. E isso faz dela, talvez, a maior riqueza, o maior patrimônio de um povo, pois nela está a identidade de uma nação, de uma região e do próprio indivíduo.

No entanto, a despeito dessa visão, instaurou-se uma falsa ideia de que existe um falar “certo” e, se assim o fosse, existiria um falar “errado”. Felizmente, na contramão dessa visão, pesquisas na área da sociolinguística apontam que não existe nenhuma explicação científica ou técnica, sequer plausível para afirmar que uma variante é superior a outra. É evidente, portanto, que se trata da forma mais densa e inflexível de preconceito na forma de língua. Os efeitos daninhos do preconceito linguístico são catastróficos. A começar pela

⁴ Na Amazônia, *igapó* é um trecho de mata inundada, uma poça de água estagnada às margens de um rio, sobretudo depois da cheia. Bagno (2007, p. 10)

segregação para rotular uma variante com prestígio e as demais como desprestigiadas.

Mas o mal não para aqui. De acordo com Bagno (2005 p.17), “muitas vezes, falantes das variedades desprestigiadas deixam de usufruir de diversos serviços a que têm direito simplesmente por não compreenderem a linguagem empregada pelos órgãos públicos”. Males como esse são perpetuados pelo Estado no instante em que suas escolas não oportunizam aos alunos uma educação linguística focada no reconhecimento, respeito e uso adequado para as variantes (assunto que trataremos mais adiante). Numa frase com apenas seis palavras, o autor sintetiza a sua indignação contra o preconceito linguístico e fazemos questão de trazê-las para a nossa pesquisa: *diferença não é deficiência nem inferioridade!* A ela nós acrescentaríamos: é apenas diferença. Não existe superioridade entre as variantes e, lógico, não existe inferioridade. Todas são legítimas e cumprem com excelência seu papel. O que há é apenas uma inadequação de uso que precisa ser compreendida e trabalhada.

Outro ponto que saltou aos nossos olhos foram observações feitas por Bortoni-Ricardo (2005) no que diz respeito ao verdadeiro motivo para a existência do preconceito linguístico. Segundo a autora, a razão para o domínio de uma variante em detrimento das demais não está propriamente nas palavras/frases que são usadas de modo diferente, mas está em quem as usa. Não é a variante, que na verdade está sendo excluída ou ridicularizada, mas o seu usuário que não detém uma condição socioeconômica favorável, não ocupa uma posição de poder na sociedade, nem status de prestígio. E por não apresentarem essa condição, são excluídas, são motivos de chacota e de ridicularização. Ou seja, o que está em jogo, na verdade, não é a língua, mas a condição de poder do falante. A esse respeito, Bortoni-Ricardo (2005, p.26) destaca:

A atribuição de prestígio a uma variedade linguística decorre de fatores de ordem social, política e econômica. Ao longo da história brasileira, o português falado pelas classes mais favorecidas tem sido a variedade prestigiada em detrimento de todas as outras. Ao tempo do Brasil-Colônia, valorizava-se a língua do elemento branco, da classe senhorial. A partir de 1808, acentuou-se essa tendência, pois a corte portuguesa que se radicou no Rio de Janeiro, fugindo do ímpeto conquistador de Napoleão, impôs os seus padrões e os seus juízos de valores.

Infelizmente, podemos constatar que essa prática não mudou apesar da evolução alcançada em tantos aspectos. O preconceito linguístico existe e é tão letal quanto qualquer outra forma de preconceito e, ao mesmo tempo, parece ser o menos combatido não nos deixando alternativa a não ser partir para o ataque em defesa de um trabalho que promova a consciência e o valor igual e justo para todas as variantes a partir da adequação ao contexto de uso. Concordando com tudo isso, Bagno (2005, p. 40) faz a seguinte afirmação:

[...] as pessoas que dizem *Cráudia*, *praca*, *pranta* pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada “feia”, “pobre”, “carente”, quando na verdade é apenas *diferente* da língua ensinada na escola.

Bagno (2005, p.42) continua sua análise e faz a seguinte consideração:

[...] o que está em jogo aqui não é a língua, mas a *pessoa* que fala essa língua e a *região geográfica* onde essa pessoa vive. Se o Nordeste é “atrasado”, “pobre”, “subdesenvolvido” ou (na melhor das hipóteses) “pitoresco”, então, “naturalmente”, as pessoas que lá nasceram e a língua que elas falam também devem ser consideradas assim.

De fato, podemos constatar, historicamente, que são as classes dominantes que determinam os valores de certo e errado, do que vestir ou não vestir, como se comportar e muitos outros “padrões” na vida social. E com a língua não seria diferente. A “língua-padrão” é o modelo adotado pela classe que apresenta uma posição social verticalmente elevada e condições de prestígio e, esse modelo, assim como ocorre com tantos outros fenômenos da vida em sociedade, é imposto como referência para todos os demais falantes e quaisquer desvios desse padrão é visto como erro e condenado. Sobre isso, Bagno, em 2003, lança um livro sob o título: *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira* no qual aponta para a afirmação de que o preconceito linguístico existente no Brasil é, na verdade, um preconceito social. Ou seja, na verdade não é a língua em sua apresentação variante que está sendo julgada e condenada. Conforme já dissemos, é o seu usuário em função de sua realidade economicamente desfavorável que está sendo excluído. E se isso não pode ser

completamente eliminado, pode-se ao menos trabalhar para combater e amenizar esse mal de raízes tão profundas.

O pontapé inicial foi dado através do Ministério da Educação, ao reconhecer, por meio dos documentos oficiais como os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) a existência do preconceito linguístico e a necessidade de se combatê-lo. Para tanto, os PCN declaram o seguinte:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades lingüísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas.

O problema do preconceito *linguístico* disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. (BRASIL, 1997, p.26)

Mais recentemente, um segundo documento oficial do Governo, denominado BNCC (Base Nacional Comum Curricular) foi lançado, e nele se apresenta mais detalhadamente competências e habilidades que precisam ser desenvolvidas pelo aluno no espaço escolar, assunto que trataremos no próximo capítulo da nossa pesquisa.

Finalmente, precisamos ter ciência do fato de que o preconceito linguístico tem se mantido firme ao longo desses anos pelas razões já elencadas e precisa de um enfrentamento contínuo e forte para assegurar o respeito e equidade entre todos os usuários. Afinal de contas, assim como cada pessoa merece ser respeitada por quem simplesmente é, cada variante também é merecedora desse respeito, pois, conforme já asseguramos, a variante é a marca identitária de cada um de nós. Respeitar a variante do outro, é respeitar o outro.

2.3- A Educação Linguística

Entendemos que o preconceito linguístico no Brasil se faz presente, que não é exclusividade da sociedade contemporânea, ao contrário, suas raízes são históricas. E a única forma de enfrentar esse problema, com vistas a um resultado em longo prazo, é através de uma educação linguística focada no ensino das variações que ocorrem na língua. Compete à escola desenvolver um trabalho através de ações pedagógicas para incutir nos estudantes a consciência da equidade entre todas as formas de usar a língua.

Trabalhar variação linguística na escola está longe de ser uma tarefa fácil e simples. O próprio espaço escolar, que deveria ser libertador e promover o respeito entre os diversos falares, contribui para a perpetuação desse problema. É fácil ouvir professores fazendo declarações sobre uma suposta incapacidade de estudantes no que tange ao uso da língua portuguesa. Na verdade, esses profissionais estão se referindo à variante de prestígio ou “norma padrão”, “norma culta”. Estas duas últimas geralmente também são confundidas como sinônimos, quando na verdade têm suas próprias características.

Segundo Faraco (2008, p. 73), norma padrão “é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização lingüística”. Já para a norma culta o autor (op.cit) afirma tratar-se “do conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita”. Ou seja, o determinante para a escolha do falante no uso da língua é a situação em que se está inserido. E tudo isso tem sido mal compreendido e, desse modo, usado por muitos para disseminar e perpetuar a equivocada ideia da existência de um único uso da língua. Assim como aprenderam no passado repetem no presente. A esse respeito Gomes (2007, p. 76) faz a seguinte afirmação:

Esse preconceito é fruto de uma história de prescrição da gramática normativa, que nos acostumou a achar que toda forma diferente das regras gramaticais contidas nos livros que estudamos são “erradas”. É fruto de uma tradição de tratamento da língua como sistema rígido de leis a serem cumpridas, e que aquele que não as cumpre é “julgado e condenado” por isso.

Na fala de Gomes (2007), percebemos que historicamente a língua sempre foi compreendida sob a ótica de que apenas uma única e exclusiva forma de falar e escrever é correta. O professor pensa assim porque assim lhe foi ensinado, e da mesma forma é passado ao aluno que também acredita que não sabe usar a língua portuguesa e, portanto, é incompetente, embora, longe do olhar inquisidor do professor, esse mesmo aluno desenvolva e estabeleça naturalmente diálogo e relação de todas as ordens com os colegas, fazendo enfim, uso de todo um sistema linguístico em que ele mesmo acredita não dominar. Tudo isso como resultado de uma educação que também tratava a língua sob o prisma do certo e do errado.

A partir daí, conseguimos entender que desenvolver uma educação linguística à luz das variações é uma missão custosa. Mas é uma missão possível e que só pode ser iniciada na escola justamente por ser espaço de educação formal, de formação de opinião e a ela cabe um papel decisivo nesse sentido. Decisivo, porém, não fácil, não rápido. Pensando assim, Bagno (2005, p. 70) faz a seguinte afirmação:

O preconceito, como bem sabemos, impregna-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito.

Sobre esse trabalho a que Bagno se refere, acreditamos que deva ser iniciado com o professor. Nossa afirmação tem uma ambiguidade proposital. *Com o professor* enquanto alvo a ser alcançado (este seria nosso primeiro ponto); *Com o professor* enquanto instrumento de alcance ao aluno (consequência do primeiro ponto). O que nos fez pensar assim? Notamos em nosso convívio profissional que muitos colegas tratam o tema como subtema, e por que não dizer, com a visão oriunda ainda de um Brasil-Colônia que insiste em categorizar negativamente toda e qualquer variante que se distancie do modelo “padrão”. E o resultado disso é a perpetuação de uma condição que induz as pessoas ao tratamento preconceituoso sobre toda e qualquer variante que não seja o modelo instituído como o “correto”.

Por isso, um professor devidamente preparado e com uma visão de língua enquanto instrumento social, patrimônio cultural e etc., terá mais condições de desenvolver uma ação exitosa junto ao seu aluno. O trabalho de educação linguística começa no professor, pois é ele quem lida com o aluno no dia a dia escolar, é ele quem pode alcançar mais eficientemente a criança e trazer-lhe a consciência sobre as variações da língua sob a ótica do respeito e dos usos adequados. Ele é peça chave nesse sentido. Na medida de sua educação linguística estará seu empenho em todo esse processo de ensino-aprendizagem, pois seu tratado profissional é de promover junto ao aluno o aperfeiçoamento de suas habilidades e potencialidades linguísticas. Por isso, compartilhamos da seguinte afirmação, Bagno (2005, p.15).:

O compromisso do educador é, antes, com a formação do aluno, com o desenvolvimento de suas capacidades tanto de reflexão sobre a linguagem quanto do uso crítico da língua. E na medida em que língua e linguagem são parte indissociável de nossa forma de ser e de viver, da história individual e coletiva de todos nós, a educação linguística não pode deixar de ocupar-se do maior número possível de suas facetas, em especial aquelas mais envolvidas na vida social.

Concordamos com o autor que é responsabilidade do professor desenvolver atividades que visem ao crescimento intelectual do aluno e isso implica um trabalho de reflexão e uso crítico-consciente da língua. Mas como fazer isso quando o próprio professor apresenta fissuras em sua visão linguística? É preciso que haja da parte do professor e conseqüentemente da escola o abandono da cultura do certo e do errado sobre o uso da língua, e aplicar-se ao estudo da adequação e inadequação que norteia o uso de todas as variantes sem exceção. Por isso, apresentamos mais uma afirmação de Bagno(2005, p.18), com quem tanto concordamos:

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a *verdadeira diversidade linguística de nosso país* para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão.

Tudo isso nos leva a perceber a necessidade de que o indivíduo em sua formação linguística precisa ser conduzido a refletir sobre a língua, a fim de entender a variação linguística e compreender que as pessoas têm diferentes

formas de falar para expressar a mesma ideia e ninguém merece ser discriminado por isso.

Quando concordamos que a prática escolar sobre o tema em pauta precisa ser revista, não estamos afirmando que a escola não deva mais ensinar gramática. Estamos afirmando a necessidade de fazer o aluno compreender que essa variante também tem local, hora e situações específicas de uso, assim como todas as outras. E compete à escola entender e ensinar assim. O ensino da gramática, por si só, gera no estudante um conjunto de sentimentos negativos que o induzem, no mínimo, ao desinteresse sobre o estudo de sua língua materna. Assim como afirma Luft (2010, p. 21), “um ensino gramaticalista abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo do idioma, medo à expressão livre e autêntica de si mesmo”.

Se a escola não priorizar esta prática com a seriedade que este assunto exige, perpetuará uma realidade cujos efeitos sociais são devastadores através de uma prática discriminatória com aqueles que apresentam uma variação diferente da que é imposta como correta, e toda a beleza e riqueza das variantes deixam de ser percebidas e sentidas. Para Bortoni-Ricardo (2005, p.14), uma das pioneiras no estudo da educação linguística no Brasil, “as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteadada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado”. E essa condição precisa ser combatida. Os profissionais que formam a educação nacional não podem, não devem continuar na inércia diante de tão assombroso fato, com isso destacamos mais uma afirmação dessa autora.(BORTONI-RICARDO (2005, p. 15):

A escola não pode ignorar as diferenças sociolingüísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. [...] Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob a pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social. O caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante.

Assim como Bortoni-Ricardo (2005;2019) e Bagno (2003; 2020), há outros autores que também defendem uma educação linguística na escola, como é o caso de Mollica (1998, p.24) que corrobora tudo que temos lido e dito aqui.

Vejamos: “para trabalhar a variação linguística, o professor deve introduzir, ao mesmo tempo, o respeito e a aceitação aos vários falares dos alunos”. Acrescentaríamos que o objetivo desse ensino é tornar o aluno competente nos diversos usos da língua, isto é, que ele saiba variar seu próprio uso a partir de suas observações sobre o contexto, sobre os interlocutores envolvidos, o objetivo do ato comunicativo e o que mais for necessário para que se estabeleça uma relação comunicativa adequada para dada circunstância. Com isso queremos confirmar que o ensino da língua não significa induzir o aluno a memorizar regras gramaticais, mas permitir-lhe a escolha, quer seja da variante de prestígio ou outra, mas com a condição de que seja apropriada para o momento, para o lugar e as pessoas interessadas no ato comunicativo.

O apoio da Sociolinguística Educacional é imprescindível para todo esse trabalho que envolve uma educação linguística. O conhecimento científico pode dar o apoio que todo educador precisa. Dessa forma, Martelota (2012, p. 152) diz que:

(...) a Sociolinguística cria nos (futuros) professores uma visão menos preconceituosa e incentiva-os a valorizar todos os dialetos e mostra à criança que o dialeto culto é considerado melhor socialmente, mas que estrutural e funcionalmente não é nem melhor nem pior que o dialeto da comunidade do aluno.

Partindo de todos os pressupostos teóricos a que nos referimos, somamos propostas dos Governos Federal e Estadual no tocante ao ensino das variações linguísticas na escola. No capítulo anterior, fizemos uma rápida citação sobre esse ponto, mas aqui tentaremos desenvolver um pouco mais.

O primeiro documento oficial do Governo Federal, a partir do Ministério da Educação, a tratar esse tema, encontra-se nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), que já apresentavam a seguinte visão:

(...) o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. De nada adianta aceitar o aluno como ele é mas não lhe oferecer instrumentos para enfrentar situações em que não será aceito se reproduzir as formas de

expressão próprias de sua comunidade. É preciso, portanto, ensinar-lhe a utilizar adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente (BRASIL, 2001, p. 49).

Como se vê na declaração acima, os documentos oficiais do Governo, através do Ministério da Educação, preveem uma educação linguística com vistas ao respeito e à valorização para todas as variantes.

Assim, a escola deve transformar-se em um espaço no qual, o aluno possa expressar-se com fluidez e liberdade para desenvolver toda a sua capacidade de comunicação nas mais variadas instâncias sociais. Oferecendo a ele as condições apropriadas, a fim de que se enxergue como parte essencial da sociedade, capaz e consciente de tudo isso.

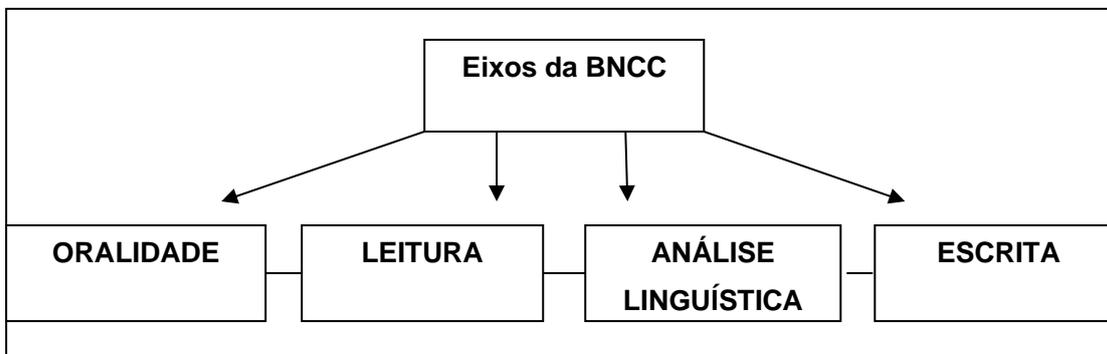
Vinte anos depois dos PCN, o governo apresenta um segundo documento voltado para a educação escolar sob o nome de BNCC (Base Nacional Comum Curricular), cuja apresentação se desenvolve por meio das seguintes palavras:

Um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2017, p.7).

Qual a relevância desse documento para a educação linguística? Ele garante, por lei, a prática de uma educação em que se preservem os direitos de aprendizagem do aluno. Mas se isso já era garantido pelos PCN, qual o sentido desse novo documento? A BNCC detalha as competências e habilidades que devem ser trabalhadas na prática da sala de aula atendendo a todas as áreas científicas que fazem parte do universo escolar.

No caso do ensino de Língua Portuguesa são previstas as competências e habilidades essenciais que todos os alunos e alunas têm o direito de aprender - ano a ano – durante sua carreira escolar no ensino fundamental. É obrigatória e está prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no Plano Nacional da Educação.

A BNCC é dividida em eixos e apresenta os seguintes aportes:



Fonte: Diagrama elaborado pelo próprio autor da Dissertação.

Como se observa, todos os eixos estão interligados e funcionam simultaneamente. As competências e habilidades apresentadas pela BNCC são muitas e variáveis. Em razão desse fato, selecionamos apenas um exemplo por eixo extraídos desse documento a partir do critério da educação linguística com foco nas variações da língua portuguesa:

- Oralidade - Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos.
- Leitura – Ler/ouvir e compreender, com autonomia, relatos de observações e de pesquisas em fontes de informações, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.
- Análise Linguística - Analisar o padrão entonacional, a expressão facial e corporal e as escolhas de variedade e registro linguísticos de vloggers de vlogs opinativos ou argumentativos.
- Escrita - Planejar e produzir, com certa autonomia, verbetes de enciclopédia infantil, digitais ou impressos, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.

Como se pode ver, a BNCC contempla o ensino da variação linguística nos quatro eixos para o ensino de língua portuguesa, que vão desde o ensino fundamental até o ensino médio. Nesse caso, esclarecemos que apenas citamos alguns exemplos para o Ensino Fundamental.

Educar nunca foi uma tarefa fácil. Seja no plano individual seja no coletivo, entendemos que se trata de uma tarefa árdua e de resultados em longo prazo. O papel da escola mudou. A posição de dona da verdade, detentora do saber, e lugar onde se buscavam apenas conhecimentos e informações já não dizem mais o que é uma escola. A natureza de suas atribuições mudou, assim como a sociedade, assim como a ideia do certo e errado no uso da língua. A exigência sobre ela aumentou e isso exige um planejamento com ações sistematizadas e contínuas e a consciência de que a mudança não ocorrerá rapidamente, é preciso de paciência e persistência. Por isso, concordamos com a seguinte afirmação de Borin (2010, p. 37):

[...] para desenvolver um processo sistemático de reflexão e conscientização sobre a interferência dos fenômenos de variação linguística nos diversos usos da Língua Portuguesa dentro e fora da sala de aula, é necessário ter em mente que isso não ocorre de um dia para o outro e que não pode ser visto como se fosse fruto de uma simples adesão por parte dos docentes, mas de um processo contínuo e sistemático de trabalho e reflexão sobre os aspectos formais da língua, seus gêneros, seus usos, seu contexto, sua história e seus falantes, bem como de uma política de formação de professores planejada desde sua fase inicial até os estágios mais avançados da formação continuada, que objetive subsidiar as práticas de ensino da Língua Portuguesa numa visão plural do conhecimento científico.

Nesse sentido, a variação linguística pode cumprir um papel fundamental tanto no desenvolvimento do desempenho linguístico quanto formação de uma consciência linguística que com certeza muito ajudará na construção da própria cidadania.

O assunto das variações linguísticas já vem sendo debatido há algum tempo nas escolas, mas pouca prática efetiva se tem percebido nesse sentido, a não ser em casos isolados que são tratados como “ilhas”. Porém, entendemos que é dever do Estado prestar serviços de qualidade ao povo. E isso passa por uma educação que oportunize aos estudantes a aquisição e o desenvolvimento de conhecimentos que beneficie suas vidas em todas as áreas.

2.4-A Formação do Professor do Ensino Fundamental - Anos Iniciais - e a Variação Linguística

A educação é um processo em contínuo movimento e construído historicamente. Esse movimento exige que a formação dos professores acompanhe o ritmo das transformações que ocorrem socialmente. Mas, a ausência de políticas públicas voltadas para a formação acadêmica e continuada de professores tem dificultado o processo educacional que precisa oferecer aos estudantes um trabalho mais efetivo cuja prática visa ao aperfeiçoamento interdimensional do ser humano.

Tudo isso passa por uma formação com qualidade que atenda as demandas sociais que não param de se modificar e exigir novas e consistentes práticas educativas. Em função dessas constantes mudanças, o aperfeiçoamento do professor deixa de ser uma opção e passa ser regra.

Com isso, afirmamos que, a ação de estudar, de pesquisar e buscar conhecimentos devem ser práticas constantes e comuns àquele que se propõe a trabalhar em sala de aula. Pensando assim, Freire (1996, p. 92) diz que “o professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe”. Assim, estudar, pesquisar e aprender é uma obrigação para o professor. Nessa mesma linha de raciocínio, Tavares (1993, p. 126) afirma que, “só consegue ensinar algo aquele que também está disposto a aprender”. Em outras palavras, o professor sempre será um aluno. A partir dessa visão, podemos elencar três verbos que centralizam o conjunto de ações, mas não simplificam o trabalho do professor: estudar, pesquisar e aprender.

O que os autores estão afirmando é que a busca por conhecimento deve ser uma tarefa contínua e rotineira para quem se lança ao exercício de ensinar. Sendo assim, para que o professor possa desempenhar bem sua função é preciso compreender que sua formação não termina na licenciatura, mas depende do movimento circular que este realizará entre as teorias e a prática efetiva no exercício em sala de aula. Com isso, estamos afirmando que a qualidade e o sucesso no exercício diário do professor estão diretamente ligados

a uma formação contínua que soma teoria e prática como requisitos fundamentais para uma educação exitosa.

Justamente por essa razão, precisamos continuar nossos estudos em busca da melhoria da prática do professor em sala de aula. Cabe aqui para fins de progressão do nosso trabalho, tratar de um problema que está diretamente ligado ao tema. E para tanto, tomaremos como referência neste capítulo o curso de Pedagogia por ser a licenciatura que está diretamente envolvida com a ação de alfabetizar.

Não se trata de mudar a estrutura do curso, apenas ampliar seu currículo a fim de melhorar o exercício do pedagogo. E essa melhora deve se dar sobre o ensino da língua portuguesa, principalmente no que diz respeito às variações linguísticas, pois, do aluno que pisa na escola pela primeira vez àquele que já a frequenta há alguns anos, todos trazem para o meio escolar sua variante, sem exceção. E apesar dessa constatação diária, a escola continua a tratar de forma deficitária e até criminosa todas as variantes que fogem àquela compreendida como “certa”. Para se aprofundar no assunto das variações linguísticas são necessários conhecimentos fundamentais que darão suporte científico para o professor ampliar, desenvolver e melhorar sua prática no ensino da língua. Ele precisa compreender com clareza as relações entre fala e escrita, oralidade e letramento.

Nesse sentido, uma pesquisa realizada por Henz e Bezerra (2019) discute essas relações do ponto de vista de professoras que trabalham com alfabetização. Esses autores (2019, p.86) afirmam que “as diferentes visões sobre a relação fala e escrita, ou oralidade e letramento, se constituem como conhecimento básico para quem ensina a ler e a escrever” como é o caso do curso de Pedagogia. E que a não compreensão dessas visões pode levar as professoras a incorrer em equívocos conceituais. Esses equívocos a que eles se referem acontecem, justamente, na sala de aula durante o tempo de ensino ao tratar como erro o processo de adaptação que a criança percorre entre fala e escrita. Ou seja, enxergam como falha o que deveriam compreender como os primeiros passos que a criança dá para aquisição e desenvolvimento da escrita.

Esse equívoco na forma de enxergar o processo de aquisição e desenvolvimento linguístico implica atitudes também equivocadas sobre a compreensão das variações linguísticas que leva a outras ações não menos inadequadas no exercício em sala de aula como, a supervalorização de uma variante em detrimento de outras; o preconceito; o desrespeito e muitos outros. Deste modo, forma-se uma cadeia de equívocos, um gerando outro e assim produzem estudantes que se sentem inibidos, humilhados e sem motivação para expressar-se durante a aula e não compreende o porquê ele precisa se tornar competente linguisticamente.

A necessidade de oferecer aos pedagogos os conhecimentos teóricos que podem contribuir com seu trabalho é muito clara e evidente. O papel da língua falada é incontestável. Segundo Bortoni-Ricardo (2005), é com ela que os alunos chegam à escola pela primeira vez e trazem consigo uma bagagem social pronta como é o caso da família e do contexto social ao qual pertence. A escrita receberá sua importância sem anular a fala ou diminuí-la. E os processos da variação ocorrem naturalmente entre uma e outra de acordo com o contexto de uso.

Muitas vezes, por desconhecimento dessas teorias científicas, o professor age acreditando que está exercendo com brilhantismo sua tarefa, quando na verdade, está bloqueando ou frustrando uma criança que também passa a enxergar sua fala como errada e cresce com essa concepção levando para sua vida pessoal e profissional, transmitindo para outros sua visão de língua e assim, gerando um ciclo de equívocos sem fim.

A partir dessa realidade, pesquisas da Sociolinguística Aplicada ao Ensino, no ramo da macrolinguística (LYONS, 1987), têm realizado estudos acerca da influência das variantes linguísticas no processo de ensino e aprendizagem da língua, justamente para oferecer uma formação aos profissionais que trabalham com crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.

Compreende-se com essa afirmação, o que já dissemos anteriormente, mas precisamos repetir. Não temos a pretensão de questionar o curso de Pedagogia, apenas propor um conhecimento mais denso a respeito das teorias linguísticas que dão suporte ao professor no ensino das variações em sala de

aula. Pois, no que se refere a esse assunto, o curso de Pedagogia apresenta pontos que precisam ser repensados visando ao bem da criança.

Essa mesma criança, durante o processo de aquisição da escrita, passa por algumas etapas, sobre isso Henz e Bezerra (2019, p.96), destacam que é “comum as crianças transferirem para a forma escrita marcas da oralidade que são vistas como erros, mas deveriam ser encaradas como hipóteses iniciais de escrita”.

Ainda segundo os autores, quando a escrita do aluno retrata sua variante, a visão de erro se acentua e o tratamento preconceituoso ganha muito mais forças. E aqueles que deveriam enxergar nessas situações oportunidades de reflexão sobre os vários usos que permeiam a língua falada e escrita, agem na contramão desse raciocínio e contribuem, ainda que inconscientes, para a perpetuação da visão que contempla apenas uma única e exclusiva forma de falar e escrever. Assim Henz e Bezerra (2019, p. 96) afirmam:

O problema torna-se ainda mais grave quando a escrita é marcada pelas variantes da fala utilizadas pelos estudantes. Tratados, muitas vezes, de forma preconceituosa, esses registros deveriam ser considerados e observados na relação pedagógica entre professores e alunos como uma reflexão sobre as inúmeras possibilidades de realização da atividade comunicativa.

Embora o estudo mais aprofundado sobre concepção de língua e das variações linguísticas seja do domínio do curso de letras, a importância desses conhecimentos precisam ser repassados aos professores que trabalham nos anos iniciais do ensino fundamental. Uma vez que esse processo ocorre em função do uso da língua, os pedagogos também precisam adquirir as informações científicas que contribuem e afetam diretamente seu trabalho em sala de aula. Razão pela qual Henz e Bezerra (2019, p. 110) afirmam que

“o alfabetizador é um profissional da língua e, por isso, necessita conhecer seu funcionamento para que tenha capacidade de trabalhar mais facilmente a valorização da oralidade como mediação necessária para a aquisição da escrita”.

Os mesmos autores (2019, p.87), continuam afirmando que,

a limitação das professoras alfabetizadoras, em sua maioria pedagogas, decorre da própria formação acadêmica, como se evidencia no currículo dos cursos de Pedagogia, que não oferecem um conhecimento adequado sobre estudos linguísticos imprescindíveis a quem ensina a ler e escrever. Em virtude dessa carência de um conhecimento teórico adequado por parte das professoras, o que se observa em relação à competência dos alunos do ensino básico para os usos da linguagem é um cenário trágico que se revela por meio das avaliações nacionais e internacionais no que se refere à leitura e a escrita.

Fica evidente na fala dos autores que a falta desse conhecimento compromete a qualidade da aula que o professor oferece e conseqüentemente da aprendizagem do aluno sobre o tema em questão. Embora esse aluno já seja linguisticamente competente, pois ele consegue fazer uso da língua que internalizou a partir de suas experiências familiares e sociais, cabendo ao educador oportunizar meios de ampliação dessa competência. Anular a ideia de erro para todo uso que foge à variante padrão não é fácil para aqueles que estão na carreira há anos. Mas a aquisição de uma visão mais apurada baseada nos estudos da Sociolinguística trará benefícios inquestionáveis para a prática desse mesmo professor que, segundo Bortoni-Ricardo (2018, p.72), precisa entender que:

Todo falante de português, independentemente de sua posição no contínuo de urbanização e independentemente também do grau de monitoração estilística na produção de uma tarefa comunicativa, produz sentenças bem formadas, que estão de acordo com as regras do sistema da língua que esse falante internalizou. Essas sentenças podem seguir as regras da chamada língua padrão ou as regras das variedades rurais ou urbanas. Em um ou em outro caso, serão bem formadas. Não se pode confundir, pois, o conceito de sentenças bem formadas, que provêm da noção de competência, com a noção de “erro” que as nossas gramáticas normativas defendem.
[...] Nenhum falante usa mal a sua língua materna, mas a forma como a usa vai depender de todos os fatores que você já conhece, especialmente, a variação ao longo dos três contínuos: de urbanização, de oralidade/letramento e de monitoração estilística.

Como se vê na declaração da autora, o aluno já chega à escola com sua competência comunicativa bem delineada. Segundo Bortoni-Ricardo (2019, p.73) “a competência comunicativa de um falante lhe permite saber o que falar e como falar com quaisquer interlocutores em quaisquer circunstâncias” precisa apenas que o seu educador ofereça meios para que seu aluno além de ampliar

essa competência possa também desenvolver a competência linguística através da aquisição da escrita e aperfeiçoamento do léxico. No entanto, o professor alheio a essas informações e estudos patina sobre uma prática cheia de lacunas que dificultam e comprometem a ação de ensinar.

Compreendemos que a educação é uma tarefa nobre, e como todo processo, uma base bem desenhada e construída com solidez é essencial para se alcançar o sucesso. E no que diz respeito à educação, essa base é uma alfabetização que some teoria e prática. A compreensão desse pensamento é um passo importante para o crescimento profissional e ter um olhar receptivo para a necessidade é crucial. Mas acima de tudo ter respeito pelo mundo do aluno é sagrado. Respeito e compreensão ao contexto social, à variante linguística apresentada pelo aluno são atitudes que não podem ser esquecidas ou abandonadas pelo professor. Antes, precisam se tornar práticas tão presentes no seu dia-a-dia que o faça com naturalidade e aplique a todos os seus alunos.

Por essa razão, Bortoni-Ricardo (2018, p.38) fez a seguinte declaração, “uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças”. Mas ao mesmo tempo a pesquisadora reconhece que não se trata de uma tarefa simples, ao contrário, pois são muitas modulações que devem ser consideradas e alteram o resultado. Sendo assim, para Ricardo-Bortoni (op. cit.) “na prática, contudo, esse comportamento é ainda problemático para os professores que ficam inseguros, sem saber se devem corrigir ou não, que erros devem corrigir ou até mesmo se podem falar em erros”.

É por tudo isso que chegamos a conclusão de que o ensino das variações linguísticas deve ser um trabalho contínuo e insistente. Um exercício diário que exige dos profissionais envolvidos muito fôlego e a compreensão de que os resultados são em longo prazo a partir de muito esforço conjunto associado a estudos teóricos e planejamento coerente de ações didáticas.

3- PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentamos o percurso metodológico do nosso trabalho e descrevemos o modo como desenvolvemos os procedimentos sobre os quais construímos e realizamos essa pesquisa. Mas, antes de caracterizarmos nossa metodologia, cabe retomar a grande inquietação que nos motivou a realizar esse estudo e em torno da qual nosso trabalho se compôs.

1. Como trabalhar a Variação Linguística na escola e proporcionar ao aluno a compreensão do papel de cada uma na sociedade no sentido de desfazer o preconceito linguístico em geral?

A partir desse ponto e ancorados nos estudos teóricos apresentados, empreendemos nossos esforços primeiramente no sentido de compreender o processo de ensino-aprendizagem sobre as variações linguísticas no nível fundamental da educação.

E por meio do contato diário oportunizado pela convivência escolar, relatos de experiências compartilhadas entre os professores do ensino fundamental dos anos iniciais e observação contínua de suas práticas acadêmicas, buscamos identificar os principais pontos frágeis apresentados no exercício pedagógico que esses professores demonstraram no ensino das variações. A partir desses levantamentos teóricos e práticos, passamos a fase seguinte que foi a elaboração de um Manual de Propostas Didáticas cuja finalidade é contribuir com o exercício desses professores no que diz respeito ao ensino do assunto aqui já apresentado.

E para atingirmos esse propósito, fizemos uso de uma metodologia que toma por base os princípios da Linguística, mais especificamente da Sociolinguística em duas subáreas distintas, a Sociolinguística Interacional e a Sociolinguística Educacional, que analisam os fatos da língua mediante seus usos contextuais (a materialidade linguística) com vistas à ampliação da

linguagem oral e escrita, bem como para as relações de natureza cognitiva e social que envolvem essa questão. Por tudo isso, o trabalho realizou-se com base na metodologia de pesquisa qualitativa e bibliográfica.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa justamente por que busca compreender fenômenos humanos, seus significados e os processos sociais que envolvem esse tipo de estudo (Knechtel, 2014), em nosso caso, o estudo das variações linguísticas. Ainda segundo o autor, a natureza da pesquisa qualitativa é subjetiva, por isso apresenta interesse pelo significado, enfatiza a descrição, o detalhamento dos fenômenos e se utiliza de processos indutivos a fim de construir conceitos, hipóteses e teorias e é neste sentido que construímos esse trabalho. Além disso, há também o trabalho de pesquisa, leitura e análise bibliográfica que fundamenta cientificamente toda nossa pesquisa. A partir da soma dessas características podemos corroborar a metodologia aqui adotada como qualitativa bibliográfica.

A princípio, nossa pesquisa tinha um caráter interventivo e objetivávamos a aplicação em sala de aula, com recolhimento dos dados e análise dos resultados para a divulgação. No entanto, em função da pandemia causada pela propagação do novo coronavírus SARS-CoV-2, o PROFLETRAS, programa de mestrado profissional, precisou adaptar-se a esta realidade de modo que agora nosso trabalho evidencia um Manual de Propostas Didáticas voltadas para o ensino de Língua Portuguesa com foco nas variações linguísticas. Constituindo-se assim, como nosso produto final e constando nos apêndices dessa pesquisa.

Conforme já afirmamos, a escolha deste estudo está associada à necessidade de contribuir com a prática profissional do professor sobre o ensino da variação linguística. Para tal propósito, estabelecemos como meta a elaboração de um manual que, traz inicialmente, os conceitos fundamentais da Sociolinguística a fim de garantir ao educador o aporte teórico de que ele necessita. Em seguida apresentamos propostas didáticas voltadas para esse ensino que ora apresentamos e que contribuirão com o professor no seu exercício diário na sala de aula. Tudo isso a fim de garantir que o aluno possa ampliar sua consciência metalinguística. A escola precisa abordar essa questão como algo natural da língua, refletir sobre ela, entendendo a necessidade de

adequação, para que assim, a variação não seja entendida como erro, mas como fenômeno da língua.

As pesquisas realizadas para esse projeto, embora de natureza bibliográfica em que são analisados compêndios, artigos, livros teóricos entre outros, bem como no campo da inserção social em que os dados foram colhidos diretamente pela observação ao longo dos anos e inclui-se no campo de questão social que traz no campo da educação.

A Metodologia, do ponto de vista cronológico, implicou duas etapas:

1. Revisão bibliográfica – nessa etapa, foram realizados estudos sobre as bases teóricas que respaldam o tema pesquisado.

2. A elaboração do manual – Sugestão de propostas pedagógicas para serem aplicadas em sala de aula com o propósito de facilitar o ensino-aprendizagem sobre o tema.

3.1 Elaboração de um Manual Didático:

Esse momento se compreende pela elaboração de um manual didático direcionado aos professores atuantes no ensino fundamental I e foi dividido em duas configurações.

A primeira intitulamos como: O QUE DIZEM AS TEORIAS SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA? Nela oferecemos o suporte teórico que compreendemos como necessário para que os educadores adentrem ao universo da Sociolinguística. A segunda chamamos de PROPOSTAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UM PLANEJAMENTO NECESSÁRIO. Aqui tratamos de apresentar ideias, no passo a passo, como trabalhar o referido assunto em sala de aula.

Antes, porém, dessa divisão, apresentamos ao nosso leitor uma breve introdução sobre o nosso trabalho a fim de esclarecer a natureza desse estudo e ajudá-lo a compreender a seriedade do tema. Abordamos os seguintes pontos:

- ✓ Do que trata esse trabalho;
- ✓ Qual a nossa visão científica;

- ✓ Qual a nossa motivação;
- ✓ Quais os nossos objetivos acadêmicos e profissionais; e por fim,
- ✓ Quais as contribuições que acreditamos oferecer por meio de todo esse trabalho.

Uma vez realizada e compreendida a introdução, passamos a parte que trata dos aspectos teóricos e que sustentam esse estudo. Nesse momento temos os seguintes objetivos:

- ✓ Facilitar o contato do professor com a Ciência em questão e seus objetos de estudo a fim de que ele se inteire e compreenda do que trata essa ciência e esse manual / a visão científica que valida esse trabalho / os objetivos e as contribuições possíveis derivadas da consciência trazida pelos estudos sociolinguísticos para a sala de aula.

Para tanto, dividimos essa primeira parte do nosso manual em capítulos e subcapítulos que foram nomeados de acordo com os temas e áreas específicas da Sociolinguística. A saber;

- ✓ A Sociolinguística;
- ✓ Vertentes da Sociolinguística:
 - - Sociolinguística Variacionista;
 - - Sociolinguística Interacional;
 - - Sociolinguística Educacional;
- ✓ Preconceito Linguístico;
- ✓ Educação Linguística;
- ✓ Erro ou Inadequação?

Cada tema selecionado e abordado, além de introduzir o professor no universo da Sociolinguística, tem o potencial de contribuir com o embasamento teórico capaz de justificar e comprovar à luz da ciência a necessidade desse trabalho. Por isso, tratamos de explicar cada conceito envolvido, seus objetivos específicos e como cada base teórica apresentada pode contribuir para melhorar a prática e a compreensão sobre Variação Linguística.

E a partir desse aporte teórico, segue-se a segunda parte cujo foco se assenta sobre elaboração de propostas didáticas que possam ser acionadas na sala de aula pelo professor a fim de alcançar o aluno e, assim, por meio dessa ferramenta pedagógica, oportunizar uma educação linguística consistente cientificamente e coerente com a realidade brasileira sobre os usos que envolvem a língua portuguesa no Brasil. Para tanto, na segunda parte do nosso manual compreendemos os seguintes objetivos:

- ✓ Apresentar propostas didáticas com vistas ao desenvolvimento da fala e da escrita do aluno;
- ✓ Oportunizar o desenvolvimento de uma educação linguística com mais qualidade e respeito às variações que envolvem o uso da língua portuguesa no Brasil.

Conforme já dissemos, as propostas seguem como princípio norteador à ampliação da fala e escrita do aluno. Para isso, serão apresentadas atividades com orientações voltadas aos diversos falares manifestados pelo estudante estabelecendo sempre um diálogo entre a fala e a escrita. Realizando paralelos e comparações entre as variantes, incluindo a de prestígio social, com o propósito de esclarecer que todas são igualmente funcionais e divergem apenas na aplicação que deve considerar o contexto comunicativo. As propostas objetivam os seguintes pontos:

- ✓ Valorizar o uso das variantes dos alunos;
- ✓ Tratar de forma igualitária todas as variantes manifestadas pelos alunos;
- ✓ Apresentar diferentes falares que tenham o mesmo objetivo;
- ✓ Tratar da adequação e inadequação para cada variante apresentada;
- ✓ Discutir fala e escrita;

A fim de instrumentalizar os educadores, nossas propostas tomaram como princípio os pontos elencados acima e foram desenvolvidas a partir da

análise e observações diárias e do contato informal oportunizado pelo convívio escolar.

Nossas propostas adotam o modelo utilizado pelo professor Santolin Braga (2018) que elaborou orientações práticas para o ensino de literatura seguindo uma sequência padronizada para facilitar a compreensão do leitor e seguir uma cadeia lógica de ações que visam ao mesmo propósito. Essa sequência ocorre com o seguinte roteiro:

- ✓ Duração: tempo estimado em horas aulas para a aplicação da proposta;
- ✓ Tema: assunto específico a ser trabalhado;
- ✓ Objetivo: apresentar metas e pretensões que se pretendem atingir através da aplicação da proposta;
- ✓ Competências e Habilidades: Segundo os critérios da BNCC.
- ✓ Materiais e recursos: instrumentos e objetos concretos e necessários a aplicação da proposta;
- ✓ Etapas propostas: apresentação do passo a passo das ações a serem desenvolvidas. Totalizando 10 etapas para cada proposta.

A partir desse modelo instituído com uma sequência padronizada compreendemos que a leitura de cada atividade proposta nesse formato facilitará o entendimento do professor para aplicar em sua sala de aula. Esclarecemos que nossas propostas podem e devem ser adaptadas respeitando-se a realidade de cada professor e de seus alunos. Como dissemos, são propostas, são sugestões de atividades flexíveis ao contexto de cada turma.

Finalmente, somando teoria à prática e considerando a realidade de cada escola, acreditamos que é possível, claro que em longo prazo, mudar o *status quo* da educação brasileira. No nosso caso, da visão distorcida sobre o uso “correto” da língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar em ensino de língua portuguesa pode até soar fácil para quem está longe da sala de aula, mas para aqueles que se entregam a essa tarefa, a experiência é outra, pois conhecem de perto as agruras impostas pela realidade escolar. E quando falamos exclusivamente sobre o ensino das variações linguísticas, a situação não melhora. Ao contrário. Apesar de inúmeras pesquisas e estudos realizados por sociolinguistas que provam à luz da ciência a igualdade entre todas as variantes, a prática social e, por conseguinte, escolar segue na contramão de todo esse estudo e insiste numa ação preconceituosa sobre qualquer forma de uso da língua que não se enquadre nos padrões adotados como o correto.

E, conforme já afirmamos em outros momentos, foi a soma de diversas situações observadas através dos anos de prática e experiência escolar que nos trouxe até a produção desse trabalho. E através da pesquisa que realizamos conseguimos ampliar nossa compreensão do problema e constatamos que o preconceito sobre as variações linguísticas vai além das nossas primeiras impressões.

Entendemos que, com raízes históricas que vêm desde o Brasil-Colônia, trata-se de um problema que não se resolve a curto ou médio prazo, tampouco com apenas a aplicação de um manual de propostas didáticas voltadas para esse fim. Faz-se preciso um trabalho uníssono entre educadores e muito fôlego para enfrentar uma batalha que não se pode contar o tempo.

Uma segunda constatação foi a presença do preconceito sobre as variações linguísticas entre os próprios professores, incluem-se alguns com formação em Letras, mas que partilham da ideia de que há apenas uma forma “correta” para usar a língua materna. Assim aprenderam e assim ensinam.

Por tudo isso, percebemos o valor e a importância do nosso produto final; o manual que, embora não resolva um problema nessas proporções, pode ajudar um professor em sua sala de aula. Ou seja, já que não temos condições de

alcançar toda a sociedade brasileira, temos, ao menos, condições de alcançar nosso aluno que está conosco na sala, no dia-a-dia escolar e isso, por si só, é motivo suficiente para compreender a contribuição que apresentamos através desse trabalho no qual oferecemos atividades diversificadas com o objetivo comum de chamar o estudante a uma reflexão sobre a língua e seus usos.

Deste modo, podemos afirmar que os objetivos traçados no início dessa pesquisa foram alcançados, pois não apenas conseguimos efetuar a composição do manual como também aprofundamos nosso conhecimento sobre o referido tema de maneira que o somamos a nossa prática a fim de melhorar a qualidade de nossas atividades profissionais.

E para que o ensino das variações linguísticas e o combate ao preconceito linguístico se tornem ações exitosas, o papel da escola é decisivo nesse sentido. Bagno (2005) diz que: “é preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país” (BAGNO, 2005, p. 18).

Com essa fala o autor corrobora a necessidade de um trabalho escolar voltado para o combate ao preconceito linguístico e ao reconhecimento dos valores que cada variante possui. É preciso oportunizar os meios necessários para que o aluno consiga chegar à compreensão do valor de cada variante e desenvolver a habilidade de saber aplicá-las no contexto adequado sempre que a necessidade surgir. E a escola é o espaço que deve oportunizar o acesso ao conhecimento capaz de promover o respeito às diferenças. E isso começa pelo respeito às variantes.

Os estudos de autores como Marcos Bagno (2003; 2020), Bortoni-Ricardo (2005; 2019) e outros pesquisadores contribuíram definitivamente para o aprimoramento teórico de que precisávamos para ampliar nosso conhecimento e desenvolver nosso manual.

Afirmamos que existe uma necessidade de abordar esse tema e seu efeito na vida das pessoas com mais atenção e respeito dada a sua importância. Entretanto, lamentamos que as variações linguísticas não recebam um

tratamento igualitário e, mesmo compreendendo as raízes desse problema, não devemos nos conformar tampouco cruzar os braços como se nada pudéssemos fazer no combate a prática discriminatória que cerca os diversos usos da língua.

Pensando assim, construímos toda a nossa pesquisa no firme propósito de contribuir com a prática escolar no tocante a esse assunto. Por isso, como produto final do nosso trabalho, apresentamos ao professor um Manual com Propostas Didáticas voltadas para o ensino da variação linguística em turmas iniciais do ensino fundamental. Todas as propostas contemplam competências e habilidades previstas pela BNCC nos quatro eixos além das habilidades devidas que tratam do combate ao preconceito linguístico.

Elas foram pensadas pela ótica do respeito e equidade entre os falares, adequação e inadequação entre as variantes e os contextos de uso, além das diversas formas para expressar a mesma ideia. Passeando entre a leitura, oralidade, análise linguística e escrita durante todo o processo, nem sempre nessa ordem, mas numa linha crescente de atividades que propiciam ao educando a aquisição do conhecimento, seguido da reflexão constante e da prática baseada nos objetivos traçados.

A nossa expectativa é que esse trabalho contribua com o exercício do professor, pois já contribuiu com o nosso. E através dele o aluno desenvolva um olhar mais humano e justo sobre o outro e a fala desse outro. Além desse respeito, também esperamos que o educando desenvolva a habilidade de adaptar sua linguagem às várias circunstâncias que a vida em sociedade impõe. Pensamos em tudo isso durante a confecção do Manual e temos muitas expectativas sobre o seu uso.

Sugerimos ao professor que pesquise e se aprofunde ainda mais nesse assunto e à medida que aplicar nossas propostas, adapte-as à realidade de sua turma e de seus alunos. O importante é que o trabalho de valorização das variações linguísticas e o combate ao preconceito linguístico encontre espaço na sala de aula e seja bem sucedido. Permitir que o aluno não tenha acesso a esse conhecimento é o mesmo que amputar-lhe o exercício da cidadania e furtar à democracia.

4- REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. Estudos Lingüísticos, São Paulo, maio-ago. 2008.

Disponível em

http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf?/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística (parte I). In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, V.1, 9ª ed. 2012.

ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2007.

Baarish Ki Jaaye | B Praak Ft Nawazuddin Siddiqui & Sunanda Sharma | Jaani | Arvindr Khaira | DM. You Tube. DM- Desi Melodies. [S. l.: s. n.], 08 jul. 2017. 1 vídeo (5:04) Disponível: <https://youtu.be/TYaNfLLOLNY>. Acessado em: 21 abr. de 2021.

BAGNO, M. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, M. **Preconceito Lingüístico: o que é como se faz**. 12ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística**. São Paulo: Parábola, 2014.

BAGNO, M. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2015.

BAGNO, M. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro.** 2ª Edição. São Paulo: Parábola, 2020.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** 12º ed. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BERALDO, Jairo. Preconceito linguístico; Brasil Escola. [2021?] Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/portugues/preconceito-linguistico.htm> . Acesso em 03 de junho de 2021.

BEZERRA, B. **Letras: Sociolinguística.** Recife – PE. UPE/NEAD, 2011.

BORIN, M. A. et. al. **Sociolinguística: 3º semestre.** Santa Maria. UFSM, 2010.

BORTONI-RICARDO. S. M. **Nós chegamu na escola e agora? Sociolinguística e educação.** São Paulo. Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO. S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola, 2008.

BORTONI-RICARDO. S. M. **Educação em Língua Materna: a Sociolingüística em sala de aula.** São Paulo: Parábola, 9ª Ed. 2019.

BORTONI-RICARDO. S. M. **Manual de Sociolinguística.** São Paulo: Parábola, 2ª Ed. 2019.

BRAGA, C. S. SOUSA, I. V (org.) **Interfaces entre literatura, Língua e Sequência Didática.** Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

BRASIL. MEC. **BNCC Base Nacional Comum Curricular de Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 2017.

BRASIL. MEC. **Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. MEC. **Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa.**
Brasília: MEC/SEF, 2001.

Chico Bento em: Na roça é diferente - Turma da Mônica (1990). You Tube.
Turma da Mônica. [S. l.: s. n.], 06 jun. 2013. 1 vídeo (7:39) Disponível em:
https://youtu.be/Bfx_E3zvnjcc. Acessado em: 21 abr. 2021.

Chico Bento no Shopping (1997) | Turma da Mônica. You Tube. [S. l.: s. n.], 04
jun. 2012. 1 vídeo (7:01) Disponível em: <https://youtu.be/ffKjDBFvPxY>.
Acessado em: 21 abr. 2021.

Dialeto Nordestino - Uma resposta ao preconceito. You Tube. Bráulio Bessa.
[S. l.: s. n.], 04 fev. 2016. 1 vídeo (7:08) Disponível em:
<https://youtu.be/npErlIDE1xg>. Acessado em: 21 abr. de 2021.

Discurso de Formatura: Medicina UFAM - Lucas Ximenes Orador da Turma 88.
You Tube. Leoalmeida. [S. l.: s. n.], 01 mar. 2019. 1 vídeo (10:15) Disponível
em: <https://youtu.be/dnbw0RxE9Jk>. Acessado em: 21 abr. de 2021.

Elba Ramalho - Nordeste Independente (1984). You Tube. Damião Almeida. [S.
l.: s. n.], 10 jan. 2019. 1 vídeo (4:28) Disponível em: [https://youtu.be/GO_Y-
P_A7y4](https://youtu.be/GO_Y-P_A7y4). Acessado em: 21 abr. de 2021.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós.**
São Paulo: Parábola, 2008.

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles. Intérpretes: Fernanda Montenegro,
Vinicius de Oliveira. [S. l.]: Bretz Filmes, (Rimo). 1998. 1 DVD (110 min), son.,
color.

CIDADE de Deus. Direção: Fernando Meirelles. Intérpretes: Alexandre
Rodrigues, Leandro Firmino da Hora, Jonathan Haagensen, Phellipe

Haagensen, Douglas Silva. . [S. l.]: Imagem Filmes. 2002. 1 DVD (130 min), son., color.

FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Linguística: objetos teóricos. (v.1)**. São Paulo: Contexto, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, M. L. C. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. Curitiba – PR. IBEPEX, 2007.

GORSKI, E. COELHO, I. et. al. **Sociolinguística: 5º Período**. Florianópolis. UFSC, 2006.

GUMPERZ, J. **Sociolinguistique interactionnelle**. Une approche interprétative. Paris: L'Harmattan, 1989.

GUMPERZ, J. J. 11 Interactional Sociolinguistics: A Personal Perspective. In: TANNEN, D.; HAMILTON, H. E.; SCHIFFRIN, D. **The handbook of discourse analysis**. Reino Unido: Wiley Blackwell, 2015.

HENZ, Rossana Ramos e BEZERRA, Benedito Gomes. **Fala, escrita e ensino na percepção de professoras alfabetizadoras**. In: CAIADO. Roberta. Linguagem e Interdisciplinaridade: Diferentes Gestos de Interpretação. São Paulo. Pá de Palavra. 2019. p. 86-112.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução M. Bagno, M. M. P. Scherre, C. R. Cardoso. São Paulo. Editorial. 4ª Ed. 2018 [1972].

Linda Oração do Pai Nosso. Para Ensinar as crianças. You Tube. Clécio Hinos CCB. [S. l.: s. n.], 22 mar. 2019. 1 vídeo (0:56) Disponível em: <https://youtu.be/fUIWcx4V6Zk>. Acessado em: 21 abr. de 2021.

LUFT, C.P. **Língua e Liberdade: Por uma nova concepção de língua materna**. São Paulo: Ática, 2002.

LUFT, C.P. **Ensino e aprendizagem da língua materna**. São Paulo: Globo, 2007.

LUFT, C.P. **ABC da língua culta**. São Paulo: Globo, 2010.

MALDONADO, Gabriel Orlando Quiñones. **A Sociolinguística Interacional no discurso político: uma análise de trechos orais interativos em contextos da pandemia da COVID-19**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 08, Vol. 02, pp. 15-27. Ago. de 2020. ISSN: 2448-0959. DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/letras/sociolinguistica-interacional. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/letras/sociolinguistica-interacional>. Acesso em: 21 abr. de 2021.

MARRA, D. & MILANI, S. E. (2012). **Uma teoria social da lingua(gem) anunciada no limiar do século XX por Antoine Meillet**. Linha D'Água, 25(2), 67-90. Out. de 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i2p67-90>. Acessado em: 21 abr. 2021.

MARTELOTA, Eduardo Mário. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2012.

MOLLICA, M. Cecília. (org.). **Introdução à Sociolingüística Variacionista. Cadernos didáticos**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ. 1992.

MOLLICA, M. Cecília. **Como o brasileiro fala, percebe e avalia alguns padrões lingüísticos**. Rio de Janeiro: Ed. Flores Verbais, p. 121-129, 1995.

MOLLICA, M. Cecília. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: contexto, 2012.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza, (orgs.). **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

O AUTO da Compadecida - Filme Completo - (Cinema Nacional) Direção: Guel Arraes. Intérpretes: Matheus Nachtergaele, Selton Mello, Rogério Cardoso, Lima Duarte. [S. l.]: Columbia Tristar. 2000. 1 DVD (104 min), son., color.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP. Mercado das Letras. 2ª Ed. 2012.

TAVARES, C. **Iniciação a visão holística**. Rio de Janeiro: Record, 1993.
Transmissão ao Vivo de Band Jornalismo.You Tube. Band Jornalismo. [S. l.: s. n.], 01 out. 2016. 1 vídeo (180:56) Disponível em:
<https://youtu.be/TQUu766aKIY>. Acessado em: 21 abr. de 2021

Veja o último programa eleitoral de Aécio Neves antes da eleição (24/10/2014).
You Tube. Aécio Neves- 45. . [S. l.: s. n.], 24 out. 2014. 1 vídeo
(10:00)Disponível em: <https://youtu.be/wG5rxLI13q0>. Acessado em: 21 abr. de 2021

WITKOWSKI, R. A Sociolinguística e suas principais correntes de estudo. Linha D'Água, 90-91. 24 nov. 2013. Disponível em:
https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/LED_EaD/article/view/1197/357 .
Acessado em: 05 fev. 2021.

MANUAL DE PROPOSTAS
DIDÁTICAS PARA O ENSINO
DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:
UM PLANEJAMENTO NECESSÁRIO

ROGÉRIO DE ANDRADE SOUSA



SUMÁRIO

Introdução	02
Aporte teórico	07
Fundamentos da Sociolinguística	08
* Sociolinguística Variacionista	10
* Sociolinguística Interacional	14
* Sociolinguística Educacional	15
Preconceito Linguístico	18
Educação Linguística	22
Erro ou Inadequação?.....	28.....
Apresentação das Propostas	31
Proposta 01	34
Proposta 02	36
Proposta 03	38
Proposta 04	40
Proposta 05	42
Proposta 06	44
Proposta 07	46
Proposta 08	49
Proposta 09	51
Proposta 10	56
Proposta 11	58
Proposta 12	60
Proposta 13	62
Proposta 14	64
Proposta 15	66
Proposta 16	68
Proposta 17	70
Proposta 18	73
Proposta 19	75
Proposta 20	77
Proposta 21	79
Proposta 22	81

PALAVRA AO PROFESSOR



Caro professor e colega, desde o início de nossa pesquisa o alvo era lhe alcançar e poder contribuir de alguma forma, em alguma medida com seu trabalho na sala de aula no tocante ao ensino das variações linguísticas. Um assunto carente de um olhar mais atento e de uma prática mais efetiva e eficiente. E isso não é tão simples como parece nem é para qualquer um. É para você!

Compreendemos que compete a nós, professores de língua, conforme dizem Henz e Bezerra (2019), letrados e pedagogos, trabalhar no sentido de trazer uma consciência linguística sustentada em estudos científicos sérios de pesquisadores renomados no campo da Sociolinguística.

Para tal intento, apresentamos algumas teorias que sustentam esse trabalho e agora seguimos com uma sequência de 22 propostas didáticas bem delineadas para que você exercite com seus alunos e assim, possa desenvolver junto a eles a consciência da igualdade entre as variações linguísticas que tanto falamos aqui. As propostas seguem uma gradação crescente da primeira à vigésima segunda. Você perceberá isso facilmente.

É importante que você consiga aplicar nossas propostas com respeito à realidade da sua turma e ao contexto dos seus alunos para ajudá-los a crescer cada vez mais.

Obrigado por toda sua dedicação. É por profissionais com o seu “know-how” que nos dedicamos com tanto carinho e esmero. Cremos que esse Manual não será apenas um conjunto de textos para ser lido e guardado, o seu propósito se assenta na prática, sem qual nada disso faz sentido. Portanto, lance mão dele e use-o com sua maestria e amor pela causa da educação de nossas crianças.

Boa aula.

Atenciosamente,

Rogério de Andrade Sousa

INTRODUÇÃO

Olá professor(a),

Queremos compartilhar com você todo o processo pelo qual passamos para que esse material chegasse até suas mãos. Falaremos daquilo que deu origem aos primeiros questionamentos, das dificuldades profissionais, da base científica que nos deram o suporte necessário e do processo de escrita reescrita, até que enfim, chegasse em suas mãos esse Manual, pronto para ajudá-lo em seu exercício na sala de aula.

Seja bem-vindo (a) aos estudos científicos da Sociolinguística.

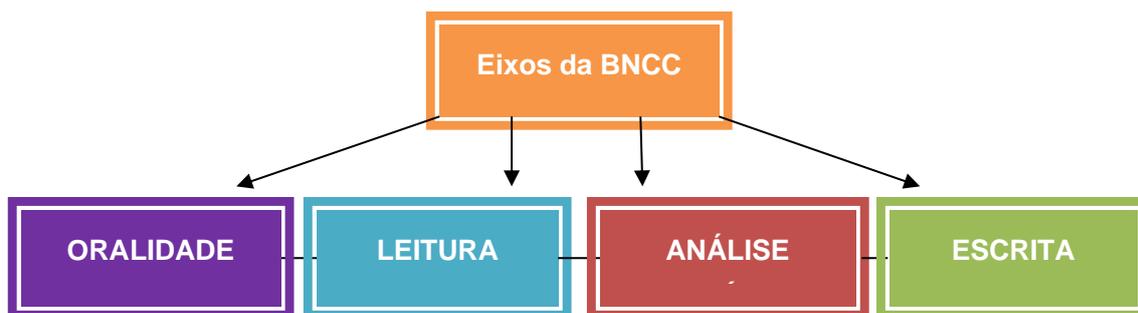
Vamos lá?



Ao longo do tempo de nossa carreira profissional, percebemos no dia a dia escolar algumas dificuldades enfrentadas pelos professores de todas as áreas no exercício da educação. Todavia, aqueles que lidam com o ensino da língua enfrentam dificuldades bem peculiares e que, se não tratadas com a seriedade que exigem, haverá consequências danosas nesse processo, algumas podendo ser irreversíveis.

Em meio a tantas problemáticas, houve uma que saltou aos nossos olhos: a prática da educação linguística sobre a igualdade entre as variantes estava distante do que apregoam os documentos oficiais encontrados na BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Nos estudos que realizamos em formações para professores de língua portuguesa sobre esse documento oficial fica claro que a linguagem oral é contemplada como um dos eixos de sustentação para o ensino de língua.

A BNCC é dividida em eixos e apresenta os seguintes aportes:



Fonte: Diagrama elaborado pelo próprio autor do Manual.

Mais informações acesse o link:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa-no-ensino-fundamental-anos-iniciais-praticas-de-linguagem-objetos-de-conhecimento-e-habilidades>

E apesar de explicitar a necessidade de se trabalhar as variações linguísticas na perspectiva sociolinguística, dividindo em competências e habilidades que precisam ser desenvolvidas pelo aluno, nos pareceram senso comum que a organização de atividades pedagógicas para um ensino consistente sobre o tema referido ainda é carente e superficial.

Também percebemos que alguns fatores contribuem definitivamente para essa realidade como a ausência de conhecimentos teóricos e científicos. E ainda mais, somado ao que dissemos até agora, consideramos também os estudos dedicados à BNCC, às observações diretas e indiretas sobre as dificuldades dos educadores dos anos iniciais e o compartilhar de várias experiências (positivas e negativas) com e entre esses professores. Tudo isso fez surgir a necessidade de construir esse Manual.

Quanto mais líamos e estudávamos, tínhamos novas percepções. Notamos que, embora o estudo mais aprofundado sobre concepção de língua e das variações linguísticas seja do domínio do curso de Letras, a importância desses conhecimentos precisam ser repassados aos professores do ensino fundamental dos anos iniciais. Uma vez que esse processo ocorre em função do uso da língua, e esses professores são em sua maioria pedagogos que se dedicam ao ensino de outras diversas áreas, concluímos que precisamos ajudá-

los a adquirir esses conhecimentos que são fundamentais para quem se propõe a também ampliar a competência comunicativa dos alunos.

Tratam-se de informações científicas que contribuem e afetam diretamente seu trabalho em sala de aula e, portanto, não devem ficar restritas aos profissionais de Letras.

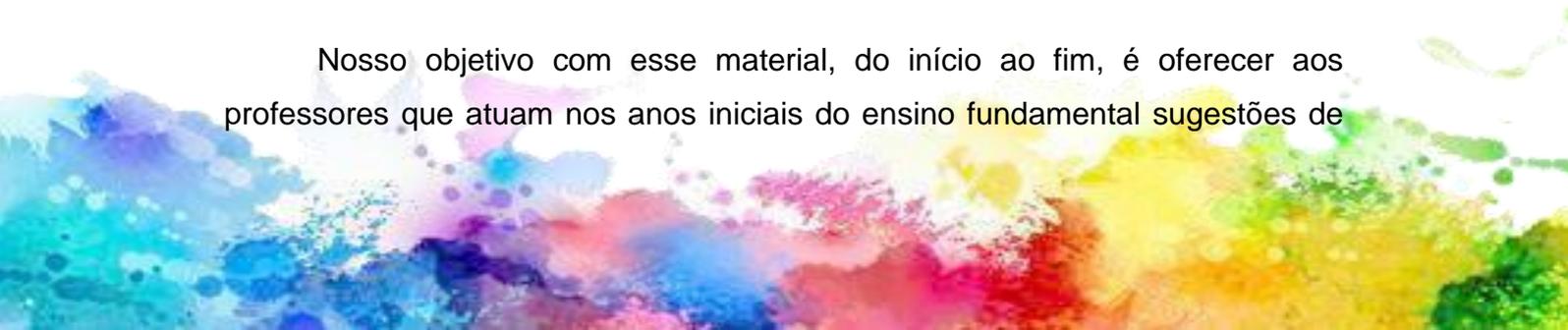
Pensando assim, Henz e Bezerra (2019, p. 110) afirmam que, “o professor alfabetizador é um profissional da língua e, por isso, necessita conhecer seu funcionamento para que tenha capacidade de trabalhar mais facilmente a valorização da oralidade como mediação necessária para a aquisição da escrita”. Compreendemos que conhecer o funcionamento da língua é uma necessidade de primeira ordem para todo professor dos anos iniciais no ensino fundamental (do primeiro ao quinto ano sem exceção), pois todos lidam com alunos que estão em processo de desenvolvimento linguístico. O que comprova a existência de uma necessidade de conhecimentos mais profundos sobre o assunto.

Destacamos que nosso Manual se configura nos postulados da Sociolinguística Interacional e Educacional, pautado na correlação entre língua e sociedade, e apoiado em estudos de autores como Bortoni-Ricardo (2005; 2019), Bagno (2005; 2015) e outros para nossa fundamentação teórica.

Os estudos desses e outros pesquisadores da Sociolinguística nos impulsionaram e respaldaram a nossa pesquisa durante todo o tempo. Buscamos respostas, pensamos em estratégias a fim de melhorar na prática o ensino das variações linguísticas no ensino fundamental – anos iniciais.

Nossa motivação maior era poder contribuir com os colegas de profissão para atingirmos um ensino mais adequado e justo sobre as variações linguísticas e dessa forma contribuir com a educação, pois os “louros” desse trabalho não ficam limitados às aulas de linguagem. Além de se estenderem a todas as demais áreas de estudo, acompanham o aluno na vida social, familiar e profissional.

Nosso objetivo com esse material, do início ao fim, é oferecer aos professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental sugestões de



propostas de aula prática sobre o ensino das variações linguísticas que oportunizem aos seus alunos o desenvolvimento de uma consciência ampla, justa e verdadeira sobre o tema e aprendam a considerar o contexto como requisito determinante para a escolha apropriada da variante.

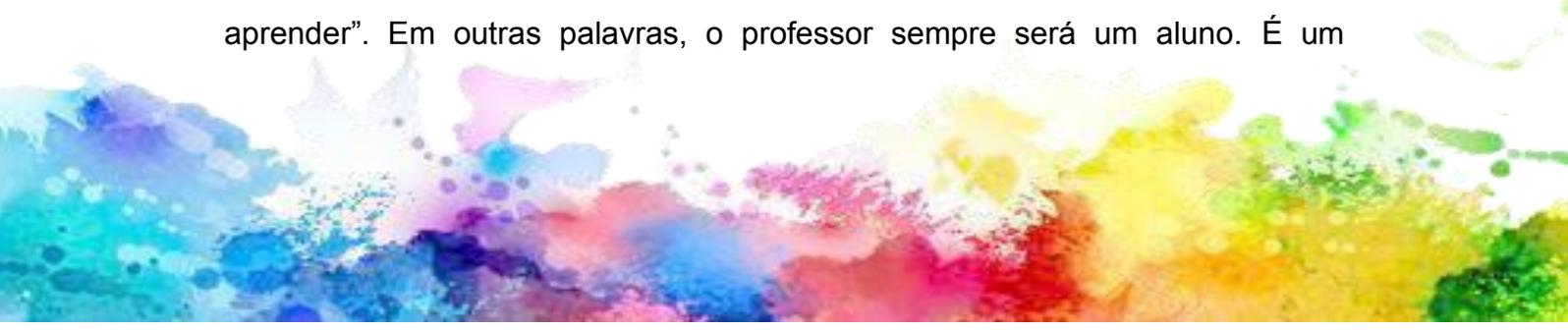
Baseados nesse primeiro objetivo, compreendemos outro: elaborar propostas que possam ajudar o professor na condução do ensino sobre variação linguística à medida que proporciona ao estudante momentos de reflexão, contato e interação com outras diversas variantes. Todas aplicadas aos seus contextos adequados de uso para que a criança perceba a conexão variante X contexto e, assim, desenvolva o respeito e a consciência que este assunto exige.

Destacamos que, durante a elaboração das propostas consideramos, além dos conhecimentos teóricos, as competências e habilidades apontadas pela BNCC somadas às experiências adquiridas no exercício da profissão.

Por fim, acreditamos que esse Manual contribuirá diretamente com a educação brasileira. Não se trata de um instrumento salvador da pátria, mas um mecanismo de apoio que pode contribuir com o ensino da variação linguística nos anos iniciais do ensino fundamental, uma vez que ele foi pensado nesse formato e com esse propósito.

E, como não poderia deixar de ser, temos a consciência de que nosso trabalho não se encerra aqui. O processo não para, exige que todos nós, professores, continuemos nossos esforços, nossos estudos e nossa busca por conhecimento e ideias para avançarmos até atingirmos a melhoria que todos sonhamos.

Tomamos para nós mais uma dentre tantas verdades que nos disse Freire (1996, p. 92) “o professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe”. Assim, estudar, pesquisar e aprender é uma obrigação para o professor. Com ele, colabora Tavares (1993, p. 126) ao afirmar que, “só consegue ensinar algo aquele que também está disposto a aprender”. Em outras palavras, o professor sempre será um aluno. É um



processo contínuo, não para. E só quem ama o que faz, entende o que é ser professor de verdade.



*A partir de agora,
iniciaremos um estudo mais científico.
Veremos o que dizem estudiosos e especialistas
no assunto. E a partir das reflexões teóricas,
construiremos nossas propostas.*



APORTE TEÓRICO

Olá querido professor, apresento a partir de agora, as teorias científicas que dão suporte ao nosso trabalho. E quando digo, “nosso trabalho”, refiro-me simultaneamente a este Manual e a relação de ensino-aprendizagem que você e eu desenvolvemos com nossos alunos. Mas, antes de começar o estudo das teorias linguísticas, gostaria de mostrar a você quais são os objetivos que, juntos, pretendemos alcançar:

- ✓ Facilitar o contato do professor com a Ciência em questão e seus objetos de estudo a fim de que ele se inteire e compreenda do que trata essa ciência e esse manual assim como, a visão científica que valida esse trabalho.

- ✓ Oportunizar os meios para que os professores compreendam os objetivos e as contribuições possíveis derivadas da consciência trazida pelos estudos sociolinguísticos para a sala de aula.

Seguiremos tomando como base a relação língua/sociedade, evidenciando a variação linguística e seus desdobramentos na fala.

O QUE DIZEM AS TEORIAS SOBRE A VARIÇÃO LINGUÍSTICA?



FUNDAMENTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

Há diversos conceitos para definir a Sociolinguística. Discutiremos alguns muito interessantes a partir de agora.

De acordo com Bagno (2005, p.38), “O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente social. Língua e sociedade estão indissolavelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra”. Ou seja, para esse autor, a sociedade não existe sem a língua e a língua não existe sem a sociedade. Como dois seres de personalidades distintas e que se influenciam mutuamente, elas extrapolam a condição de estarem⁵ conectadas para serem⁶ conectadas.

Bezerra (2011, p.8), afirma “que todas as línguas naturais humanas se caracterizam pela heterogeneidade e variabilidade”. Com isso, o autor nos diz que a língua apresenta diversas formas de uso, usos que variam de acordo com os falantes, o momento, o lugar e outros fatores intra e extralinguísticos que exigem a adaptação dos interlocutores ao usar a língua mediante o contexto que os envolve.

Por exemplo, um locutor que esteja na posição de orador numa formatura acadêmica apresentará um discurso planejado, dentro de um roteiro e fará uso da variante padrão nesse momento. Após a solenidade, já no baile, sua linguagem mudará completamente para uma variante informal que levará em consideração a situação, seus interlocutores e outros muitos elementos que podem dar sua parcela de contribuição; e esses elementos são múltiplos. Isso sem falar que mesmo fazendo uso de uma variante informal, ele pode apresentar níveis diferentes de informalidade que considerarão seu público alvo: falar informalmente com os colegas, não é a mesma coisa que falar informalmente com autoridades. É isso que o autor está afirmando mais acima.

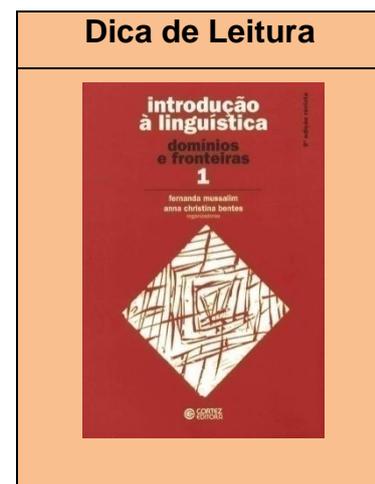
⁵ ESTAR – Verbo que exprime uma condição momentânea, passível de mudança em função de inúmeros elementos.

⁶ SER – Verbo que expressa estado permanente, inerente à natureza do ser, portanto, não muda em função do tempo, ou do espaço ou quaisquer outros fatores.

É essa diversidade no uso da língua que, segundo a Sociolinguística, é denominada variação linguística. Ou seja, são modos de falar que enriquecem o sistema linguístico e permitem que o usuário passeie entre as diversas comunidades linguísticas estabelecendo uma comunicação clara e sadia com todos. Todavia, essa riqueza no uso da língua, infelizmente, ainda é vista por muitos como um defeito, uma falha do usuário. Por isso o estudo dessa ciência é tão importante para nós professores de língua.

Por fim, segundo Mollica (2015, p. 09), “a Sociolinguística estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”. O que isso significa? Significa dizer que a língua é estudada a partir de fatores que influenciam nas escolhas que os usuários fazem no instante que a utilizam. O exemplo que apresentamos também se encaixa perfeitamente nesse discurso.

A Sociolinguística, segundo Alkmim (2012), considera fatores como: idade, sexo, realidade socioeconômica, nível de escolaridade, momento exato da interação, os demais interlocutores... Esses e outros elementos têm papel decisivo na escolha que os usuários fazem no momento que interagem entre si. Conscientes ou não.



A partir dessas considerações, é bom lembrar que a Sociolinguística, como toda ciência, apresenta subdivisões que ampliam ainda mais seu objeto de estudo, são elas: Sociolinguística Variacionista, Interacional, Educacional, Histórica e Qualitativa. Nesse trabalho abordaremos com você as três primeiras por estabelecerem uma relação mais forte com nossa pesquisa.

Vamos ao estudo delas?



A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

O ponto central aqui é a heterogeneidade e a variabilidade da língua. O que significa isso? Vamos entender juntos: Você sabe que o prefixo hetero tem sua origem no grego *héteros*, sob o sentido de *diferente*. E a expressão variabilidade é uma derivação de *variação*, aquilo que varia, muda, se transforma... Somando as duas ideias compreendemos que a Sociolinguística toma por base aquilo que é diferente e que muda, se transforma. Ideia perfeita para compreendermos a centralidade da Sociolinguística Variacionista.

Isso é interessante!

Veja que interessante: uma vez em posse da informação sobre o prefixo hetero (aquilo que é diferente), e aplicamos isso para o princípio da heterogeneidade da língua, automaticamente concluímos que: a língua apresenta diferenças de uso. DIFERENÇAS! O que não é a mesma coisa de oposto, como se aplica ao conceito de sexualidade por meio da expressão *heterossexual* (atração pelo sexo oposto).



Vamos repetir: a heterogeneidade somada a variabilidade são princípios norteadores da Sociolinguística Variacionista.

Assim como o homem é variável e apresenta comportamentos que acompanham essas mudanças, assim também é a língua. Talvez possamos até afirmar que ela é a primeira a sentir e sofrer, quase simultaneamente, todos os efeitos e transformações que atingem o homem. A língua apresenta variações que vão depender desde o estado emocional, psicológico, cultural, econômico, situacional, entre outros. Enfim, são muitos os determinantes que fazem da língua um instrumento variável que é parte da natureza humana. Borin (2010, p. 27, 28) destaca que,

Como produto da atividade humana, as línguas submetem-se às contingências e vicissitudes da própria vida concreta dos homens, da história peculiar de cada sociedade humana. [...] e que os estudos empíricos da sociolinguística demonstram que a mudança não é apenas uma função do sistema linguístico, mas *uma função de interação da estrutura interna da língua como o processo social que ela realiza.*

O que o autor quer dizer com isso?



Trocando em miúdos. As variações que a língua sofre não são apenas mudanças vocabulares ou externas, são principalmente, mudanças que revelam características pessoais e sociais do usuário, ou seja, são mudanças que ocorrem no interior da pessoa em função de sua realidade contextual no momento da interação com o outro.

E essas mudanças são o ponto central para os estudos da Sociolinguística Variacionista. As variantes são organizadas sob os seguintes nomes: variação fonético-fonológica; morfológica, sintática, lexical/regional e estilístico-pragmática. Henz (2020) sintetiza cada uma delas. Vamos examinar o que ela diz:

- **Variação fonético-fonológica:** em palavras como *porta* ou *torta*, o **r** tem diversas pronúncias no português brasileiro. Além da pronúncia do **o** e **e** que variam entre som aberto e fechado para algumas palavras.

- **Variação morfológica:** o Dicionário Aurélio Século XXI apresenta formas como *pegajoso*, *peguentoe* *pegajentoc* como sinônimos, embora formados com sufixos diferentes.

- **Variação sintática:** as frases abaixo têm o mesmo sentido, embora varie a forma como seus constituintes são organizados:

1. Ela é uma pessoa de quem ninguém gosta.
2. Ela é uma pessoa de quem ninguém gosta dela.

3. Ela é uma pessoa de quem ninguém gosta não.
4. Ela é uma pessoa de quem ninguém gosta dela não.

- **Variação semântica:** palavras como *moleque* significam coisas diferentes dependendo da região em que são utilizadas: “menino/criança” ou “trombadinha”.

- **Variação lexical:** usamos palavras diferentes para dizer a mesma coisa: *cachaça, cana* ou *aguardente; aipim, mandioca* ou *macaxeira; jerimum* ou *abóbora*.

- **Variação estilístico-pragmática:** Dependendo da situação de uso e de fatores como o grau de formalidade e a intimidade que tem ou não tem com seus interlocutores, a mesma pessoa pode usar os seguintes enunciados:

1. Queiram se sentar, por favor.
2. Senta aí, galera.



Viu como é fácil? É a melhor parte disso tudo? É ciência! Não é achismo, nem superstições, nem valores e dogmas sociais injustos.

E aí?

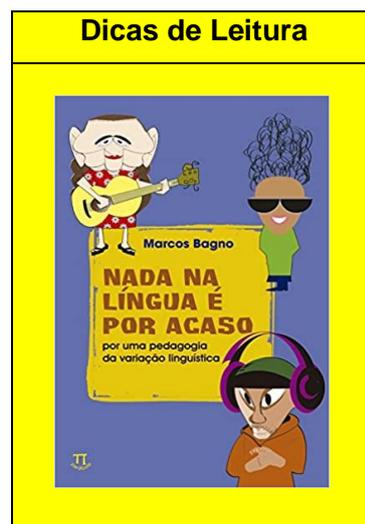
Olha que interessante: Você sabe a diferença entre variantes e variações?

Você pode pesquisar em vários lugares. Indicamos que você acesse:

<https://www.estudopratico.com.br/sociolinguistica-variedade-variante-e-variavel/>

Contamos com, pelo menos, cinco tipos de variação linguística: diacrônica, diatópica, diafásica, diastrática e diamésica. Para esta abordagem tivemos como referencial Bagno (2014). Vamos às análises.

- A variação diacrônica objetiva apontar as mudanças que ocorrem naturalmente no tempo e no espaço, ou seja, as transformações sofridas pela força do tempo e pela força do meio em que a língua é usada;
- A variação diafásica é o uso estilístico. Que muda de acordo com o grau de monitoramento que se dá no instante do comportamento verbal. Representa a mudança ocorrida entre momentos diferentes feitas pelo mesmo usuário. Derivado do grego PHÁSIS, que significa modo de falar;
- A variação diatópica, por sua vez, aborda as mudanças na língua em diferentes locais, como cidades, estados e até países que têm a mesma língua em uso no seu território;
- A variação diastrática foca seus esforços sobre os estudos das variações linguísticas encontradas nas diferentes camadas da sociedade e, permite uma associação a fatores que vão além da classe social ou poder aquisitivo, como o sexo e a idade do falante;
- A variação diamésica, centraliza seus estudos na diferença entre língua falada e escrita.



Por fim, a Sociolinguística Variacionista é uma ciência que oferece significativas contribuições para o avanço de outras áreas como a própria Sociologia, Antropologia, Psicologia e outras. Analisa a língua em uso a partir de seus contextos e entende que ela revela muito mais que aspectos discursivos, revela a marca identitária de um povo, de uma comunidade e do próprio ser em sua individualidade e personalidade.

Agora vamos falar da segunda variação,

SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL

Sem muita dificuldade podemos entender o princípio lógico dessa variação. Analise comigo o termo que nomeia nosso segundo objeto de estudo. Sociolinguística Interacional. Como você já deve ter percebido, o próprio nome já indica qual é a base dessa variação. Se eu perguntasse diretamente a você, tenho certeza de que sua resposta estaria na ponta da língua: é a interação. Isso mesmo. Interação. Esse ramo da Sociolinguística foca seus estudos e análises nas interações linguístico-sociais, nas interpretações e inferências que são produzidas pelos interlocutores nos seus atos de comunicação.

O conceito de Sociolinguística Interacional ou Sociointeracionismo é apresentado pelo linguista americano Erving Goffman na década de 1970. Através dela, é proposto o estudo da língua na interação social, apresentando como fundamento noções da Psicologia social.

Esses atos de interação determinam as escolhas que os falantes fazem num dado momento de conversação. Como esses momentos não se repetem, e por isso são únicos, as escolhas realizadas pelos interlocutores também são únicas. Desta forma, podemos afirmar que a Sociolinguística Interacional analisa a fala considerando, também, o exato momento em que ela se deu.

Nesse sentido Maldonado (2020, p.04) “A Sociolinguística Interacional estuda, investiga e analisa os atos discursivos orais ou escritos no cotidiano dos diferentes componentes sociais”.

E para encerrar esse segundo ponto, podemos então compreender essa vertente da Sociolinguística como a ciência que estuda a situação como o lugar de pesquisa para a compreensão das variações da língua. Ou seja, é o momento

exato de uso da língua, um estudo nunca será igual ao outro, pois o contexto determina seu sentido, valor e revela a intenção dos usuários, bem como as atitudes linguísticas⁷ dos falantes.

E aí, o que você está achando desse estudo até agora? É bom ou não é para nosso exercício profissional.

Vamos agora ver nossa terceira variação sociolinguística.

SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

Finalmente chegamos ao nosso terceiro ponto. Mas você não pode esquecer de que há outras variações e que em outra oportunidade estudaremos juntos. Nesse momento vamos continuar no objetivo que delineamos desde o início. Falaremos agora da Variação Educacional.

Essa corrente Sociolinguística se aplica ao estudo das variações e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem.

Como assim?



Ela traz para dentro da sala de aula, os conhecimentos desenvolvidos através dos estudos dessa linha teórica e apresenta ao aluno como se dão as variações, a importância que elas têm para a sociedade e, como não poderia ser diferente, o respeito que cada uma precisa desenvolver sobre todas as formas de uso da língua apresentadas pelos falantes. Acreditamos que, definitivamente, as contribuições da Sociolinguística Educacional sobre a qualidade do ensino da Língua Portuguesa são irrefutáveis.

⁷ É o julgamento que os falantes fazem dos usos da língua.

Por meio dos estudos da variação educacional, o professor pode desenvolver práticas pedagógicas capazes de romper a ideia equivocada de que alguns alunos não sabem falar nem escrever.

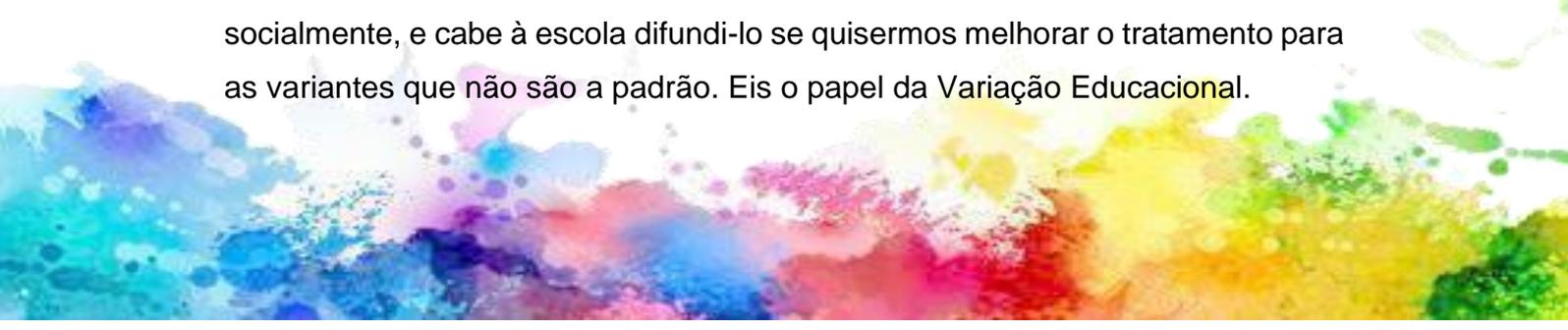
É justamente nesse sentido que a Sociolinguística Educacional vem atuar. Suas perspectivas teóricas são direcionadas para a sala de aula, no sentido de oportunizar ao aluno a compreensão de que a língua varia em diferentes aspectos (sociais, culturais...) e o respeito a essas variantes é uma possibilidade muito mais provável do que a ideia de certo e errado.

Você concorda que esses estudos compreendem que a ação da escola se dá por meio do professor? É fundamental que o educador esteja devidamente preparado, já que a visão de língua se faz enquanto instrumento social, patrimônio cultural etc., para que haja condições de desenvolver uma ação exitosa em sala de aula e alcance seu aluno.

É a partir dessa tríplice relação professor-variação-aluno que Bortoni-Ricardo faz a seguinte consideração: “Os significados que alunos e professores atribuem à variação são múltiplos e precisam ser bem interpretados se quisermos desenvolver um estudo de sociolinguística educacional” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 133).

Trazer para o aluno a compreensão de que a legitimidade de cada variante e que todas têm seu momento adequado de uso, inclusive a variante de prestígio, é função da escola. E a Sociolinguística Educacional se apresenta com o propósito de contribuir para esse fim, aplicando na prática da sala de aula o que os estudos teóricos descobrem.

Por fim, entendemos que o aluno *precisa saber* adequar sua fala e escrita à cada situação comunicativa. Fazer uso do maior número possível de variantes e acordá-las aos contextos situacionais experimentados no convívio social. Compreender que a língua se adapta a toda situação de interação é um conhecimento essencial e estratégico para o êxito das intenções que os usuários da língua pretendem atingir. E esse saber precisa ser compartilhado socialmente, e cabe à escola difundi-lo se quisermos melhorar o tratamento para as variantes que não são a padrão. Eis o papel da Variação Educacional.



Estamos indo muito bem. Você já está mais por dentro do que é a Sociolinguística e do que ela trata. Também conheceu um pouco sobre tipos de variantes e de variações. Já refletimos bem sobre tudo isso. Agora vamos dar mais um passo em direção aos estudos científicos da língua.

Falaremos agora de uma prática que nos cerca em todos os espaços de convívio social e da qual já fomos vilões e vítimas em alguns momentos. Uma ação tão comum no dia a dia que foi consagrada como uma atitude legítima e correta. E o pior é que muitos nem se dão conta de que essa prática é justamente o oposto de legitimidade, justiça, igualdade e por vai. Você já sabe do que estamos falando?

Se você pensou em Preconceito linguístico, acertou na mosca. Eu o convido a estudarmos um pouco mais sobre esse tema. Vamos Lá:



PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Vamos começar pelos estudos de **Bagno (2005, p. 45)** e algumas de suas declarações a esse respeito. Vejamos:

“Preconceito linguístico é todo juízo de valor negativo (de reprovação, de repulsa ou mesmo de desrespeito) às variedades linguísticas de menor prestígio social. Normalmente, esse prejulgamento dirige-se às variantes mais informais e ligadas às classes sociais menos favorecidas, as quais, via de regra, têm menor acesso à educação formal ou têm acesso a um modelo educacional de qualidade deficitária”.

Usando uma linguagem bem direta e menos acadêmica, você entendeu claramente que o autor afirma que essa atitude de rejeição, na verdade não é linguística, é a rejeição da classe rica sobre a classe pobre. Isso mesmo! Para a classe dominante a única forma adequada de usar a língua, é aquela adotada por eles. Podemos afirmar que a classe social que tem uma condição financeira privilegiada dita para as camadas socialmente desprivilegiadas o que é certo e errado no uso da língua baseado em suas preferências.

Você já pensou na quantidade de vítimas que essa prática preconceituosa fez?

Acompanhe comigo o raciocínio:



Ao longo da história, o preconceito linguístico vem fazendo vítimas que atuam dos dois lados da moeda: de um lado, aquele que acredita estar totalmente errado, que não sabe usar o português correto e, portanto, condenado ao status de incompetente linguisticamente (foi o que ensinaram); do outro, aquele que vai em direção oposta ao primeiro, e acredita ser o dono da razão, senhor do saber e em posição de competência para julgar e condenar aqueles que não usam corretamente a língua portuguesa. Ambos são vítimas de uma

visão deturpada sobre o uso da língua. E isso não é uma condição apenas dessa geração. Muito pelo contrário. As raízes desse mal são bem mais antigas do que imaginamos. Têm alguns séculos.

Talvez alguém até possa pensar assim: Se a ideia de uma língua correta é tão antiga e dura até hoje, talvez não esteja errado. O que você diria?

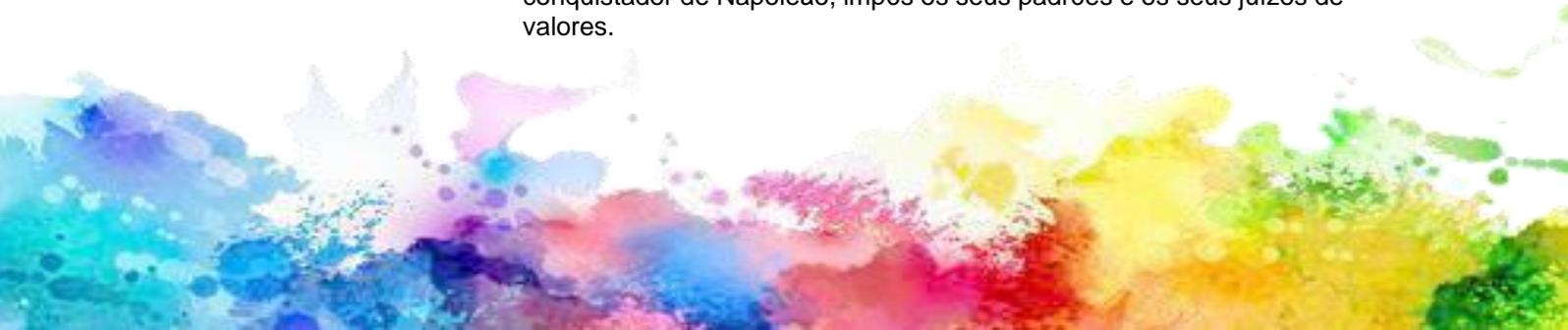
Eu responderia assim: nem tudo que tem séculos de prática pode ser considerado correto. Se fosse assim, a violência contra a mulher não seria uma prática tão reprovável e idiota com milênios de existência e ainda pode ser facilmente encontrada em pleno século XXI.

Querido(a) professor(a), podemos passar tanto tempo falando sobre esse assunto. Mas creio que você já compreendeu que esse mal precisa ser combatido. E o lugar perfeito para iniciarmos é na escola, na nossa sala de aula.

Bortoni-Ricardo (2005) indica o verdadeiro motivo para a existência do preconceito linguístico. Segundo a autora, a razão para o domínio de uma variante em detrimento das demais não está propriamente nas palavras/frases que são usadas de modo diferente, mas está em quem as usa. Não é a variante, que na verdade está sendo excluída ou ridicularizada, mas o seu usuário que não detém uma condição socioeconômica favorável, não ocupa uma posição de poder na sociedade, nem status de prestígio. E por não apresentarem essa condição, são excluídas, são motivos de chacota e de ridicularização. Ou seja, o que está em jogo, na verdade, não é a língua, mas a condição de poder do falante.

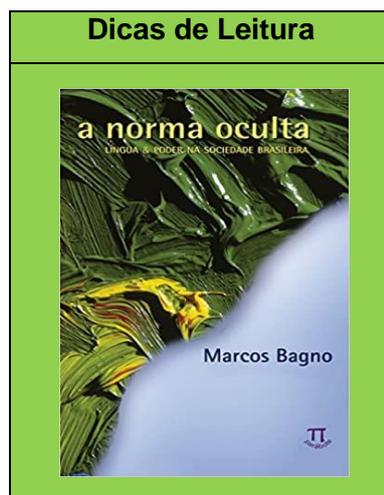
Percebeu que ela e Bagno concordam a esse respeito? E muitos outros também. Bortoni-Ricardo (2005, p. 26) destaca:

A atribuição de prestígio a uma variedade linguística decorre de fatores de ordem social, política e econômica. Ao longo da história brasileira, o português falado pelas classes mais favorecidas tem sido a variedade prestigiada em detrimento de todas as outras. Ao tempo do Brasil-Colônia, valorizava-se a língua do elemento branco, da classe senhorial. A partir de 1808, acentuou-se essa tendência, pois a corte portuguesa que se radicou no Rio de Janeiro, fugindo do ímpeto conquistador de Napoleão, impôs os seus padrões e os seus juízos de valores.



Trocando em miúdos; a fala do pobre é declarada “errada” porque ele não tem dinheiro. Não é pela forma como ele usa a língua. Como professores de língua precisamos trabalhar no combate a essa atitude de exclusão social.

Em 2003 Bagno lança um livro sob o título: *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira* no qual aponta para a afirmação de que o preconceito linguístico existente no Brasil é, na verdade, um preconceito social



O pontapé inicial sobre o ensino contra o preconceito linguístico foi dado através do Ministério da Educação, ao reconhecer, por meio dos documentos oficiais como os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) que você já conhece tão bem, a existência desse problema e a necessidade de se combatê-lo:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades lingüísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas.

O problema do preconceito *lingüístico* disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença (BRASIL, 1997, p.26).

Você também já sabe que os documentos oficiais não pararam nos PCN. Mais recentemente, um segundo documento oficial do Governo, denominado BNCC (Base Nacional Comum Curricular) foi lançado. Impossível esquecê-lo, não é mesmo? Nele nós encontramos mais detalhadamente competências e habilidades que precisam ser desenvolvidas pelo aluno no espaço escolar, assunto que trataremos no próximo capítulo da nossa pesquisa.

Finalmente, precisamos compreender que o preconceito linguístico tem se mantido firme ao longo desses anos pelas razões que já falamos. E precisamos enfrentar de frente esse problema se quisermos assegurar o respeito e equidade entre todos os usuários. Afinal de contas, assim como cada pessoa merece ser respeitada por quem simplesmente é, cada variante também é merecedora desse respeito, pois, conforme já afirmamos, a variante é a marca identitária de cada um de nós. Respeitar a variante do outro, é respeitar o outro. Seu papel é crucial para atingirmos esse objetivo meu querido professor.



EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

Nossa pesquisa continua. Você sabe o que é educação linguística? Será que nossas escolas, nossas aulas oferecem uma educação linguística com propriedade?

Tenho certeza de que nessa fase dos nossos estudos, você pode responder com plena consciência as perguntas que acabei de fazer.

Vamos conversar um pouco mais.



É claro que o preconceito linguístico não é exclusividade da sociedade brasileira, tampouco da sociedade moderna, ao contrário, suas raízes são históricas e globais. Nem por isso devemos aceitá-lo e nos conformar com ele.

E a única forma de enfrentar esse problema, com vistas a um resultado em longo prazo, é através de uma educação linguística focada no ensino das variações que ocorrem na língua. E compete à escola desenvolver um trabalho através de ações pedagógicas para incutir nos estudantes a consciência da equidade entre todas as formas de usar a língua.

Quem disser que isso é fácil, precisa repensar sua postura em sala de aula. Concorda comigo?

Trabalhar variação linguística na escola está longe de ser uma tarefa fácil e simples. O próprio espaço escolar, que deveria ser libertador, promover o respeito entre os diversos falares, contribui para a perpetuação desse problema. É fácil ouvir professores fazendo declarações sobre uma suposta incapacidade de estudantes no que tange ao uso da língua portuguesa. Com certeza você já ouviu alguém falar assim:

- Os alunos não têm interesse pelos estudos;
- O problema é que os alunos não gostam de ler;
- Os alunos escrevem do jeito que falam...

Na verdade quem fala isso está se referindo à variante de prestígio ou “norma padrão”. A esse respeito Gomes (2007, p. 76) faz a seguinte afirmação:

Esse preconceito é fruto de uma história de prescrição da gramática normativa, que nos acostumou a achar que toda forma diferente das regras gramaticais contidas nos livros que estudamos são “erradas”. É fruto de uma tradição de tratamento da língua como sistema rígido de leis a serem cumpridas, e que aquele que não as cumpre é “julgado e condenado” por isso.

Na fala de Gomes (2007), percebemos que historicamente a língua sempre foi compreendida sob a ótica de que apenas uma única e exclusiva forma de falar e escrever é correta. O professor pensa assim porque assim lhe foi ensinado, e da mesma forma transmite a ideia para o aluno que passa a acreditar que não sabe usar a língua portuguesa e, portanto, é incompetente.

Mas veja que interessante. Longe do olhar inquisidor do professor, esse mesmo aluno desenvolve e estabelece naturalmente diálogo e relação de todas as ordens com os colegas, fazendo enfim, uso com propriedade de todo um sistema linguístico em que ele mesmo acredita não dominar. Ou seja, apesar de usar fluentemente a língua no dia a dia, o aluno acredita que não sabe falar nem escrever “certo”. Por que em algum momento e em algum lugar alguém disse para ele que seu uso linguístico estava errado e que só existia uma forma correta de fazer uso da língua. E tudo isso é resultado de uma educação que também trata(va) a língua sob a visão do certo e do errado.

Não são pequenos os desafios que você e eu enfrentaremos ao batermos de frente com uma visão enraizada por tanto tempo na cabeça das pessoas.



Mas temos uma causa para lutar. A primeira atitude nós já tomamos. Conseguimos entender a importância de uma educação linguística à luz das variações. Uma missão possível que só pode ser iniciada na escola justamente por ser espaço de educação formal, de formação de opinião e a ela cabe um papel decisivo nesse sentido. Decisivo, porém, não fácil, não rápido. Pensando assim, Bagno (2005, p. 70) faz a seguinte afirmação:

O preconceito, como bem sabemos, impregna-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito.

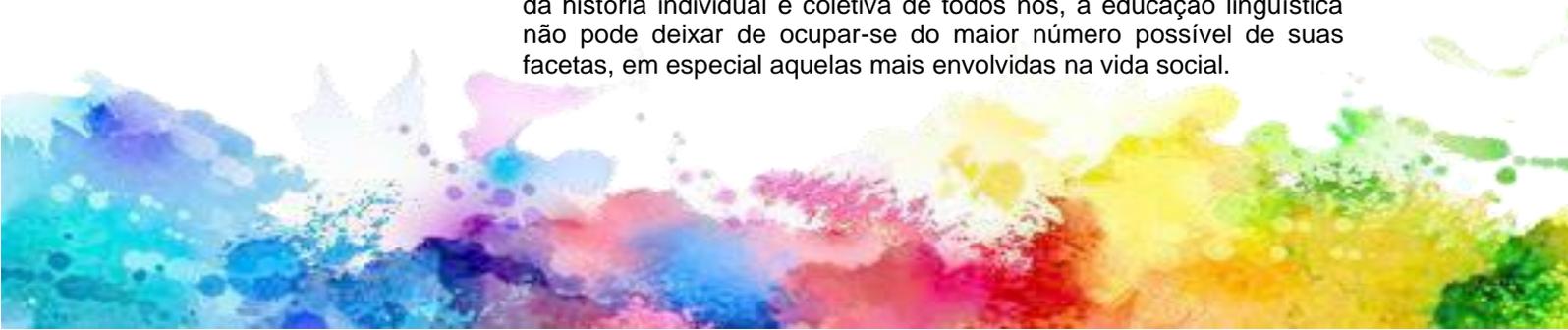
Nós partilhamos do pensamento de Bagno (2005). Concorda?

Precisamos nos preparar adequadamente para oferecer essa educação linguística com propriedade, sem receios nem dúvidas. Um professor bem preparado e com uma visão de língua como instrumento social, patrimônio cultural e por aí vai, terá mais condições de desenvolver uma ação de sucesso com o seu aluno.

O trabalho de educação linguística começa pelo professor. Você concorda? Quem lida com o aluno no dia a dia escolar? Quem pode alcançar mais eficientemente a criança e trazer a consciência do respeito e das adequações de uso sobre as variações? É você meu querido professor. Você é o segredo para o sucesso desse trabalho. Na medida de sua educação linguística estará seu empenho em todo esse processo de ensino-aprendizagem, pois seu tratado profissional é de promover junto ao aluno o aperfeiçoamento de suas habilidades e potencialidades linguísticas.

Analise comigo a seguinte afirmação de Bagno (2005, p.15):

O compromisso do educador é, antes, com a formação do aluno, com o desenvolvimento de suas capacidades tanto de reflexão sobre a linguagem quanto do uso crítico da língua. E na medida em que língua e linguagem são parte indissociável de nossa forma de ser e de viver, da história individual e coletiva de todos nós, a educação linguística não pode deixar de ocupar-se do maior número possível de suas facetas, em especial aquelas mais envolvidas na vida social.



Concordamos com o autor que é responsabilidade do professor desenvolver atividades que visem ao crescimento intelectual do aluno e isso implica um trabalho de reflexão e uso crítico-consciente da língua. Mas como fazer isso quando o próprio professor apresenta fissuras em sua visão linguística? É preciso que haja da parte do professor e conseqüentemente da escola o abandono da cultura do certo e do errado sobre o uso da língua, e aplicar-se ao estudo da adequação e inadequação que norteia o uso de todas as variantes sem exceção. Por isso, apresentamos mais uma afirmação de Bagno (2005, p.18), com quem tanto concordamos:

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a *verdadeira diversidade linguística de nosso país* para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão.

Tudo isso nos leva a perceber a necessidade de que o indivíduo em sua formação linguística precisa ser provocado a refletir sobre os movimentos da língua, a fim de entender a variação linguística e compreender que as pessoas têm diferentes formas de falar para expressar a mesma ideia e ninguém merece ser discriminado por isso.

Se a escola não priorizar esta prática com a seriedade que este assunto exige, perpetuará uma realidade cujos efeitos sociais são devastadores e que já conhecemos tão bem.

Para Bortoni-Ricardo (2005, p.14), “as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado”. E essa condição precisa ser combatida. Os profissionais que formam a educação nacional não podem, não devem continuar na inércia diante de tão assombroso fato.

Leia mais uma afirmação de Bortoni-Ricardo (2005, p. 15):

A escola não pode ignorar as diferenças sociolingüísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma

coisa. [...] Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob a pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social. O caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante.

Você percebeu o peso da responsabilidade que está sobre nós? Não podemos negar que a importância da consciência linguística com tudo o que ela carrega: conhecimentos que se aplicam a todas as áreas da vida de cada um de nós. E nosso aluno precisa disso. Precisa saber usar a língua como o instrumento de libertação do jugo opressor de quem se acha dono do mundo.

Mais um detalhe: Esse ensino tem respaldo legal e previsto em documentos oficiais do Governo Brasileiro. Junto a todas essas e outras teorias que dão suporte científico para o que estamos falando até aqui, o Governo Federal no tocante ao ensino das variações linguísticas na escola lança primeiramente os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). Eu sei que você conhece muito bem esse documento, mas preciso compartilhar mais uma vez uma das declarações presentes nele:

(...) o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. De nada adianta aceitar o aluno como ele é mas não lhe oferecer instrumentos para enfrentar situações em que não será aceito se reproduzir as formas de expressão próprias de sua comunidade. É preciso, portanto, ensinar-lhe a utilizar adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente (BRASIL, 2001, p. 49).

Como se vê na declaração acima, os documentos oficiais do Governo, através do Ministério da Educação, prevêm uma educação linguística com vistas ao respeito e à valorização para todas as variantes.

Assim, a escola deve transformar-se em um espaço no qual o aluno possa expressar-se com fluidez e liberdade para desenvolver toda a sua capacidade de comunicação nas mais variadas instâncias sociais. Oferecendo a ele as



condições apropriadas a fim de que se enxergue como parte essencial da sociedade, capaz e consciente de tudo isso.

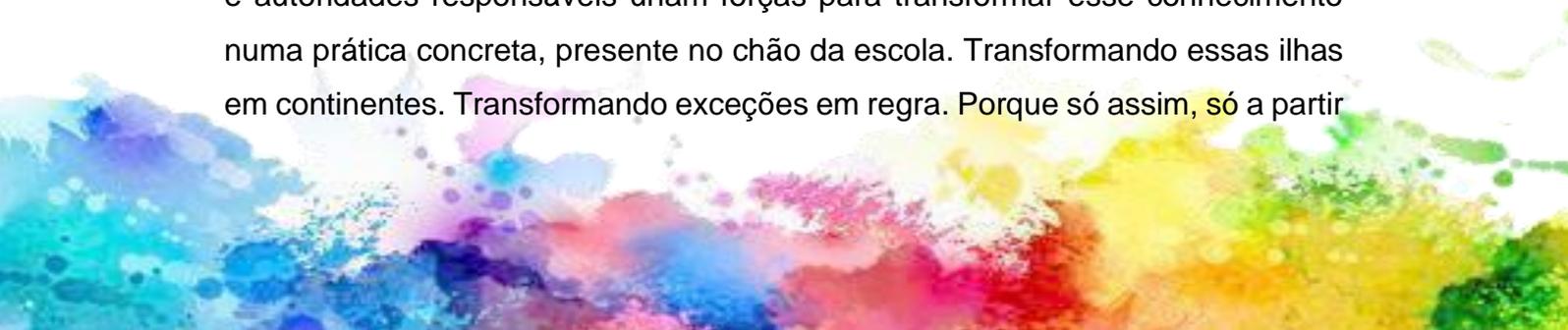
Vinte anos depois do lançamento dos PCN, o governo aperfeiçoa sua proposta e apresenta um segundo documento voltado para a educação escolar sob o nome de BNCC (Base Nacional Comum Curricular), cuja apresentação se desenvolve por meio das seguintes palavras:

Um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2017, p.7).

Qual a relevância desse documento para a educação linguística? Ele garante, por lei, a prática de uma educação em que se preservem os direitos de aprendizagem do aluno. Mas se isso já era garantido pelos PCN, qual o sentido desse novo documento? A BNCC avança no sentido de destrinchar o que se espera dessa prática apontando de modo pertinente e específico o que cada área científica deve desenvolver em sala.

Por tudo isso, somos conscientes de que educar nunca foi uma tarefa fácil. Seja no plano individual seja no coletivo, entendemos que se trata de uma tarefa árdua e de resultados em longo prazo. O papel da escola mudou. A posição de dona da verdade, detentora do saber, e lugar onde se buscavam apenas conhecimentos e informações já não dizem mais o que é uma escola. A natureza de suas atribuições mudou, assim como a sociedade, assim como a ideia do certo e errado no uso da língua.

O assunto das variações linguísticas já vem sendo debatido há algum tempo nas escolas, mas pouca prática efetiva se tem percebido nesse sentido, a não ser em casos isolados que são tratados como “ilhas”. Urge que educadores e autoridades responsáveis unam forças para transformar esse conhecimento numa prática concreta, presente no chão da escola. Transformando essas ilhas em continentes. Transformando exceções em regra. Porque só assim, só a partir



de um trabalho conjunto, poderemos alcançar uma consciência madura e respeitosa de todos os falares sobre todos os falares.

ERRO OU INADEQUAÇÃO?

O que você entende por falar certo ou errado? Alguém fala errado? Por que as pessoas falam desse ou daquele jeito?

A partir de agora, convido você, querido professor, a pensar junto comigo sobre esse assunto. Vamos lá!

Para Bortoni-Ricardo (2018, p. 37), até hoje, muitos⁸ professores não sabem bem como agir diante dos chamados “erros de português”⁹. Segundo a autora, esses erros são apenas provenientes de diferenças entre variedades da língua, que alguns profissionais ainda não conseguiram compreender dessa forma.

A pergunta que se faz diante de situações de usos da língua que se chocam com a variante padrão é: como proceder em situações nas quais os alunos apresentam variantes que desacordam com a visão tradicional sobre o ensino de língua? Afinal, os professores são cobrados a ensinar a variedade padrão. É para responder a perguntas dessa natureza que o estudo da Sociolinguística existe e ajuda o professor alfabetizador.

O primeiro passo a ser dado pelo professor é compreender o que é erro e o que é inadequação no uso das variedades linguísticas. Para a Sociolinguística, o “erro” não é uma deficiência do aluno, trata-se apenas de uma diferença entre duas variedades de uso da língua. E a compreensão dessa verdade precisa ser alcançada pelo professor.

As pessoas julgam que a variante padrão é a única correta e tudo que foge dela é incorreto. Pensando nisso surgem mais indagações que vou compartilhar com você: por que a variante padrão é a única forma correta? Qual

⁸ Acréscimo nosso do advérbio.

⁹ A autora põe o termo entre aspas por considerar inadequada e preconceituosa a expressão.

a explicação científica? Por que todas as formas de expressão que fogem do padrão, apesar de serem largamente usadas e compreendidas com sucesso, estão/são erradas? Repito: Qual a explicação científica?

Por exemplo, por que tomar remédio em excesso e sem orientação médica é errado? Se você fizer essa pergunta em um grupo, receberá várias respostas para explicar uma pergunta tão óbvia. Até aí tudo bem. Sigamos com esse pensamento: Mas o que todas essas respostas teriam em comum? Isso é até fácil de falar. Todas apresentam uma explicação lógica e racional, baseadas nos efeitos químicos sobre o organismo humano gerados pelo uso desregulado de medicamentos. Torno a dizer: Efeitos químicos. Isso é uma explicação lógica, racional. Concorda comigo? Pois bem, já no que diz respeito à explicação para o certo e o errado a respeito do uso da língua, as respostas se baseiam em crenças que foram transmitidas entre as gerações e o tempo, respostas que não têm lógica, que não apresentam argumentos racionais, todas baseadas em valores sociais impostos entre classes sociais: aquelas economicamente mais favorecidas sobre aquelas economicamente desfavorecidas. Em outras palavras, as respostas se baseiam em qualquer coisa que não seja ciência, mas nós não podemos compactuar mais com isso.

A esse respeito, Bagno (2015, P. 15) faz a seguinte afirmação:

Quando algumas pessoas, seguindo um hábito tradicional na nossa cultura, se queixam dos “erros” cometidos por outras pessoas no uso da língua, é comum elas apresentarem algumas supostas explicações para o surgimento dos tais “erros”: o descaso das pessoas pela própria língua, a corrupção moral da juventude, a falta de gosto pela leitura, a incompetência dos professores, os modismos criados pelos meios de comunicação e pela publicidade, a invasão das palavras estrangeiras, e por aí vai...

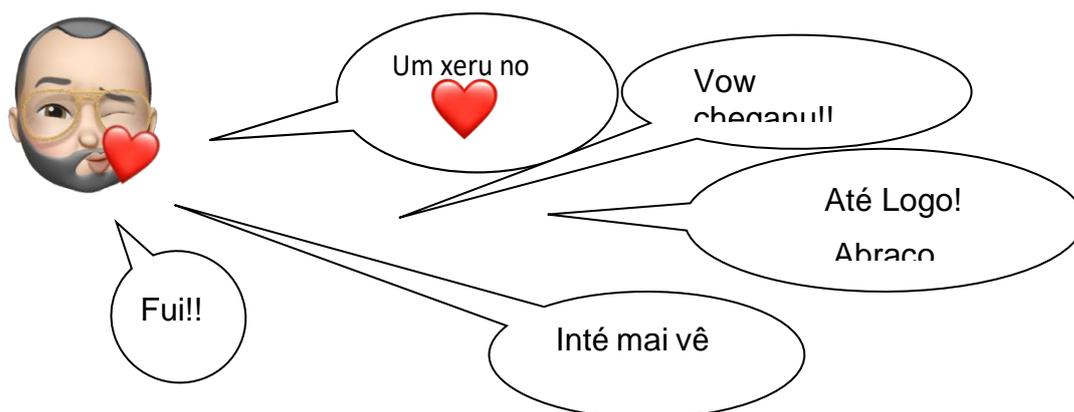
Como se observa na concepção do autor as justificativas para os supostos erros no uso da língua portuguesa não passam de afirmações que não apresentam base científica, e são superstições populares como o próprio assim classifica.



Por tudo isso, compete à escola, mais especificamente, aos professores de língua, trabalhar com base nos estudos sociolinguísticos para passo a passo, inculcar nos educandos a ideia adequada sobre os usos da língua.

Pois é professor, chegamos ao final dessa etapa. Espero ter contribuído com você e seu trabalho a respeito de um tema tão necessário.

Sigamos agora para a prática. Elaboramos um conjunto de vinte e duas propostas de trabalho com a variação linguística que transitam entre o reconhecimento, a adaptação, a adequação, o respeito, até chegar à socialização comunitária. Uma ação conjunta entre você, seus alunos e os pais desses alunos. Assim que colocar em prática, eu adoraria receber um feedback e sugestões, pois nosso trabalho nunca para. Leia com carinho cada proposta, ajuste à realidade da sua sala de aula e vamos que vamos. Boa aula meu querido.



Meu e-mail é: rogerio.sousa@upe.br



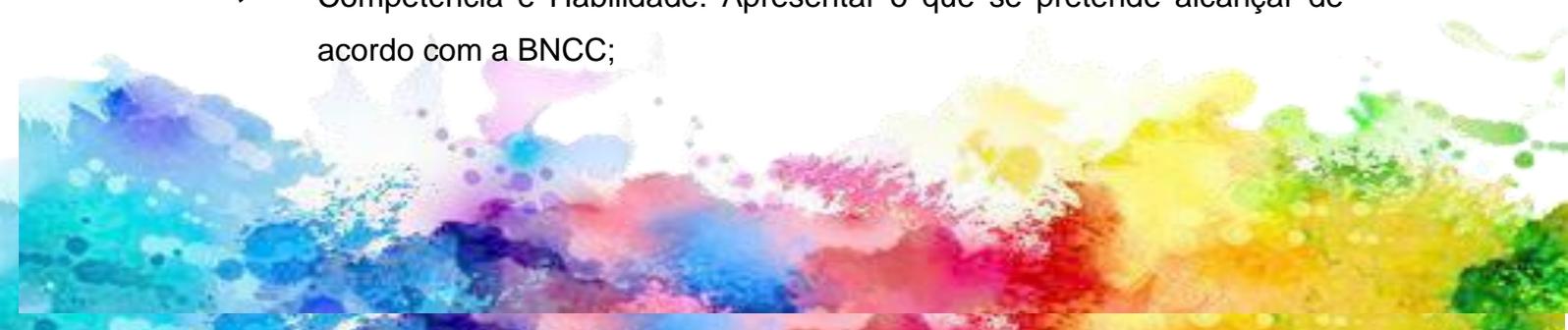
APRESENTAÇÃO DAS PROPOSTAS

A fim de oportunizar o desenvolvimento de uma educação linguística com mais qualidade e respeito às variações que envolvem o uso da língua portuguesa no Brasil passamos a apresentar propostas didáticas com vistas à ampliação da fala e da escrita do aluno.

As propostas objetivam os seguintes pontos:

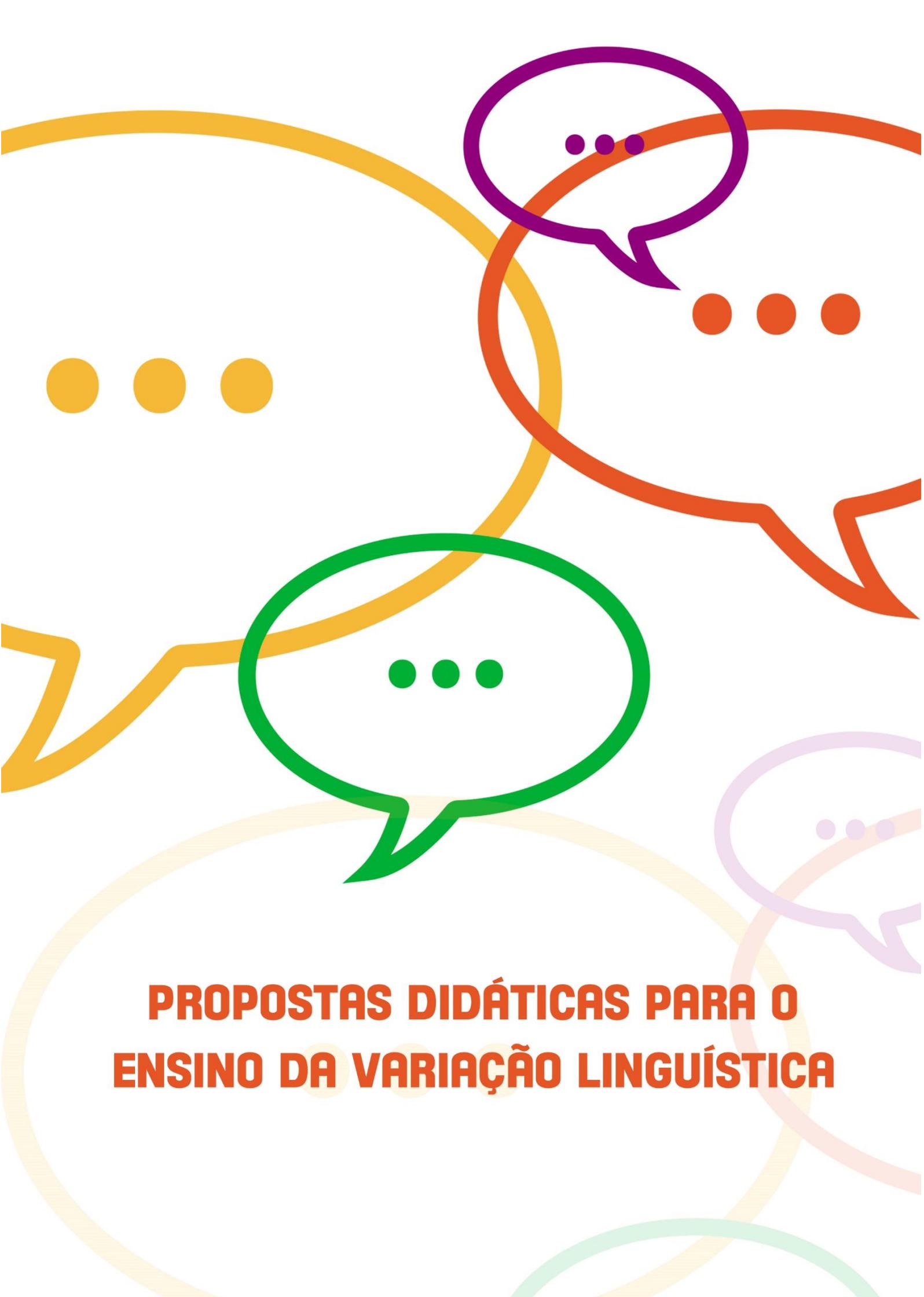
- ✓ Valorizar o uso das variantes dos alunos;
- ✓ Tratar igualmente a todas as variantes manifestadas pelos alunos;
- ✓ Apresentar diferentes falares que tenham o mesmo objetivo;
- ✓ Tratar da adequação e inadequação para cada variante apresentada;
- ✓ Discutir oralidade e escrita;

Nossas propostas adotam o modelo utilizado pelo professor Santolin Braga (2018) que elaborou orientações práticas para o ensino de literatura seguindo uma sequência padronizada para facilitar a compreensão do leitor e seguir uma cadeia lógica de ações que visam ao mesmo propósito. Acrescentamos, no entanto, a competência e as habilidades a serem trabalhadas em cada propostas com base no documento oficial da BNCC. Essa sequência ocorre com o seguinte roteiro:

- ✓ Duração: tempo estimado em horas aulas para a aplicação da proposta;
 - ✓ Tema: assunto específico a ser trabalhado;
 - ✓ Objetivo: apresentar metas e pretensões que se pretendem atingir através da aplicação da proposta;
 - ✓ Competência e Habilidade: Apresentar o que se pretende alcançar de acordo com a BNCC;
- 

- ✓ Materiais e recursos: instrumentos e objetos concretos e necessários a aplicação da proposta;
- ✓ Etapas propostas: apresentação do passo a passo das ações a serem desenvolvidas. Totalizando 10 etapas para cada proposta.



The background features several overlapping speech bubbles in purple, orange, green, and light purple, each containing three dots. There are also three yellow dots on the left and three orange dots on the right. The overall design is vibrant and abstract.

**PROPOSTAS DIDÁTICAS PARA O
ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 01

Primeira atividade

Duração: 02 horas aulas (100 minutos)

Tema: Estereótipos X Variantes

Objetivo: Proporcionar ao aluno a reflexão sobre os estereótipos linguísticos brasileiros divulgados pela mídia e analisar as inverdades dessas imagens que não correspondem com a realidade.

Competência e Habilidade: C7 (EF12LP06)

Materiais e Recursos: folhas, notebook, datashow e aparelho de som.

Etapas Propostas:

- 1- Apresentação de dois vídeos do personagem Chico Bento (Turma da Mônica). O primeiro sob o Título: Chico Bento no Shopping. Disponível em: <https://youtu.be/ffKjDBFvPxY>. O segundo: Chico Bento – na roça é diferente! Disponível em https://youtu.be/Bfx_E3zvnjc.
- 2- Indagar aos educandos:
 - a. Qual o tema das histórias?
 - b. Onde cada história acontece?
 - c. Que lições para a vida se pode extrair dessas histórias?
 - d. Quem são os personagens que mais falam?
 - e. Quais as diferenças entre os personagens mais atuantes?
(aqui entre as várias diferenças, espera-se que seja citado o falar dos personagens. Caso não ocorra, o professor poderá fazê-lo)
- 3- Debater com os alunos sobre o contexto social de cada história e a influência desse contexto sobre a fala das personagens.
- 4- Perguntar aos alunos se eles concordam com a ideia de que as pessoas da zona rural falam igual ao personagem?

- 5- Explicar o que é estereótipo.
- 6- Apresentar aos alunos outros estereótipos brasileiros (a partir da suposta representação da variante usada pelos personagens) que são constantemente divulgadas pela mídia através de novelas, programas de comédia, filmes, revistas e outros. E pedir que opinem oralmente e levem consideração o jeito de falar dos personagens.
- 7- Pedir para que os alunos reflitam sobre o que foi exposto até o momento e registrem numa folha outros estereótipos que eles vêem na TV, na internet ou qualquer outro meio de comunicação em que a representação das pessoas consiste num exagero e que não corresponde a verdade.
- 8- Solicitar aos alunos que leiam em voz alta e compartilhem com os colegas o resultado de suas reflexões.
- 9- A partir das respostas apresentadas pelos alunos, indagar à turma o motivo pelo qual esses estereótipos foram criados e o que fazer para não dar continuidade a uma ideia errada das pessoas e dos seus lugares de habitação.
- 10- Debater sobre os diversos falares brasileiros; o que é exagero, o que é verdade, o que respeitar e o que rejeitar.



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 02

Segunda atividade

Duração: 02 horas aulas (100 minutos).

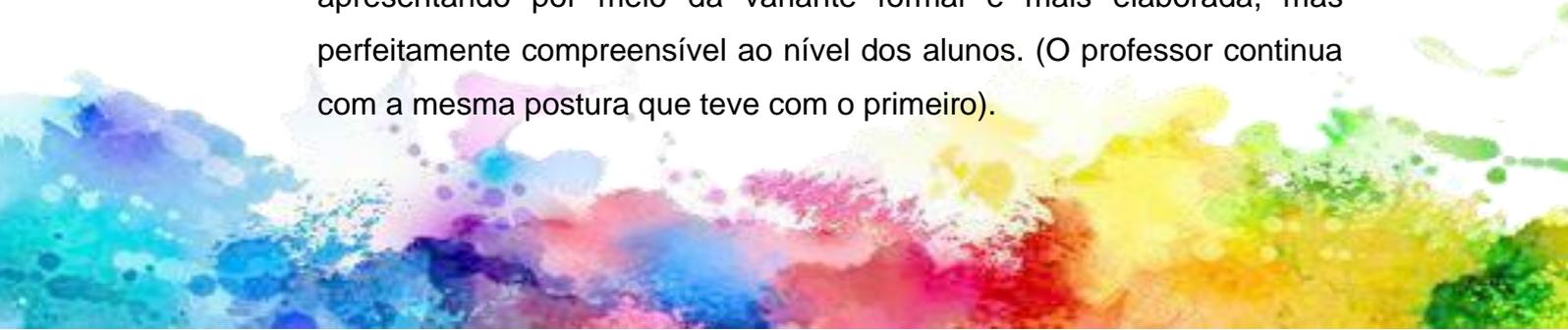
Tema: Variante não é atributo de caráter.

Objetivo: Refletir sobre julgamentos equivocados que se fazem dos falantes a partir do uso de algumas variantes.

Competência e Habilidade: C1 (EF01LP23)

Materiais e Recursos: caderno, adereços femininos e masculinos para crianças.

Etapas Propostas:

- 01- Apresentação do primeiro participante. Deve chegar à porta e pedir ao professor para anunciar seu produto aos estudantes (professor e vendedor fingem não se conhecer). Com trajes simples do cotidiano do seu dia a dia, o vendedor deve ofertar seus produtos que são acessórios femininos e masculinos para o público infantil (sem mostrar os produtos porque estarão expostos depois no pátio da escola). O vendedor será previamente orientado pelo professor a falar normalmente como o faz nos seus momentos de venda.
 - 02- Após a saída do ator, o professor, alegando a oportunidade da ocasião e sem revelar nada ainda, pergunta aos alunos a impressão que tiveram do vendedor e por quê? (sem interferir nem induzir a nenhuma resposta).
 - 03- Apresentação do segundo participante. Um ator trajando roupas semelhantes as do anterior, ofertando os mesmos produtos e seguindo a mesma lógica do primeiro. Mas deve variar no uso da linguagem e se apresentando por meio da variante formal e mais elaborada, mas perfeitamente compreensível ao nível dos alunos. (O professor continua com a mesma postura que teve com o primeiro).
- 

- 04- Após a saída do segundo ator, o professor repete os questionamentos que fez sobre o primeiro.
- 05- Depois de ouvir os alunos, o professor deve perguntar (ainda sem revelar quem é o vendedor verdadeiro e quem é o ator) a qual dos dois os alunos prefeririam comprar e por quê? Automaticamente eles compararão os dois vendedores.
- 06- Nesse momento o professor deverá revelar aos alunos que apenas um deles é vendedor de fato e o outro ator. E esperar a reação deles e o julgamento que farão nesse momento.
- 07- Após a observação sobre a reação dos alunos, o professor deverá reapresentar os dois participantes, esclarecendo quem é quem.
- 08- Falar sobre o julgamento que todos fazem uns dos outros por causa da fala. Fala que não revela honestidade, idoneidade, justiça e outros atributos inerentes ao caráter de cada um. E que a fala não deve ser critério para julgar alguém como superior ou inferior.
- 09- Solicitar aos estudantes que escrevam um relatório sobre suas primeiras impressões e o que aprenderam com a situação apresentada.
- 10- Socializar através da leitura em voz alta dos relatórios produzidos pelos alunos com complementos do professor e dos próprios estudantes que quiserem acrescentar suas opiniões aos relatos expostos.
- 11-



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 03

Terceira atividade

Duração: 02 horas aulas (100 minutos).

Tema: Variante formal x variante informal – lugar e hora.

Objetivo: Refletir sobre a conexão existente entre os contextos e as variantes linguísticas.

Competência e Habilidade: C1 (EF02LP24)

Materiais e Recursos: caderno, fantasias para crianças, sacos, colheres e ovos, aparelho de som, corda.

Etapas Propostas:

- 1- A princípio o professor deverá aplicar algumas atividades lúdicas a fim de deixar os alunos mais à vontade e abertos a aprendizagem.
 - a. Corrida de sacos;
 - b. Corrida segurando a colher com a boca e nessa colher um ovo;
 - c. Disputa de Cabo de aço (com corda)

- 2- Encerrado esse momento lúdico, aplica-se mais uma atividade: A do Vivo ou Morto. O professor deverá informar aos alunos que os 10 primeiros que errarem, vão ter que passar o resto do dia usando uma das fantasias trazidas pelo professor.

Observação: É preciso ter cuidado para que as fantasias não constriam as crianças, mas proporcionem alegria e bem-estar. No caso de algumas se negarem a vestir a fantasia, o professor deverá realizar mais uma rodada da atividade até completar o número de alunos correspondentes ao número de fantasias. Entre as fantasias, deverão estar presentes roupas bem cuidadas e que possam ser usadas normalmente no espaço escolar.



Exemplos de fantasias: noiva – super-homem – enfermeira – zorro – roupa de inverno feminina – roupa de inverno masculina – advogada – advogado – fardamentos escolares – lençóis.

- 3- O professor deverá observar as reações e comportamentos dos alunos fantasiados e decidir o tempo de parar. Se possível, após o período de intervalo.
- 4- Pedir aos alunos que troquem a fantasia pela própria roupa e depois que expressem o que sentiram quando os outros olharam para eles durante o tempo em que estavam fantasiados.
- 5- Questionar aos estudantes qual teria sido o motivo para os olhares diferentes sobre eles e qual o problema das fantasias? Elas eram desrespeitosas?
- 6- Refletir junto com os alunos sobre o lugar e a hora/momento adequados para cada roupa. E comparar com as variantes que apresentam lugar e momento certo para todas.
- 7- Apresentar oralmente algumas variantes e pedir aos alunos que falem em que contexto devem ser usadas pelas pessoas.
- 8- Pedir que todos produzam um texto em forma de diário e expressem o que sentiram e observaram.
- 9- Pedir para que alguns alunos que foram fantasiados leiam voluntariamente suas produções e depois outros que não foram fantasiados leiam de forma voluntária também suas produções.
- 10-COMPARANDO A LINGUAGEM À VESTIMENTA, Falar sobre a importância do saber usar diversas variantes e cada uma dentro do seu contexto.



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 04

Quarta atividade

Duração: 04 horas aulas (200 minutos).

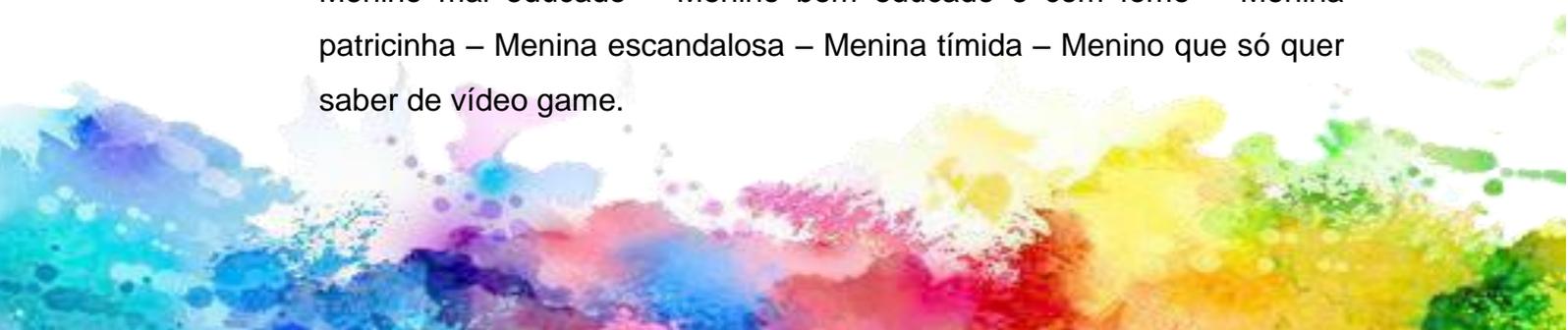
Tema: Cada variante tem seu lugar e hora.

Objetivo: Analisar o uso das variantes em respeito e compreender que os contextos são determinantes para sua aplicação.

Competência e Habilidade: C4 (EF35LP11)

Materiais e Recursos: caderno, Xerox, fantasias.

Etapas Propostas:

- 1- A turma deverá ser dividida em 6 equipes. Cada equipe receberá uma Xerox com informações sobre o contexto, os personagens e o objetivo da cena, deixando livre para que criem a fala dos personagens respeitando as devidas circunstâncias expostas no material entregue. Essas mesmas equipes deverão encenar para a sala suas criações.
 - 2- Após criarem as falas as equipes deverão se espalhar pela escola e ensaiar para apresentar. O professor deverá visitar cada ensaio e dar dicas para os alunos.
 - 3- Equipe 01: Reunião com a gestão da escola e os pais para tratar das notas baixas e dos maus resultados. Personagens: diretora – secretária – 2 professoras – 1 mãe que concorda com a diretora – 1 mãe que discorda da diretora e é escandalosa – 1 mãe que só sabe da vida alheia – 1 mãe tímida.
 - 4- Equipe 02: Festa de aniversário com pouca comida. Personagens: Menino mal educado – Menino bem educado e com fome – Menina patricinha – Menina escandalosa – Menina tímida – Menino que só quer saber de vídeo game.
- 

- 5- Equipe 03: Numa pizzaria na hora de rachar a conta para pagar e duas pessoas não têm o dinheiro. Personagens: Menino que comeu muito e tem o dinheiro exato – Menino que comeu pouco e tem dinheiro para pagar de outro, mas não quer ajudar – Menino que convidou um colega, mas só tem dinheiro para pagar o seu - Menino convidado que comeu muito mas não tem dinheiro – Menino com o dinheiro incompleto – Menino que chegou na metade na pizza – Menino que é fala alto.

- 6- Equipe 04: Na igreja e o pastor/padre pede que algumas crianças falem do amor que sentem por seus pais. Personagens: uma menina tímida que fala baixinho – uma menina brincalhona e simpática – uma menina que só tem a mãe – um menino que mora com os avós – Um menino que é agredido em casa pelos pais com freqüência – Um menino que tem pouca comida em casa.

- 7- Equipe 05: No sítio num bate papo informal, mas respeitoso. Personagens: um senhor de 70 anos analfabeto – um menino inteligente e orgulhoso – uma menina inteligente e humilde – um menino com fome de olho nas frutas – uma velhinha de 69 anos, muito carinhosa, mas com problemas de memória.

- 8- Equipe 06 – Numa feira livre – Personagens: vendedor que grita para oferecer macaxeira – vendedor muito gentil e educado para vender bolo – mulher pechinchando em tudo – vendedor que fala mal dos outros vendedores – mulher sem paciência – mulher que demora muito na escolha dos produtos.

- 9- As equipes deverão se apresentar enquanto as outras anotam pontos positivos e negativos a respeito da fala das personagens.

- 10- Após todas as apresentações os alunos deverão expor suas observações e anotações permitindo que os demais colegas concordem ou discordem.



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 05

Quinta atividade

Duração: 04 horas aulas (200 minutos).

Tema: Toda Variante é igualmente digna de respeito.

Objetivo: Valorizar e respeitar todas as variantes linguísticas.

Competência e Habilidade: C5 (EF35LP11)

Materiais e Recursos: caderno, datashow, notebook, cartolina e pincéis

Etapas Propostas:

- 1- Apresentação de trechos do filme Central do Brasil disponível em DVD.
 - 2- Debate sobre as variantes apresentadas e se elas merecem ser motivo de piada.
 - 3- Apresentação de trechos do filme O Auto da Compadecida disponível em DVD.
 - 4- Debate sobre a variante apresentada nesse filme. Quais as suas características e belezas?
 - 5- Apresentação de trechos do filme Cidade dos Homens disponível em DVD.
 - 6- Debate sobre as variantes presentes no trecho apresentado. Suas características, seu contexto, suas belezas.
 - 7- Discussão sobre os trechos dos filmes apresentados sobre os seguintes pontos:
- 

- a. Qual a visão que os filmes divulgam sobre o nordestino, moradores de periferias e favelas quando associam a imagem dos personagens com suas variantes?
 - b. Existe respeito ou não às variantes apresentadas? Por quê?
- 8- Indagar os alunos sobre o motivo por que a variante dessas pessoas e classes sociais não recebam o devido respeito.
- 9- Pedir aos alunos que escrevam cartas para serem enviadas aos produtores dos três filmes solicitando que produzam filmes que valorizem e tratem igualmente as variantes usadas pelas classes sociais menos favorecidas.
- 10- Socialização das cartas produzidas pelos alunos e ida com eles até uma agência dos correios para depositarem e serem devidamente enviadas.



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 06

Sexta atividade

Duração: 04 horas aulas (200 minutos).

Tema: O Preconceito linguístico deve ser combatido.

Objetivo: Valorizar e respeitar as variantes locais.

Competência e Habilidade: C5 (EF35LP11)

Materiais e Recursos: caderno, Datashow, notebook, cartolina e pincéis

Etapas Propostas:

- 1- Apresentação de slides com imagens da cidade e do povo local, zona urbana e zona rural, pequenos vídeos com moradores locais falando frases de amor e respeito ao próximo;
 - 2- Debate sobre as falas dos moradores locais: pontos a concordar e a discordar. E o que se pode fazer para o preconceito contra as variantes que não se enquadram no perfil padronizado diminua até o ponto de não existir mais? Qual o primeiro passo? Isso é possível? Até que ponto?
 - 3- Divisão da turma em seis equipes para realizar um trabalho de pesquisa de campo e explicar às pessoas o que é preconceito linguístico, se já presenciaram alguma vez ou praticaram essa forma de preconceito. Cada equipe deverá entrevistar dez (10) pessoas e construir um gráfico para expor em cartolina.
 - 4- As equipes deverão se organizar e elaborar o material que deverão usar para a realização da pesquisa, como: perguntas, panfletos explicativos e como vão registrar os dados.
 - 5- Após a elaboração do material, as equipes deverão socializar e receber dicas das demais equipes a fim de que todas aperfeiçoem seu trabalho.
- 

- 6- As equipes deverão apresentar o resultado em números para a turma, e em gráficos estatísticos (orientado pelo professor), além das informações sobre data e local da realização da pesquisa.
- 7- Após as apresentações as equipes deverão organizar uma exposição no pátio da escola para explicar, durante o intervalo, aos demais alunos do que tratam cada cartaz, o que significam, como combater e porque combater o preconceito linguístico.
- 8- Os alunos deverão compartilhar oralmente em sala o que acharam da experiência de pesquisar e apresentar para a escola o resultado de seus trabalhos.
- 9- Pedir aos alunos que escrevam um resumo como realizaram o trabalho e o que acharam, apresentando também pontos positivos e negativos de suas experiências.
- 10- Socializar com a sala alguns resumos por meio da leitura e voz alta e explicação dos pontos positivos e negativos apontados.



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 07

Sétima atividade

Duração: 02 horas aulas (100 minutos).

Tema: Tow comêdu di errá.

Objetivo: Compreender que existe a adequação e inadequação para todas as variantes linguísticas.

Competência e Habilidade: C9 (EF04LP25)

Materiais e Recursos: caderno, notebook, datashow, Xerox.

Etapas Propostas:

- 1- Apresentação do poema RUI BARBOSA E O LADRÃO DE GALINHAS:
Pedir aos estudantes que leiam individualmente o poema e em silêncio.

"Certa vez, um ladrão pulou o muro da casa de Rui Barbosa para roubar uma galinha. No alvoroço, o grande tribuno acordou do profundo sono, e se dirigiu ao galinheiro. Lá chegando, viu o ladrão já com uma de suas galinhas, e passou o carão:

– Não o interpelo pelos bicos de bípedes palmípedes, nem pelo valor intrínseco dos retrocitados galináceos, mas por ousares transpor os umbrais de minha residência. Se foi por mera ignorância, perdô-te, mas se foi para abusar da minha alta prosopopéia, juro pelos tacões metabólicos dos meus calçados que dar-te-ei tamanha bordoadada no alto da tua sinagoga que transformarei sua massa encefálica em cinzas cadavéricas. O ladrão, pasmo e sem entender patavina, tascou :

– Cumé, doutor, posso levar ou não a galinha?"

- 2- Perguntar se os alunos compreenderam o poema e a fala de Rui Barbosa.



- 3- Solicitar aos alunos que releiam em silêncio e tentem compreender o poema.
- 4- Questionar o que os alunos compreenderam a partir da segunda leitura e depois de ouvi-los realizar, ele mesmo, a leitura do poema para a turma e explicar do que se trata e a intenção comunicativa que o Rui Barbosa apresentou no seu texto.
- 5- Solicitar aos alunos que reescrevam o texto, respeitando a intenção do autor, mas adaptando a variante para o contexto do fato ocorrido, no caso, o flagrante de um roubo.
- 6- Pedir que aos alunos que leiam voluntariamente suas produções e expliquem suas escolhas lexicais.
- 7- Apresentar um novo texto para leitura e apreciação coletiva da letra e audição da música de Chico Buarque: A BANDA

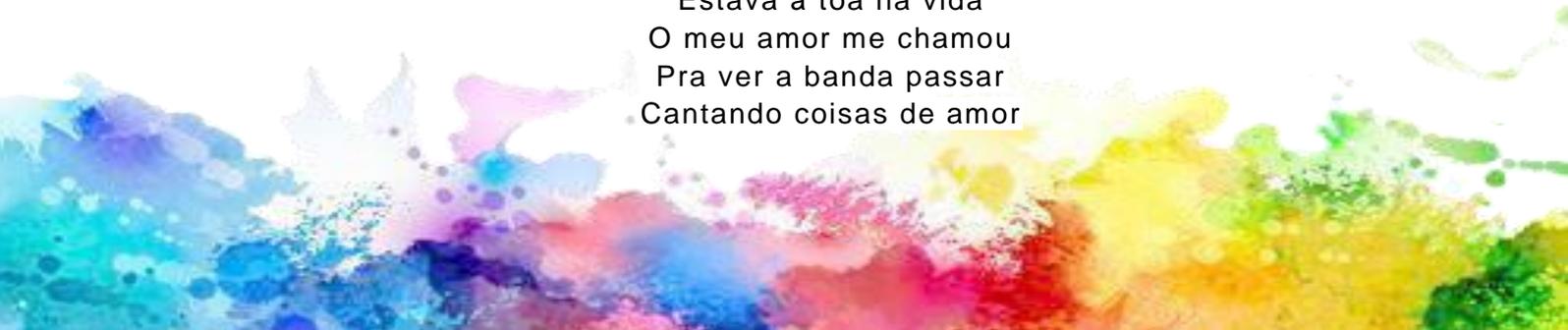
Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

O homem sério que contava dinheiro parou
O faroleiro que contava vantagem parou
A namorada que contava as estrelas
Parou para ver, ouvir e dar passagem

A moça triste que vivia calada sorriu
A rosa triste que vivia fechada se abriu
E a meninada toda se assanhou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor



A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou
Que ainda era moço pra sair no terraço e dançou
A moça feia debruçou na janela
Pensando que a banda tocava pra ela

A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu
A lua cheia que vivia escondida surgiu
Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar cantando coisas de amor

Mas para meu desencanto
O que era doce acabou
Tudo tomou seu lugar
Depois que a banda passou

E cada qual no seu canto
Em cada canto uma dor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor

- 8- Indagar os estudantes sobre o que acharam e o que compreenderam sobre a mensagem da música. Contribuir com a fala deles explicando a mensagem musical.
 - 9- Solicitar que os alunos escolham apenas uma estrofe e reescrevam-na nas seguintes variantes: um morador aos 80 anos de idade da zona rural que nunca freqüentou a escola – um menino aos 10 anos de idade que mora na zona rural e estuda desde os 6 anos – a professora da escola – – uma adolescente rica e esnobe - um adolescente que mora numa comunidade de pouco prestígio social. (o professor deverá, antes da reescrita, discutir com os alunos o que são lugares de prestígio e não prestígio social)
 - 10- Solicitar que os alunos falem a estrofe escolhida, leiam e compartilhem suas adaptações linguísticas.
- 

PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 08

Oitava atividade

Duração: 02 horas aulas (100 minutos).

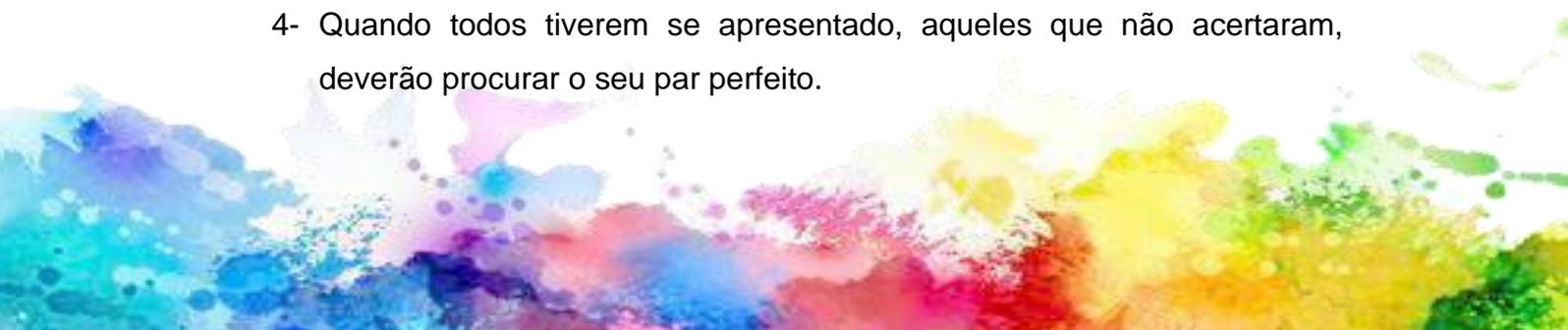
Tema: O que é certo e o que é errado no uso da língua?

Objetivo: Compreender que há vários elementos extralingüísticos determinantes para o a escolha da variante adequada a se usar.

Competência e Habilidade: C1 (EF15LP13)

Materiais e Recursos: caderno, cartazes, folhas.

Etapas Propostas:

- 1- O professor deverá distribuir fichas individuais com escritos divididos em dois grupos distintos: frase e contexto. Ou seja, Numa ficha estará escrita uma frase e na outra ficha estará apenas o contexto. Um aluno receberá apenas a frase e o outro apenas o contexto. Porém, um não saberá do outro. Serão várias frases diferentes e para cada uma delas um contexto. Distribuídos aleatoriamente.
 - 2- Uma vez distribuídas todas as fichas, os alunos deverão procurar qual é o colega que tem o contexto adequado e correspondente a sua frase ou vice-versa.
 - 3- Quando todos concluírem, o professor chamará o aluno que tem a frase, e este trará seu colega que tem o contexto adequado. Ambos deverão explicar qual a relação entre a frase e o contexto e depois, verificarão em um quadro previamente elaborado pelo professor, mas coberto frase a frase com seu respectivo contexto. Se a dupla estiver de acordo com o quadro, eles sentarão juntos, Caso não eles sentarão separados.
 - 4- Quando todos tiverem se apresentado, aqueles que não acertaram, deverão procurar o seu par perfeito.
- 

- 5- Após esse momento, os alunos que tiverem contextos semelhantes, deverão se unir, formando assim quatro grupos (pois o professor preparou tudo pensando em quatro grupos).
- 6- Cada grupo deverá montar uma pequena e rápida dramatização envolvendo as falas e os contextos que eles têm em mãos.
- 7- Solicitar aos alunos que apresentem suas dramatizações para que os colegas assistam e analisem.
- 8- Pedir que os demais alunos tomem nota dos aspectos importantes sobre as falas e o contexto dramatizado.
- 9- Debater sobre o que são os elementos extralinguísticos e como eles interferem diretamente sobre a escolha das variantes.
- 10- Pedir aos alunos que produzam um texto dissertativo em que defendam e expliquem a necessidade de conhecer o maior número possível de variantes e quando aplicá-las numa situação de necessidade.



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 09

Nona atividade

Duração: 02 horas aulas (100 minutos).

Tema: A linguagi du nordestinu é bunita di si vê

Objetivo: Valorizar e combater o preconceito contra a variante nordestina.

Competência e Habilidade: C3 (EF02LP24)

Materiais e Recursos: caderno, notebook, Datashow, Xerox.

Etapas Propostas:

1. Apresentar um vídeo com a música ORGULHO DE SER NORDESTINO, interpretada por Flávio Leandro e disponível na plataforma Youtube pelo endereço <https://youtu.be/TYaNfLLOLNY>.
2. Debate sobre a mensagem da música. Os alunos devem expressar o sentimento que a música pretende despertar nos ouvintes.
3. Análise da música ORGULHO DE SER NORDESTINO a partir da leitura de sua letra. Os alunos deverão registrar as expressões que não tenham compreendido ou desconheçam para compartilhar com a sala e debaterem os possíveis sentidos considerando a lógica textual. O professor pode e deve contribuir apresentando alguns sentidos.

ORGULHO DE SER NORDESTINO:

Além da seca ferrenha
Do chão batido e da brenha
O meu nordeste tem brio
Quer conhecer então venha
Que eu vou te mostrar a senha
Do coração do brasil
São nove estados na raia
Todos com banho de praia

Num céu de anil e calor
São nove estados unidos
Crescentes fortalecidos
Onde o Brasil começou
E hoje no calcanhar da ciência
Formam uma grande potência
Irrigando o chão que secou
É verdade que a seca inda deixa sequela
Mas foi aprendendo com ela
Que o nosso nordeste ganhou
Deixou de viver de uma vez de esmola
E foi descobrir na escola
A grandeza do nosso valor
Eu quero é cantar o nordeste
Que é grande e que cresce
E você não conhece doutor
De um povo guerreiro, festivo e ordeiro.
De um povo tão trabalhador
Por isso não pise, viaje e pesquise.
Conheça de perto esse chão
Só pra ver que o nordeste
Agora é quem veste

É quem veste de orgulho a nação

4. Apresentação do poema NORDESTE INDEPENDENTE na interpretação de Elba Ramalho disponível na plataforma Youtube através do endereço https://youtu.be/GO_Y-P_A7y4.
5. Apresentação da letra escrita do poema NORDESTE INDEPENDENTE para leitura (antecipado pelo comentário feito pela artista) e análise coletiva.



Os políticos, os homens do poder / Esses que deveriam resolver, se empenhar /
E resolver e solucionar os problemas sérios e definitivos do nosso país / Eles
permanecem em Brasília nos gabinetes / Quando se aproxima os anos das eleições /
Eles saem de Brasília... não é? / Vão lá... / Eles pegam um avião, vão lá no nordeste /
Sobrevoam a região, né, se certificam de que a seca realmente no Nordeste / E, entra
ano, sai ano nada vem e o Sertão continua ao Deus dará. /Então diante dessas
circunstâncias todas é que o Poeta Popular já ta fazendo músicas coisas engraçadas
evidentemete, mas é mais ou menos assim: Imagine o Brasil ser dividido e o Nordeste
ficar independenteEntão senhoras e senhores com vocês: Ivanildo Vila Nova, e
Trupizupe Bráulio Tavares o raio da silibrina.

Já que existe no sul esse conceito
Que o nordeste é ruim, seco e ingrato
Já que existe a separação de fato
É preciso torná-la de direito

Quando um dia qualquer isso for feito
Todos dois vão lucrar imensamente
Começando uma vida diferente
De que a gente até hoje tem vivido
Imagina o Brasil ser dividido
E o nordeste ficar independente

Dividindo a partir de Salvador
O nordeste seria outro país
Vigoroso, leal, rico e feliz
Sem dever a ninguém no exterior

Jangadeiro seria o senador
O cassaco de roça era o suplente
Cantador de viola, o presidente
O vaqueiro era o líder do partido
Imagina o Brasil ser dividido
E o nordeste ficar independente

Em Recife, o distrito industrial
O idioma ia ser nordestinense
A bandeira de renda cearense
"Asa Branca" era o hino nacional



O folheto era o símbolo oficial
A moeda, o tostão de antigamente
Conselheiro seria o inconfidente
Lampião, o herói esquecido
Imagina o Brasil ser dividido
E o nordeste ficar independente

O Brasil ia ter de importar
Do nordeste algodão, cana, caju
Carnaúba, laranja, babaçu
Abacaxi e o sal de cozinhar

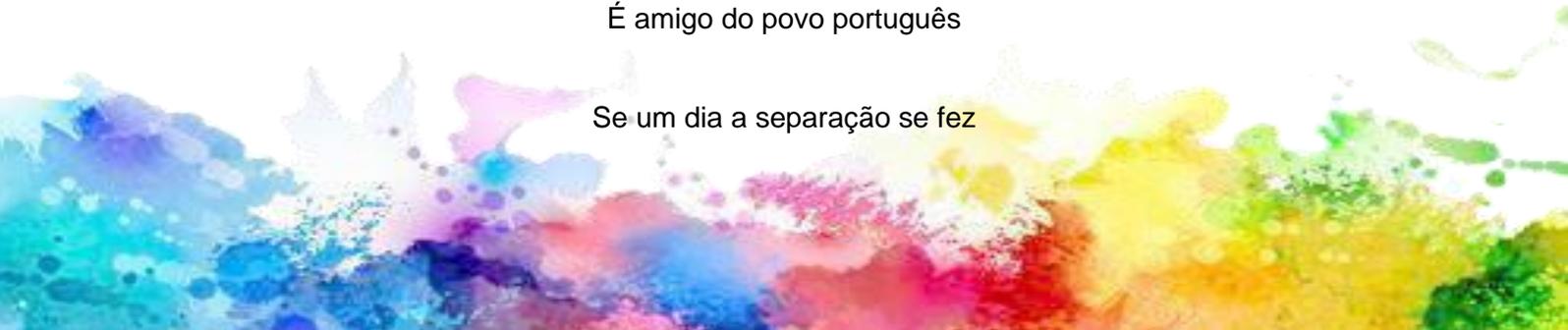
O arroz, o agave do lugar
O petróleo, a cebola, o aguardente
O nordeste é auto-suficiente
O seu lucro seria garantido
Imagina o Brasil ser dividido
E o nordeste ficar independente

Se isso aí se tornar realidade
E alguém do Brasil nos visitar
Nesse nosso país vai encontrar
Confiança, respeito e amizade

Tem o pão repartido na metade
Temo prato na mesa, a cama quente
Brasileiro será irmão da gente
Vai pra lá que será bem recebido
Imagina o Brasil ser dividido
E o nordeste ficar independente

Eu não quero, com isso, que vocês
Imaginem que eu tento ser grosseiro
Pois se lembrem que o povo brasileiro
É amigo do povo português

Se um dia a separação se fez



Todos os dois se respeitam no presente
Se isso aí já deu certo antigamente
Nesse exemplo concreto e conhecido
Imagina o Brasil ser dividido
E o nordeste ficar independente

Povo do meu Brasil
Políticos brasileiros
Não pensem que vocês nos enganam
Porque nosso povo não é besta

6. Indagar os alunos sobre o que eles compreendem por algumas afirmações feitas no poema, como:
 - a. O idioma ia ser nordestinense
 - b. A bandeira de renda cearense
 - c. "Asa Branca" era o hino nacional
 - d. E outras curiosidades
7. O professor deve conduzir a turma a um debate a respeito das diferenças entre as variantes entre os Estados nordestinos
8. O professor deverá apresentar aos alunos um quadro com as principais marcas linguísticas de cada Estado do nordeste brasileiro.
9. Pedir aos alunos que escrevam um poema exaltando a linguagem do nordeste.
10. Socialização dos poemas produzidos pelos alunos sobre as variantes nordestinas



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 10

Décima atividade

Duração: 02 horas aulas (100 minutos).

Tema: A beleza e a riqueza da linguagem do nordeste.

Objetivo: Oportunizar a reflexão sobre as variantes nordestinas e assim, despertar o sentimento de valorização desse lugar.

Competência e Habilidade: C3 (EF02LP24)

Materiais e Recursos: caderno, notebook, Datashow, Xerox.

Etapas Propostas:

1. Apresentação do vídeo do poeta cordelista nordestino Bráulio Bessa disponível na plataforma digital Youtube no endereço <https://youtu.be/npErlIDE1xg>. Com o título: Dialeto Nordestino – Uma resposta ao preconceito.
2. Debate sobre o vídeo apresentado. Os alunos deverão expor oralmente suas leituras sobre:
 - a. o tema do vídeo;
 - b. o objetivo do poeta;
 - c. as sensações advindas da audição do vídeo;
 - d. expressões conhecidas;
 - e. expressões desconhecidas;
3. Distribuição de expressões na variante padrão para que os alunos reescrevam na variante local que eles utilizam no dia-a-dia. Por exemplo:
 - a. Sem rumo = desembestado
 - b. Ponta/peçaço = cotoco
 - c. Engravidar =
 - d. Frouxo =
 - e. Medroso =

4. Socialização das respostas dadas ao conjunto de palavras pertencentes à linguagem padrão para serem reescritas na variante nordestina.
5. Distribuição de expressões típicas do Nordeste para serem reescritas na variante padrão. Exemplo:
 - a. Futucar
 - b. Enfadado
 - c. Engabelar
 - d. Cricri
 - e. Carrada
6. Socialização das respostas dadas pelos alunos na reescrita das variantes nordestinas para a variante culta.
7. Apresentação de um modelo de um dicionário de vocabulário com expressões nordestinas. Explicação de como elaborar um dicionário semelhante.
8. Produção de fichas cortadas em cartolina com expressões pertencentes a variante nordestina e sua reescrita na variante padrão.
9. Colagem pelos corredores da escola das fichas produzidas pelos alunos com as expressões trabalhadas.
10. Encaminhamento para a elaboração individual de um Dicionário com o nome VOCABULÁRIO NORDESTINO.



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 11

Décima primeira atividade

Duração: 02 horas aulas (100 minutos).

Tema: Variantes e seus contextos. Cada um no seu quadrado.

Objetivo: Oportunizar que os alunos reflitam de forma lúdica sobre o espaço contextual adequado para diversas variantes e as práticas preconceituosas que imperam sobre essas variantes.

Competência e Habilidade: C4 (EF35LP11)

Materiais e Recursos: cartolinas, fichas de perguntas, tortas de chantilly e dado.

Etapas Propostas:

1. A sala deverá ser previamente organizada com as carteiras em um grande círculo, de modo a deixar o centro da sala livre para a montagem do percurso que deve ser montado por quadrados (preparados em cartolinas) devidamente numerados. O dado será jogado e o número que cair para cima deverá ser a quantidade de casas que o participante deverá andar. Em cada quadrado haverá perguntas (que não se repetirão) ou tarefas surpresas ou penalidades como: retorno à algumas casas, uma rodada sem poder jogar. Como também premiações para avançar ou bombons para receber.
2. A turma deve ser dividida em 2 equipes por meio de sorteio ou a critério do professor.
3. O professor explicará as regras esclarecendo também que as perguntas serão todas sobre variação linguística. As regras são as seguintes:
 - a. Cada equipe deverá escolher um aluno para andar pelo caminho traçado;

- b. Os demais membros de cada equipe podem e devem ajudar nas respostas das perguntas;
 - c. No caso da resposta apresentada pela equipe estar errada, seu representante volta para o início da corrida.
 - d. Uma equipe não pode atrapalhar a outra;
 - e. O representante que chegar primeiro ao final da corrida, sua equipe será a ganhadora do prêmio.
4. Questionar aos alunos sobre o que eles já compreendem sobre variação linguística.
 5. Indagar os alunos sobre o que é “falar certo” e o que é “falar errado”. O professor deverá intervir e explicar no caso de haver uma compreensão ainda equivocada sobre o assunto.
 6. Apresentar aos alunos frases com declarações preconceituosas, para que eles discutam em equipe como poderiam contra-argumentar e tentar convencer o autor da declaração que ele está cometendo um julgamento equivocado e praticando o preconceito linguístico.
 7. Solicitar aos estudantes que compartilhem com a sala o que suas equipes pensaram e debateram sobre as declarações e que argumentos usariam para tentar convencer o autor das afirmações lidas.
 8. Pedir aos alunos que escrevam frases de combate ao preconceito linguístico.
 9. Os alunos deverão socializar com a turma suas frases, depois escrever num grande painel previamente preparado pelo professor.
 10. No momento do intervalo os alunos deverão colar o painel de frases contra o preconceito linguístico no pátio da escola, num espaço autorizado pela gestão escolar.
- 

PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 12

Décima segunda atividade

Duração: 02 horas aulas (100 minutos).

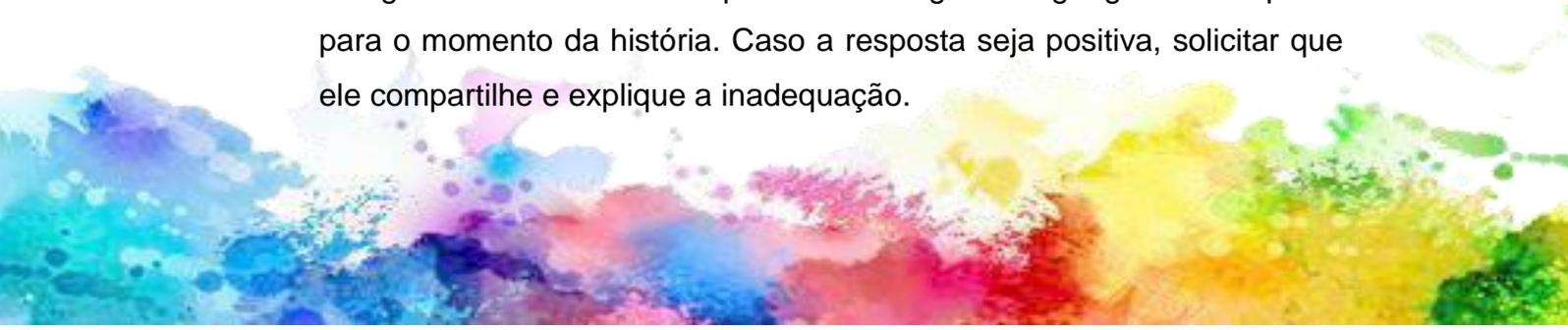
Tema: Narrativas populares na linguagem da criança.

Objetivo: Permitir que a criança se expresse livremente e recontе suas narrativas preferidas do seu jeito e com a sua linguagem sem julgamentos depreciativos.

Competência e Habilidade: C5 (EF02LP19)

Materiais e Recursos: caderno e livros da literatura clássica infantil.

Etapas Propostas:

1. Os alunos deverão ser levados a biblioteca da escola que já deverá ter separado livros da literatura clássica infantil.
 2. Cada estudante deverá escolher um gibi para sua leitura individual.
 3. Após a escolha, todos deverão retornar à sala de aula e fazer suas leituras em silêncio e individualmente.
 4. Uma vez realizadas todas as leituras, os alunos deverão voluntariamente recontar as histórias que leram e falar o que mais gostaram.
 5. Cada aluno receberá um pequeno prêmio (um bombom por exemplo) como prêmio pela participação.
 6. Depois que todos recontarem suas histórias, eles deverão dizer qual história contada pelo colega chamou mais a sua atenção e por quê?
 7. Indagar aos alunos se eles perceberam alguma linguagem inadequada para o momento da história. Caso a resposta seja positiva, solicitar que ele compartilhe e explique a inadequação.
- 

8. O professor deverá intervir caso o aluno esteja cometendo um equívoco na sua avaliação. E conduzir a uma nova reflexão sobre o ponto em questão.
9. Cada aluno deverá escrever uma narração. Com uma regra: Combater o preconceito linguístico.
10. Solicitar que voluntariamente os alunos socializem suas histórias lendo para a turma em voz alta.



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 13

Décima terceira atividade

Duração: 03 horas aulas (150 minutos).

Tema: Um por todos, todos contra o Preconceito Linguístico.

Objetivo: Criar oportunidades para que os alunos conscientizem outras crianças sobre a existência do preconceito linguístico e a necessidade de combatê-lo.

Competência e Habilidade: C7 (EF12LP13)

Materiais e Recursos: caderno, Cartazes e Xerox.

Etapas Propostas:

1. Apresentar aos alunos um roteiro para uma apresentação:
 - a. Escolha do tema;
 - b. Escolha do material;
 - c. Produção do texto (borrão)
 - d. Escrita do texto na variante padrão em borrão (apresentação formal);
 - e. Elaboração do cartaz;
 - f. Definição da fala dos membros da equipe
 - g. Ensaio.
2. Divisão da turma em equipes compostas por cinco alunos;
3. As equipes deverão debater e decidir como vão abordar o assunto do Preconceito Linguístico.
4. Produção textual sobre:
 - a. O que é Preconceito Linguístico?
 - b. Onde ele age?
 - c. Quem são as vítimas mais comuns?

- d. Por que combater essa atitude?
 - e. Como combater essa atitude?
5. Socialização dos textos produzidos pelas equipes com a turma para análise coletiva e contribuições para a melhoria do texto se necessário.
 6. Reescrita dos textos na variante padrão e explicar aos alunos o motivo da reescrita nessa variante.
 7. Ensaio das apresentações. O professor deverá manter as equipes ao seu alcance e acompanhar todas oferecendo dicas de como proceder nas apresentações.
 8. As equipes deverão apresentar para a própria turma seu material.
 9. As equipes serão distribuídas por turma, de modo a alcançar toda a escola simultaneamente.
 10. Finalizada as apresentações, as equipes deverão retornar para a sala, compartilhar suas emoções e ouvir do professor os elogios dos outros professores.



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 14

Décima quarta atividade

Duração: 03 horas aulas (150 minutos).

Tema: A modalidade oral midiática e algumas de suas variações.

Objetivo: Oferecer ao aluno a oportunidade de ampliar sua linguagem na modalidade oral a partir de situações midiáticas específicas.

Competência e Habilidade: C8 (EF02LP19)

Materiais e Recursos: caderno, notebook, Datashow, Xerox.

Etapas Propostas:

1. Os alunos deverão ser divididos em equipes de cinco membros para desenvolverem atividades orais em situações contextuais específicas que exigem uma linguagem em concordância com cada situação.
2. As equipes receberão um texto contendo uma situação específica para desenvolverem o texto e os personagens.
3. Cada equipe deverá elaborar sua apresentação na seguinte ordem:
 - a. Personagens;
 - b. Cenário;
 - c. Fala.
4. Os contextos distribuídos aleatoriamente são os seguintes:
 - a. Apresentação de notícia no Jornal Nacional;
 - b. Cena do Programa A Praça é Nossa;
 - c. Narração de um jogo do Brasil pelo rádio;
 - d. Narração de um desfile de Moda Feminina;
 - e. Propaganda de Brinquedos;
 - f. Propaganda de Carros;

- g. Notícias da Manhã apresentadas na sede de uma rádio;
 - h. Programa de Sílvio Santos.
 - i. Programa de culinária.
5. Cada equipe deverá programar os ensaios;
 6. As equipes serão orientadas a gravar suas apresentações em celular e pedir aos pais que enviem ao professor pelo WhatsApp ou levem pessoalmente à escola.
 7. O professor deverá editar e organizar com antecedência todo o material para apresentar a turma os seus produtos finais.
 8. O professor fará a exposição dos produtos finais de cada equipe, permitindo que cada equipe exponha oralmente suas experiências e quais suas dificuldades com a fala que as situações exigiram deles.
 9. No intervalo, os alunos apresentarão o vídeo em algum espaço coletivo que permita o uso de Datashow.
 10. Os alunos deverão, individualmente, produzir um texto escrito no gênero diário para expor como foi todo o processo de criação do vídeo, do primeiro ao último dia.



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 15

Décima quinta atividade

Duração: 04 horas aulas (200 minutos).

Tema: A linguagem formal também é bonita.

Objetivo: Permitir que os alunos reflitam sobre a utilidade a beleza da linguagem formal para várias circunstâncias do dia-a-dia.

Competência e Habilidade: C8 (EF01LP23)

Materiais e Recursos: caderno e Xerox.

Etapas Propostas:

1. O professor deverá, inicialmente, preparar um caderno com folhas bem coloridas e 20 linhas em cada folha. Mas, sem nomes, nem imagens. Na capa haverá o seguinte título: LIVRO MÁGICO.
2. O professor deverá explicar à turma que aquele caderno se transformará muito em breve em um livro mágico. Nele os alunos criarão uma única história.
3. Cada aluno deverá escrever uma parte da história. O primeiro aluno continuará a partir do ponto em que a história que lhe foi entregue parou, sem, contudo, encerrar a história. O aluno seguinte deve dar continuidade e assim sucessivamente. Mas sem mexer no que foi escrito. Cada um pode dar um rumo que quiser a história, desde que os acontecimentos estejam devidamente amarrados uns aos outros a luz da lógica. E cada um terá apenas 10 minutos para escrever na linguagem formal, no mínimo 20 linhas.
4. O livro será entregue pela ordem que o professor achar melhor, e este deverá cronometrar o tempo.



5. Enquanto o aluno do momento escreve, os demais deverão estar lendo crônicas e contos distribuídos pelo professor.
6. Após o último aluno escrever, o professor deverá fazer a leitura para todos;
7. Indagar aos estudantes o que acharam da história que eles produziram:
 - a. Pontos positivos
 - b. Pontos negativos
8. O professor deverá apresentar trechos que sejam inadequados para a linguagem formal que um livro exige (sem revelar o nome do aluno que tenha cometido a inadequação).
9. O professor deverá preparar uma lista de expressões inadequadas para um livro a partir dos equívocos registrados no material produzido pelos alunos e à medida que as expõe deve apresentar alternativas de sentido equivalente, todavia, adequadas ao contexto.
10. Indagar os alunos qual é o contexto apropriado para as expressões que não se mostram adequadas para um livro de história infantil.



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 16

Décima quinta atividade

Duração: 02 horas aulas (100 minutos).

Tema: As variantes são exigentes. Não aceitam qualquer contexto.

Objetivo: Oportunizar momentos de reflexão sobre as combinações adequadas entre variantes e contextos a fim de os alunos compreendam que todas têm a mesma importância e o mesmo papel, desde que se apliquem no seu momento adequado.

Competência e Habilidade: C5 (EF12LP06)

Materiais e Recursos: caderno e Xerox.

Etapas Propostas:

1. Os alunos se organizarão em dupla. E cada dupla receberá uma expressão em forma de frase, diálogo ou parágrafo com um contexto inadequado.
 2. Depois que cada dupla analisar e refletir, deverão reescrever o contexto adequado para o texto recebido.
 3. Quando todos encerrarem irão escrever a frase e o contexto que concluíram como adequado em um cartaz previamente elaborado pelo professor.
 4. À medida que cada dupla escrever no cartaz, deverá explicar à turma qual foi o contexto em que haviam recebido e por que ele não se aplica ao texto que o acompanhava. E o que os levou a escolha do contexto que reescreveram.
 5. Findadas as apresentações iniciais, a mesma dupla deverá criar um texto que se aplique ao contexto que receberam da primeira vez.
- 

6. Quando todos terminarem, segue-se a mesma lógica inicial. Cada dupla escreverá num outro cartaz, do mesmo modo previamente elaborado pelo professor, o contexto (antes inadequado) e o novo texto produzido por eles que se ajusta perfeitamente à situação exposta.
7. À medida que as duplas escreverem no segundo cartaz, deverão explicar porque produziram o referido texto e quais os princípios lógicos tomaram como base para julgar apropriado o seu texto ao contexto entregue pelo professor no início.
8. O professor deverá mediar um diálogo com todos de modo a permitir aos alunos refletirem e concluírem que não há problemas em nenhuma variante por ser ela mesma; não há problemas em nenhum contexto por ser ele mesmo. Só há problemas quando as variantes são aplicadas inadequadamente a contextos que não se ajustam às características desses falares.
9. Solicitar aos estudantes que produzam, ainda com a mesma dupla, uma lista com falares diversos e seus contextos apropriados.
10. Requisitar que as duplas socializem com todos os colegas da sala a lista confeccionada por eles, permitindo que os colegas contribuam opinando com acréscimos de ideias, retiradas de expressões e alterações.



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 17

Décima sétima atividade

Duração: 02 horas aulas (100 minutos).

Tema: Do improviso ao planejamento.

Objetivo: Compreender que a linguagem oral não é apenas improvisada. Também pode ser realizado um planejamento que deve ser obedecido rigorosamente.

Competência e Habilidade: C1 (EF12LP06)

Materiais e Recursos: caderno e Xerox.

Etapas Propostas:

1. O professor apresentará vídeos disponíveis na plataforma digital Youtube, com trechos de discursos cujos locutores obedecem fielmente o planejamento da fala em função da seriedade do contexto:
 - a. Discurso de campanha política televisionado; <https://youtu.be/wG5rxL113q0>.
 - b. Discurso de formatura; <https://youtu.be/dnbw0RxE9Jk>.
 - c. Discurso de posse presidencial; <https://youtu.be/mNlRh9jNPP4>.
 - d. Discurso religioso; <https://youtu.be/fUIWcx4V6Zk>.
 - e. Discurso jornalístico televisionado. <https://youtu.be/1TqijSO-tyE>.
2. O professor pedirá que voluntariamente alguns alunos aceitem fazer algumas atividades surpresas.
3. Deverão ser escolhidos entre os voluntários alguns alunos que receberão um texto contendo um discurso diferente para cada um deles que, deverão ler respeitando a entonação exigida segundo os seguintes contextos: Observação: O professor pedirá que estes se retirem da sala e ensaiem a o discurso por 20 minutos

- a. Discurso de campanha política televisionado;
 - b. Discurso de formatura;
 - c. Discurso de posse presidencial;
 - d. Discurso religioso;
 - e. Discurso jornalístico televisionado.
4. Aos demais alunos voluntários o professor distribuirá uma xérox contendo informações sobre personagens como:
 - a. Nome
 - b. Características linguísticas
 - c. Características comportamentais
 - d. Preferências pessoais.
 5. Uma vez distribuído o material, os alunos realizarão a leitura, sem divulgar para os demais as características do seu personagem.
 6. O professor dará o primeiro comando para que os alunos comecem a travar diálogo com aqueles que fazem parte do segundo grupo e também receberam o material para ler. Todos deverão seguir as características do seu personagem.
 7. Todos os demais alunos deverão observar atentamente a fala dos personagens e fazer anotações sobre pontos que julgarem relevantes para abordar em seguida.
 8. O primeiro grupo deverá retornar a sala e um após o outro deverão realizar o trecho do discurso que receberam.
 9. Todos os demais alunos deverão observar atentamente a fala dos personagens e fazer anotações sobre pontos que julgarem relevantes para abordar em seguida.



10. Após todas as apresentações, o professor mediará um debate sobre a linguagem planejada X improvisada. Tratar de suas características e refletir sobre a importância das duas formas de expressão oral.



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 18

Décima oitava atividade

Duração: 02 horas aulas (100 minutos).

Tema: O prestígio da variante padrão.

Objetivo: Refletir sobre as razões que dão prestígio social à Variante Padrão e compreender que esses motivos não são científicos.

Competência e Habilidade: C2 (EF02LP19)

Materiais e Recursos: caderno e Xerox.

Etapas Propostas:

1. O professor deverá conduzir a turma em uma conversa informal sobre o que eles compreendem por falar certo, e lançar paulatinamente alguns questionamentos para reflexão coletiva:
 - a. O que é falar certo?
 - b. O que os estudos científicos afirmam a respeito de todas as variantes?
 - c. Se todas são igualmente certas, por quais motivos a variante denominada variante padrão é vista pela maioria das pessoas como a única certa?
2. Após a condução desse diálogo, o professor deverá lançar a seguinte pergunta à turma:
 - a. Como você vai agir, a partir de hoje, para conscientizar as demais pessoas a atingirem a mesma compreensão e consciência que você alcançou sobre a igualdade entre as variantes e os seus contextos de aplicação?
3. Propor aos alunos que realizem um encontro com seus familiares no qual exporão seus conhecimentos e informações com o intuito de trazê-los à consciência da variação linguística.

4. Planejar com os alunos o roteiro da reunião com seus familiares: O professor já terá um roteiro, mas deverá ouvir, analisar e permitir que o aluno se sinta protagonista nesse planejamento:
 - a. Escolher os alunos que vão dirigir a reunião;
 - b. Palavra de saudação;
 - c. Apresentação de um vídeo com mensagem motivacional (seguido da fala de um aluno sobre o vídeo);
 - d. Apresentação teatral com diversas variantes em contextos inadequados;
 - e. Reflexão sobre os problemas demonstrados nas cenas expostas e a participação dos pais;
 - f. Apresentação de novas cenas teatrais com diversas variantes e os seus devidos e apropriados contextos;
 - g. Escolha de dinâmicas pensadas para a conscientização do tema abordado;
 - h. Momento de escuta da fala dos alunos;
 - i. Momento de escuta da fala dos pais;
 - j. Momento de escuta da fala do professor.
 - k. Encerramento.
5. Divisão das tarefas entre os alunos;
6. Orientação para cada grupo saber planejar sua parte;
7. Revisão dos planejamentos de cada equipe;
8. Socialização das primeiras ideias e planejamentos elaborados pelos alunos e confecção da mensagem do convite aos pais.
9. Contribuição entre as equipes com sugestões entre si;
10. Avaliação oral e coletiva da aula do dia.



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 19

Décima sétima atividade

Duração: 04 horas aulas (200 minutos).

Tema: A consciência das variantes linguísticas precisa ser coletivizada.

Objetivo: Permitir que o aluno desenvolva seu protagonismo e trabalhe sua cidadania linguística levando informação a fim tentar conscientizar outras pessoas sobre a igualdade entre as variantes linguísticas.

Competência e Habilidade: C4 (EF01LP23)

Materiais e Recursos: notebook – Datashow – aparelho de som – cartazes – cartolinas – Xerox – fantasias.

Etapas Propostas:

1. Os alunos deverão ensaiar suas apresentações e mostrarem ao professor e colegas como pretendem falar e agir na reunião.
2. Todos os colegas poderão dar dicas uns aos outros a fim de melhorarem suas apresentações.
3. Os alunos, sempre sob orientação do professor, deverão preparar o espaço para a chegada dos pais e reunião;
4. Os alunos deverão fazer um corredor humano para receber os pais e deverão saudá-los fazendo uso de diversas variantes linguísticas.
5. Após a chegada dos pais no horário estabelecido, os alunos darão início à reunião seguindo o roteiro criado pela turma;
6. Logo após todas as apresentações de dramatizações, dos cartazes e vídeos seguidos dos devidos comentários, os alunos falarão o que aprenderam sobre variação linguística, a importância delas, o respeito e

a igualdade que deve haver entre todas e o desejo que têm que as pessoas adquiram a mesma consciência, a começar pelos próprios pais.

7. Na sequência os pais terão oportunidade de falar o que acharam, o que sentiram, o que aprenderam.
8. O professor também falará de suas experiências com a turma ao longo do trabalho desenvolvido sobre as Variações Linguísticas.
9. Os alunos perguntarão aos familiares como estes pretendem agir para conscientizar as pessoas ao seu redor sobre essa questão. Após ouvir a resposta de alguns, os alunos lançarão o convite para que seus pais os acompanhem em um dia de feira pública para distribuírem panfletos e conversar com algumas pessoas sobre o tema.
10. O professor deverá corroborar a fala dos alunos, argumentando sobre a relevância do assunto e a necessidade de uma consciência coletiva, pedir a colaboração através do apoio presencial numa manhã de feira pública para panfletagem que seus filhos farão e falarão. Os pais acompanham seus filhos por medida de segurança e apoio moral.



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 20

Vigésima atividade

Duração: 02 horas aulas (100 minutos).

Tema: A força do tempo sobre a língua.

Objetivo: Oportunizar que os alunos percebam a influência do tempo sobre a língua a partir de expressões que mudaram seu sentido ou caíram no desuso.

Competência e Habilidade: C4 (EF02LP24)

Materiais e Recursos: caderno – xérox - lápis – cartolina e pincéis.

Etapas Propostas:

1. Entrega de 17 palavras portuguesas que caíram no desuso para perguntar aos alunos o que eles acham que significam.
Acartado – assento – botica – cagalhota – escala – franquia – garçom – graveza – ladroa – lambisgoia – lanfranhudo – malota – patego – remelado – safanão – sirigaita – vosmecê.
2. Debate com os alunos para exposição dos sentidos que eles atribuem às palavras apresentadas.
3. Apresentação de um vídeo disponível na plataforma Youtube pelo endereço eletrônico <https://youtu.be/oerv04XK8Sk?t=4> para incitar a reflexão sobre o mudança gerada pela força do tempo em expressões da língua portuguesa.
4. Debate com os alunos sobre algumas das expressões que eles conheciam mas com outros sentidos diferentes dos apresentados no vídeo.



5. O professor deverá distribuir para os mesmo xérox com uma lista de palavras e/ou expressões que caíram em desuso ou mudaram de sentido ao longo do tempo para que os alunos pesquisem em sua comunidade e registrem os significados encontrados. As expressões totalmente desconhecidas e sem respostas podem ser pesquisadas na internet (mas esse será o último recurso)

Quiprocó – Chapoletada – Fuzarca – Chumbrega – Supimpa – Marmota – Carraspana – Ceroula – Bulir – Buliçoso – Basculhante – Chaleirar – Fazer sala – Porongo – Assunar - Lero-lero – Borocoxô - Casa da mãe Joana – Munheca – Convescote – Apalermado – Outrossim - Pé de valsa – Víspora.

6. O professor perguntará aos alunos se eles enfrentaram dificuldades para encontrar entre seus conhecidos os significados das palavras. Se sim, quais?
7. O professor questionará aos alunos o que eles acharam das mudanças ocorridas no sentido das palavras. E mostrará que o tempo pode mudar o sentido ou anular uma expressão e que a língua muda com o tempo.
8. Os alunos socializarão o resultado de suas pesquisas e analisarão pontos de semelhança ou diferença no sentido das expressões.
9. Divididos em equipes, os alunos produzirão cartazes com as expressões e seus significados no passado e no presente.
10. Cada aluno escolherá 4 expressões para produzir frases com o sentido do passado e com o sentido do presente e deverão expor para os colegas e explicar cada frase.



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 21

Vigésima primeira atividade

Duração: 04 horas aulas (200 minutos).

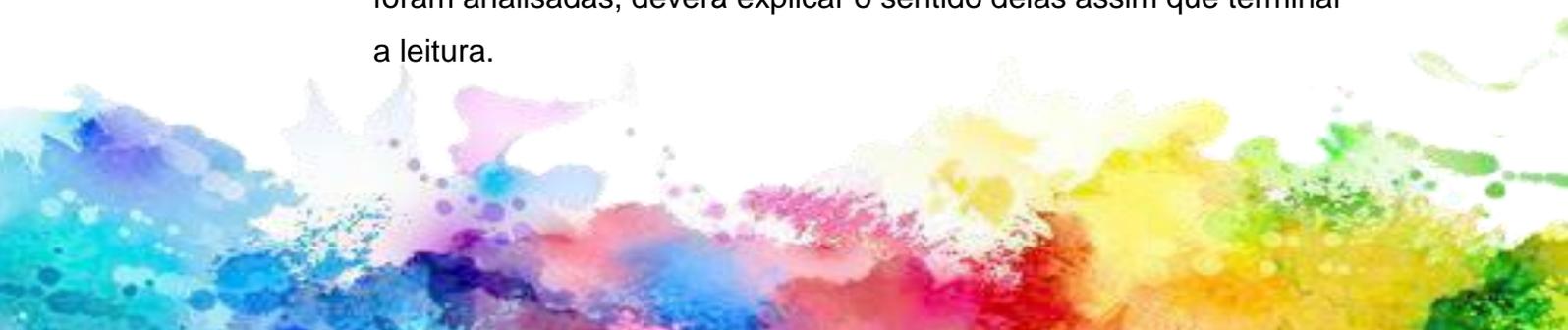
Tema: A força do tempo sobre a língua.

Objetivo: Oportunizar que os alunos percebam a influência do tempo sobre a língua a partir de expressões que mudaram seu sentido ou caíram no desuso.

Competência e Habilidade: C4 (EF02LP24)

Materiais e Recursos: Xérox – caderno e lápis.

Etapas Propostas:

1. Apresentação de expressões que surgiram na geração dos alunos e perguntar a eles o que significa cada uma delas:
Dar o like – sextou – sabadou – printar – zapear – reels – stories – status – sqn – tlg.
 2. Questionar a origem da maioria das expressões apresentadas.
 3. Discutir com os alunos o motivo pelo qual essas e outras expressões não eram usadas antigamente.
 4. Os alunos deverão ser orientados a produzirem um conto fazendo uso das expressões analisadas anteriormente.
 5. Após a produção dos contos, os alunos deverão socializar seus textos com a classe. Caso ele faça uso de outras novas expressões que não foram analisadas, deverá explicar o sentido delas assim que terminar a leitura.
- 

6. O professor deverá conduzir a turma a um debate sobre a força do tempo para deixar de usar expressões, criar novas, dar novos sentidos, ressuscitar expressões que estavam em desuso e outros. A fim de que os alunos percebam os movimentos que língua executa durante o tempo.
7. Os alunos deverão preparar uma tabela com expressões e seus respectivos significados no passado e no presente.
8. Cada aluno deverá escrever um diálogo entre um adolescente (usando as expressões novas) e um ancião (fazendo uso das expressões antigas) tentando estabelecer uma lógica entre as duas realidades.
9. O professor deverá solicitar aos alunos a socialização dos seus produtos.
10. O professor debaterá com os alunos sobre o respeito que se deve ter às expressões antigas e aos que fazem uso delas, e que um dia, assim como a língua mudou para as pessoas mais velhas, também mudará para eles.



PROPOSTA DE ATIVIDADE PRÁTICA 22

Vigésima segunda atividade

Duração: 04 horas aulas (200 minutos).

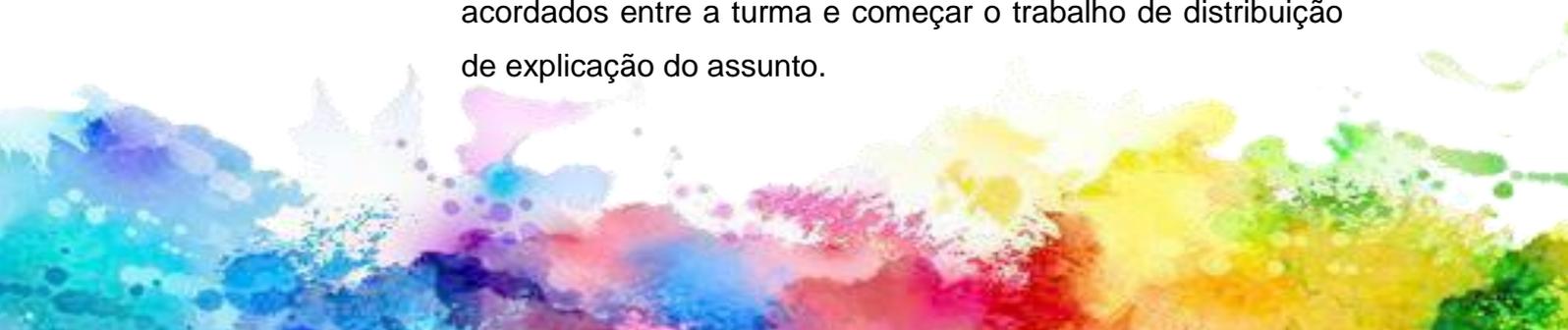
Tema: A consciência coletiva é um bem por direito.

Objetivo: Divulgar na sociedade local panfletos com explicações sobre Variação Linguística. O que é; as formas de preconceito e como combater esse mal.

Competência e Habilidade: C4 (EF02LP24)

Materiais e Recursos: Panfletos

Etapas Propostas:

1. A partir de aulas anteriores em que fora trabalhado o gênero PANFLETO, os alunos produziram, em equipe, vários modelos desse texto e entregaram ao professor para que fossem transformados, organizados, impressos e recortados para que pudessem ser distribuídos conforme planejamento
 2. No local e horário pré-estabelecido, todos deverão se encontrar.
 3. O professor deverá distribuir o mesmo número de panfletos por aluno.
 4. O professor instruirá alunos e familiares como proceder durante a distribuição e explicação do trabalho.
 5. Os alunos, devidamente acompanhados dos pais ou responsáveis, deverão se dirigir aos seus pontos estratégicos acordados entre a turma e começar o trabalho de distribuição de explicação do assunto.
- 

6. No horário pré-definido pelo professor, alunos e pais, todos deverão retornar à escola.

 7. Na escola, em sala de aula, o professor indagará os alunos a respeito da experiência:
 - a. O que sentiram?
 - b. A recepção das pessoas?
 - c. Pontos Positivos?
 - d. Pontos Negativos?
 - e. Sugestões para melhorar o trabalho.

 8. Na sequência dos pais deverão expressar-se com relação a tudo que viram:
 - a. O que sentiram?
 - b. A recepção das pessoas?
 - c. Pontos Positivos?
 - d. Pontos Negativos?
 - e. Sugestões para melhorar o trabalho.

 9. O professor deverá encerrar o momento expressando sua experiência pessoal e profissional:
 - a. O que sentiu?
 - b. A recepção dos alunos, dos pais, dos colegas de profissão, dos demais alunos, da equipe gestora, dos trabalhadores terceirizados na escola.
 - c. Pontos Positivos do trabalho.
 - d. Pontos Negativos do trabalho,
 - e. Agradecer.

 10. A escola oferecerá um lanche especial às crianças, pais, responsáveis, gestão e todos que colaboraram com seu trabalho.
- 

APÊNDICES



Define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

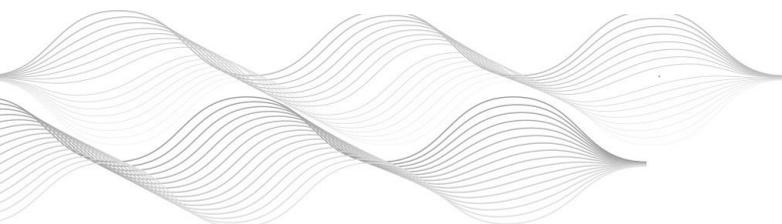
A COORDENAÇÃO NACIONAL DO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

(PROFLETRAS) faz saber que, usando das atribuições que lhe confere,

CONSIDERANDO o enfrentamento da pandemia do Covid 19, no âmbito da esfera acadêmica e, particularmente, na pós-graduação;

CONSIDERANDO o contexto de crise sanitária que impacta a realização das atividades presenciais de intervenção que visam à elaboração do trabalho de conclusão da sexta turma do ProfLetras;

RESOLVE aprovar as seguintes normas:





Art. 1o. Os trabalhos de conclusão da **sexta turma** poderão ter caráter propositivo sem, necessariamente, serem aplicados em sala de aula presencial.

Art. 2o. O trabalho de conclusão deverá, necessariamente, apresentar **um produto** (proposta de sequência didática, criação de material didático, desenvolvimento de software etc.) a ser sistematizado a partir, por exemplo, da análise de livros e materiais didáticos, da reflexão advinda de trabalhos de conclusão no âmbito do ProfLetras e da intervenção na modalidade remota.

Art.3o. Os produtos a serem sistematizados devem seguir os diferentes formatos previstos tanto no âmbito do programa quanto aqueles apresentados nos documentos de área.

Art. 4º: Esta Resolução entra em vigor a partir da data de sua publicação.

02 de junho de 2020.

Profa. Dra. Maria da Penha
Casado Alves
**PRESIDENTE DO
CONSELHO GESTOR**

